



www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito Sexta-Feira 28 de Fevereiro de 2014 • Venda Proibida • Edição Nº 276 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no



@gil_vicente4 Descansa
em paz. RT @verdademz:
Morreu Mário #Coluna, o
grande capitão (1935 -

2014) [verdade.co.mz/
opinia30/443...](http://verdade.co.mz/opinia30/443...) #Benfica pic.
twitter.com/tBoKrVeMd1



@DOMINATION "@
verdademz: Homem mais
rico de África quer investir
em #Moçambique verdade.co.mz/economia/44314" • quer
comprar**

@FernandoSrgio
#Nampula, acidente de
viação mata quatro
estudantes da Escola
Secundária #Nampaco tarde desta
quarta-feira @verdademz pic.twitter.
[com/pQPfNBQUFG](https://twitter.com/pQPfNBQUFG)



@Alex_Nkuna @verdademz
Cade a criação de PATOS
do Sr. Presidente??? Ou
somos nós Do Rovuma a
Maputo

@TonyStarx1 Yo meu nigga
Keleza é um excelente
escritor. Sigam a sua
coluna no @verdademz

@reinaldoluis19 @
verdademz O ISARC prevê
introduzir, em 2015, o
curso de Licenciatura em
Dança no país. #cultura

@joaoremeiro "@
verdademz: É isto que a lei
em #Moçambique
recomenda: queres casar
com alguém que te rejeita, viola e
depois casa [verdade.co.mz/
mulher/44223](http://verdade.co.mz/mulher/44223)"

@TheRealWizzy Não gostei
DDB e MMA, da vossa burla
ao meu Velhote Gabriel
Chiau, tsk bando de
corruptos - Plateia, Pág. 26 @
verdademz ed. 275

@SiteDuarte @verdademz
#voleibol Moçambique
terminou o "africano" de
voleibol na ultima posição
com o saldo de cinco derrotas em
igual numero de jogos

@LangaNildo @verdademz
@DemocraciaMZ crime
organizado, ate quando?

@ReginaldoMangue @
verdademz# A falta de
água é uma triste
realidade em Mahubo 18,
distrito de Boane, Maputo. [pic.twitter.
com/BVZdAtBmNW](https://twitter.com/BVZdAtBmNW)



@SamaZandamela Um
indivíduo #inforcou-se
ontem no B.J Dimitrov por
razões desconhecidas em
sua casa a #PIC fez a pericia e
remocao do corpo @verdademz

@7thedon7 @verdademz
os residentes da Matola e
arredores, chegaram às
suas residências a altas
horas da noite devido a um acidente
na EN4. (cont)

- “Os treinadores na
cabina antes de a gente
entrar para o campo
davam instruções, vão
jogar assim, assim,
assado, mas lá dentro do
campo quem manda é o
Mário Coluna”

*Monstro Sagrado em
entrevista à Benfica TV*



Desporto PÁGINA 21-22

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Destaque PÁGINA 14-17

Conforto de Mulémbwè custou dezenas de milhões de meticais



RECENSEAR

de 15 de Fevereiro até 29 de Abril
para poderes votar

Depois conta-nos: #Foi fácil? #A equipa foi simpática? #Havia uma fila longa? #Tiveste algum problema?



SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com



WhatsApp: 84 399 8634



BBM Pin: 2ACBB9D9

Editorial

averdademz@gmail.com

Tudo é permitido

Uma escola algures em Gurúê não sabe o que são carteiras e num ponto distante da cidade de Maputo os medicamentos escasseiam. No entanto, um ex-Presidente da Assembleia da República desfruta de privacidade graças a cortinas caríssimas, que custam mais do que várias moradias de construção precária de bloco cru que abundam um pouco por toda a periferia de Maputo. Cortinas mais valiosas do que medicamentos que poderiam, se estivessem no lugar certo, impedir que a malária e a cólera dizimassem vidas. Poderíamos, na esteira da indignação, arrolar um contentor de medidas prioritárias para o bem colectivo de todos nós. Contudo, seria hipocrisia comparar com um gasto mínimo do rol de extravagâncias dos altos dirigentes do Estado.

Cortinas de 600 mil meticais é muito pouco para garantir o conforto de quem tanto serviu os moçambicanos. Mulémbwê foi Presidente da Assembleia da República e é, de todo, desrespeitoso julgar que é um luxo colocá-lo numa casa de 29 milhões de meticais. Quem dirigiu um casa que sempre pensou no povo e que nunca quis regalias, cujos membros (deputados) sempre viveram com o salário mínimo e se serviram de meios de transporte públicos para falar com os seus leitores é muita maldade. O senhor que vive numa residência com um sistema de segurança caríssimo lutou por todos nós. Quando o preço do “chapa” subiu o homem deu a cara pelo povo; quando o pão passou a custar os olhos da cara o homem foi visto ao lado de Hélio Rute Muianga. O miúdo tombou ao seu lado para provar o seu compromisso com a causa das classes oprimidas.

Trata-se de um senhor que anda de “my love” e come o pão que o diabo amassou devido à sua verticalidade. De um senhor que enquanto responsável máximo da Procuradoria decidiu combater o crime organizado. Não há, portanto, dúvidas de que estamos diante de um ser merecedor do mais alto conforto.

Seria, contudo, bom se isso fosse verdade e se o compromisso dessa gente não fosse com o dinheiro. Vinte e nove milhões de meticais é muito dinheiro para custear o conforto de seja quem for num país com um défice de medicamentos na ordem de 30 por cento. Um país do terceiro mundo não se pode dar ao luxo de sustentar esbanjadores do erário. É, de facto, abraçar de forma eloquente a hipocrisia, a burla e a farsa, garantindo conforto desmedido aos donos do país.

O que é feito da política de habitação? Será mais importante dar casa aos Mulémbwês da vida aos jovens que lutam sol a sol por uma vida digna? O pior é que Mulémbwê tem e sempre teve casa. E a lei é clara nesse aspecto: quem deve ter casa disponível e não para si é o ex-dirigente que não tem onde cair morto. O que não é, definitivamente, o caso de Mulémbwê. Realmente, de gastos desnecessários se faz um país.



Boqueirão da Verdade

“O mesmo grupo (G40) veio a ter-reiro defender que não se pode direccionar as críticas ao Presidente, mas quando se fala de feitos é tudo obra do filho mais querido, o imaculado, o miraculoso e endeusado Guebuza, sem o qual até o campo-nês de Mapinhane não produziria os seus alimentos”, **Mahadulane**

“Se Alexandre Chivale está frustrado com a mamã Graça Machel, imagine-se quantos moçambicanos estarão frustrados com ele! Indirectamente, ele acusa os subscritores de serem “ex” e frustrados. Seria interessante saber que frustração pode ter um indivíduo que vendeu um banco por si criado e arrecadou a módica quantia de 30 milhões de dólares; ou alguém que herdou 50% da fortuna de Mandela, avaliada em 46 milhões de dólares. Frustrados eles devem estar, isso sim, por verem um grupo de interesseiros a destruírem um partido que eles fundaram e/ou ajudaram a construir, coadjuvados pelos discípulos do G-40”, **Idem**

“Só com muita ingenuidade é que se poderia defender que perder Gurúê é algo “normal” para a Frelimo, por este partido ter “convincentemente” ganho 49 em 53 autarquias possíveis. (...) A Frelimo tem, ou reivindica, 40 mil membros naquela urbe chazeira, mas na eleição repetida há dias, não se conseguiu mobilizar pelo menos metade daqueles (20 mil) para votarem no candidato do “batuque e maçaroca” e na própria organização política. Assim, pode-se depreender que a capacidade de mobilização do Secretariado dirigido por Paúnde é de uma insignificância de proporções bíblicas”, **Ericino de Salema**

“A Renamo deve começar a pensar no substituto de Dhlakama, o futuro candidato, porque as minhas fontes dizem que este Sr. vai ser capturado antes das eleições”, **Eusébio A. P. Gwembe**

“Eu tenho algumas questões – à procura de respostas – sobre a nova composição da CNE aprovada pelo Parlamento, após exigência da Renamo e como condição sine qua non para parar com os ataques armados. A fórmula 5 FRELIMO + 4 RENAMO + 1 MDM + 7 Sociedade Civil... é válida até quando? Se em Outubro a Renamo voltar a perder nas eleições, esta composição continuará a mesma? Se o MDM em Outubro, conseguir mais votos que a Renamo (Ou se a Renamo e o MDM conseguirem mais votos que a FRELIMO) o Parlamento vai aprovar outra lei de composição da CNE que reflecta o poder político do MDM? Se a Renamo, mesmo com esta composição, perder nas eleições de Outubro, o que vai fazer? Voltar às matas da Gorongosa e exigir outra composição?”, **Zenaida Machado**

“Temos hoje, mais do que nunca, razões que sobejam para acreditar que o bom senso irá prevalecer contra o espírito de guerra para que os moçambicanos continuem a ter o que merecem: a paz, a liberdade, o progresso e o bem-estar”, **Verónica Macamo**

“Os acontecimentos que geraram a crise política que descambou em político-militar reflectem a agonia deste regime tão colonial quanto o foi o de Salazar que tanto explorou o negro quanto o branco. Este regime não vai de maneira nenhuma deixar de manobrar o processo político moçambicano, porque ele próprio já percebeu que está à beira da morte e não já consegue esconder a sua dor lancinante e todo o seu desvario”, **Renamo**

“O início do recenseamento sem mais cedência por parte do Governo, mesmo sabendo que a Renamo não estava preparada e solicitara um adiamento, só pode estar a evidenciar alguma forma de pressão e uma má-fé. Na verdade está na manga mais uma manobra grossa por parte do Governo para dar um golpe de mestre ao adversário. O desejo do partido governamental neste momento não é uma reconciliação verdadeira, mas sim arrastar Afonso Dhlakama para longe de Gorongosa para vir recensear e, zás, escalam o monte e fixam-se lá para fazerem o resto, mesmo que o essencial não tenha sido resolvido. O Governo e o seu partido neste momento só querem ver uma Renamo desarmada, para continuarem a carregar sobre este partido e o seu líder. Não querem nada sério”, **Idem**

“Nós estamos na construção do processo democrático, quando o nível de confiança dos actores, dos partidos e dos cidadãos em relação às decisões políticas é muito baixo. Muitas vezes, a falta desta confiança tem criado condições para potencializar este conflito. Se isto (partidarização dos órgãos eleitorais) vai ajudar os actores políticos (neste caso a Frelimo, a Renamo, o MDM e as outras forças políticas) a confiar mais na Comissão Nacional de Eleições e no Secretariado Técnico da Administração Eleitoral e contribuir para a estabilidade do país, acho que é um risco que devemos correr”, **João Pereira**

“A Comissão Nacional de Eleições foi sempre gerida dentro da lógica da bipolarização. Se os eleitores dão legitimidade à Renamo ou à Frelimo para representar os seus interesses, não serão organizações da sociedade civil nem a vontade externa que vai impor esta vontade interna. O sistema político moçambicano, neste momento, é bipolarizado e é a partir da bipolarização que se vão construir as decisões democráticas, até que se chegue a uma altura que o próprio MDM ou outra força política consiga fazer frente a esta bipolarização”, **Idem**

“Eu sou moçambicano e ando há muito tempo à procura da sociedade civil que não seja politizada. Todas as organizações da sociedade civil, directa ou indirectamente, têm os seus interesses. Se calhar daqui a 15, 20 anos, quando, por um lado, houver reformas profundas na sociedade, e, por outro, tivermos uma classe média muito mais forte que a que existe actualmente, é que teremos instituições independentes”, **Ibidem**

OBITUÁRIO:

Mário Coluna
1935 - 2014
78 anos



Perdeu a vida, nesta terça-feira (25), Mário Esteves Coluna, antigo seleccionador nacional e presidente da Federação Moçambicana de Futebol. O “Monstro Sagrado” não resistiu a uma crise cardíaca.

Nascido no distrito de Magude, na província de Maputo, o finado deu entrada no Instituto de Coração, em Maputo, na tarde do último domingo (23), de onde veio a perder a vida na noite desta terça-feira (25), depois de mais um ataque cardíaco.

Mário Coluna foi, por excelência, um dos maiores futebolistas moçambicanos. Iniciou a carreira no Desportivo de Lourenço Marques, na altura filial do Benfica, mas depois rumou a Lisboa para representar a camisola do clube encarnado.

Ao serviço das Águias, o “Monstro Sagrado”, como era carinhosamente chamado em Portugal, foi vencedor de duas edições da Taça de Clubes Campeões da Europa, a actual Liga dos Campeões da UEFA, nos anos de 1961 e 1962; foi 10 vezes campeão nacional e ergueu por sete vezes a Taça de Portugal.

Representou também a selecção nacional de Portugal, em que marcou oito golos em 57 jogos. Coluna foi capitão do conjunto das “quinas” que em 1966 alcançou a terceira posição do Campeonato Mundial de Futebol que decorreu na Inglaterra, a melhor classificação de sempre daquele país europeu.

Regressado a Moçambique, Coluna tornou-se seleccionador nacional tendo, mais tarde, sido eleito presidente da Federação Moçambicana de Futebol. Ainda em solo pátrio, o “Monstro Sagrado” conquistou o primeiro título de campeão nacional de futebol, pós-independência, ao comando do Textafrika de Chimoio em 1976.

Mário Coluna morreu aos 78 anos, deixando viúva, três filhas e uma vida inteiramente dedicada ao futebol.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.

António Fernando

“Eles cortam energia e sabotam uma nação inteira. Estive na Beira semana passada, todos os dias havia cortes, mais de 10 por dia! Chegado aqui a Maputo, na minha zona CMC/Guava, os cortes continuam. Talvez queiram dizer-nos para não comprarmos mais congeladores ou então para deixarmos de fazer o nosso magro rancho mensal. Ao invés de comprar 10 frangos e guardar, talvez tenhamos de comprar um frango de cada vez que quisermos cozinhar. A EDM, para mim, não devia constar mais na pesquisa da KPMG sobre as 100 maiores empresas em cada ano. A EDM é uma vergonha, é, de longe, a pior empresa da África Austral. A EDM, à sua maneira, está a fazer história. Talvez tenhamos que fazer uma marcha colectiva contra esta empresa. Os problemas são sempre os mesmos, não muda, não melhora nada, mas quando estão na televisão, sempre dizem que têm planos disto, projecto disto, mas não muda nada. É impressionante a capacidade que esta empresa tem para ser estúpida. Se há uma vergonha colectiva que une os moçambicanos, essa é, sem dúvida, a EDM. A EDM da nossa vergonha colectiva”. Depois da indignação deste leitor não há espaço para negar que o PCA daquela empresa pública, depois das suas infelizes declarações, é um perfeito Xiconhoca.

Filipe Paúnde

“Afinal, a vírgula de Paúnde é amovível? É apenas necessário que uma reunião de antigos combatentes tenha força para o fazer, já que os jovens da Frelimo são uma lástima no que à leitura de estatutos diz respeito. Só mesmo um Xiconhoca não coloca o seu lugar à disposição depois de ser confrontado com a verdade do espírito dos estatutos do partido que o alimenta. O camarada Paúnde devia, se quer ainda ser digno de algum respeito, abandonar a cadeira que ocupa na Frelimo antes que seja escorraçado”, afirma um leitor e a @Verdade não pode, diante dos factos, discordar da escolha. O povo é soberano e, quando ele escolhe, só podemos, por arrasto, concordar em género, número e grau. Xiconhoca.

Águas da Região de Maputo

“Não se pode, de forma alguma, brincar com o consumidor. O contrato que temos com a empresa que fornece água não pode ser apenas de obrigações para os consumidores. A empresa tem a obrigação de informar para que as pessoas possam, atempadamente, programar as suas actividades”, disse um leitor que foi imediatamente coadjuvado por outro que alegou que “só num país onde o cidadão não conta é que se publicam anúncios dessa dimensão e gravidade num papel higiénico como o Notícias. Quem lê aquele jornal?”. A nossa missão não é questionar o leitor, mas sim eleger o Xiconhoca em função da maioria. Xiconhoca.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Politização da CNE e STAE

Não há dúvidas de que a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) são órgãos que vão a reboque de interesses políticos instalados. Recentemente, as delegações do Governo e da Renamo chegaram a um consenso sobre o debate em volta do pacote eleitoral. As duas partes acordaram que os órgãos eleitorais serão constituídos por membros dos partidos políticos com assento no Parlamento, nomeadamente a Frelimo, a Renamo e o MDM. Neste contexto, concluíram que, ao nível central, o STAE vai contar com 18 membros provenientes das referidas formações políticas. E a nível provincial e distrital terá seis membros cada.

O ingresso, segundo Gabriel Muthisse, chefe interino da delegação do Governo, vai circunscrever-se aos critérios dos concursos públicos, um método que vai invalidar o quadro permanente e nuclear do STAE. Isto é, os membros dos partidos políticos ingressarão apenas quando se aproximarem os processos eleitorais, porque o STAE deverá continuar a reger-se pelas regras de funcionamento dos órgãos públicos. Entretanto, a Assembleia da República acabou por aprovar por consenso a proposta de lei de revisão da lei eleitoral e sobre a composição dos órgãos que fazem a gestão dos processos eleitorais.

Guerra continua

A cada dia que passa fica claro que há interesses obscuros por detrás da tensão político-militar que se vive no país. Apesar do entendimento alcançado em sede de diálogo político, na capital do país, entre o Governo e a maior força política da oposição em Moçambique, a Renamo, e mesmo após o Parlamento ter aprovado por consenso a Lei Eleitoral, a tensão militar que começou em Junho de 2013 e se alastrou para o sul do país continua no distrito da Gorongosa, na província de Sofala.

A serra da Gorongosa, na província de Sofala, centro de Moçambique, voltou a ser alvo de ataques do Exército. Populares confirmaram que um contingente militar, que inclui o Exército e a Polícia anti-motim (FIR), reforçou a equipa local, estando a movimentar-se com frequência em direcção à serra. Vários militares feridos deram entrada no Hospital Distrital da Gorongosa, que durante a noite ficou cercado pelo Exército. Outros foram transferidos para o Hospital Provincial de Chimoio, na capital de Manica. “Há muitos militares feridos no hospital. A população está toda dispersa porque os combates chegaram à vila da Gorongosa. Os poucos que estão na rua andam assustados”.

O confronto começou quando a guarda do líder da Renamo “repeliu um avanço” do Exército, na serra da Gorongosa, onde se supõe esteja Afonso Dhlakama, tendo os combates se estendido até à vila, na perseguição aos militares que recuaram.

Nomeação de indivíduos com passado duvidoso

A ministra da Justiça, Benvinda Levi, na qualidade de chefe dos Xiconhocas, acabou por cometer uma grande Xiconhoquice ao empossar para cargos de chefia no sector penitenciário indivíduos com um passado duvidoso devido ao seu envolvimento em actos ilícitos, nomeadamente desvio de fundos, falsificação de assinaturas, entre outras falcaturas. Por exemplo, o professor Luís Abel dos Santos Cezerilo que foi empossado como director nacional do Serviço de Cooperação, já esteve envolvido em actos de roubo em instituições do Estado.

Alberto Castigo Machaieie é o novo director do Estabelecimento Penitenciário Provincial de Maputo e já teve problemas na gestão das contas quando era director da Cadeia Central de Maputo. Trata-se de uma falcatura que foi descoberta através de uma auditoria do Tribunal Administrativo.

Esses são apenas alguns exemplos. Porém, seguem-se outros “sortudos” cujos desmandos morreram nas gavetas dos “chefes”. É o caso de Samo Paulo Gonçalves, Luís Sabão Almolado e Eduardo Mussanhane, nomeados director nacional do Serviço de Operações Penitenciárias, director do Estabelecimento Penitenciário Provincial de Nampula e director-geral do Serviço Nacional Penitenciário, respectivamente.

Uma vida dedica ao abate de animais

Há mais de 40 anos que os funcionários do Matadouro Municipal da cidade de Nampula exercem a actividade de abate de animais mergulhados num emaranhado de problemas que são ignorados pela entidade empregadora: a edilidade. No princípio, quando o abatedouro ainda se encontrava sob gestão dos portugueses, os degoladores, segundo conta Kanapanheriua Yarivava, um dos trabalhadores mais antigos, beneficiavam de alguns incentivos para a sua labuta. Presentemente, a realidade é outra. Sem meios adequados, eles chegam a tirar dinheiro do seu próprio bolso para a compra de equipamento de trabalho.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Deixando de lado as preocupações que enfrenta no dia-a-dia no seu posto de trabalho, Kanapanheriua Gregório Yarivava, de 63 anos de idade, dos quais 45 dedicados à actividade de abate de animais, diz sentir-se bem com o que faz, porque, além da experiência que carrega, é o seu único meio de sobrevivência.

É com o salário que aufer mensalmente que garante o sustento de 16 filhos e 32 netos, além da sua esposa. Ele gostaria de se reformar, porém, tal ainda foi acontecido. A necessidade de continuar a exercer a actividade é expresso no rosto de Yarivava, e quem o vê fica com a impressão de que o ofício de abate de animais é fácil. Na verdade, o trabalho exige sacrifício e coragem, pois “o boi não é um mamífero que se sente confortável ao lado de quem pretende tirar a sua vida”, argumenta.

O salário magro que recebe há 45 anos não o deixa desanimado. Muitas vezes, ele tem de ignorar as dificuldades que enfrenta. A título de exemplo, Yarivava tira dinheiro do seu bolso para comprar facas, machados, catanas e outro material de trabalho. A edilidade que é gestora



do Matadouro Municipal não se digna a adquirir esse material e equipamento de trabalho.

Segundo conta Yarivava, há cinco anos que não recebem fardamento, nomeadamente batas, botas e máscaras para se prevenirem de doenças respiratórias provocadas pelo mau cheiro que os excrementos dos animais produzem. “Nós é que nos preocupamos em comprar o equipamento de trabalho”, diz o degolador.

Sacrifício sem remuneração

Os degoladores trabalham mais de oito horas por dia. A actividade no novo matadouro inicia às 5h00 e estende-se até pelo menos 18h00, uma vez que têm de cumprir a meta diária de abater 25 cabeças. No antigo abatedouro, matavam em média de 30 bois por dia, das 5h00 às 14h00.

No novo matadouro falta quase tudo, desde local para pendurar o animal morto. Na sala onde se realizam as inspecções após o abate não existem condições para a avaliação sanitária. Pelo menos, segundo Fernando Hononiwa, responsável do abatedouro, no ano passado foram detectados 12 casos de gado bovino infectado por tuberculose, tendo a carne sido incinerada.

Além da falta de material de trabalho, o salário que os funcionários auferem não dignifica o seu trabalho. Trabalham muito e ganham muito pouco. Desde o período colonial, a situação foi assim.

Yarivava afirma que, antigamente recebiam 1.500 meticais, valor que foi subindo de forma gradual. Presentemente, ganham três mil meticais, embora o matadouro produza mais de 15 mil meticais diários em receitas.

O vencimento não satisfaz as necessidades dos trabalhadores devido ao aumento do custo de vida. “Há mais de dois anos que não compro uma camisa nova, porque, primeiro, tenho a obrigação de adquirir vestuário para os meus dependentes e, no fim, olhar para mim”, conta.

Não obstante o salário mísero, a assistência médica e medicamentosa é custeada pelos seus próprios bolsos. No tempo colonial, recebiam aspirina e paracetamol que deviam ingerir durante o início e o fim das actividades. Volvidos alguns anos, cada trabalhador tinha direito a uma lata de leite em pó. Presentemente, todos os funcionários são obrigados a partilhar a mesma quantidade.

“É difícil colocar o pão na mesa todos os dias”

Para garantir o sustento diário do seu agregado familiar, a família de Yarivava dedica-se ao cultivo de diversos produtos, tais como milho, mapira, amendoim, arroz, entre outros. Segundo explicou o degolador, seria difícil com o salário garantir, todos os dias, comida para o agregado familiar, pois o preço de bens alimentares tende a subir a cada dia que passa.

@Verdade soube que os agentes da Polícia Municipal que supostamente deviam vigiar a nova infra-estrutura não o fazem, razão pela qual os degoladores são obrigados a fazer trabalho duplo, sendo que, durante o dia, abatem os animais e, à noite, desempenham a função de guardas-nocturnos. “Neste matadouro estamos a sofrer”, afirma Francisco da Rua, de 63 anos de idade, um funcionário que trabalha como degolador desde o ano de 1973. Ele acrescenta que não se importaria exercer as funções de vigilante se fosse remunerado por isso.

Matadouro novo, métodos de matança antigos

Apesar de o matadouro ser novo, o processo (rudimentar) de matança continua o mesmo. Quando um animal é retirado do curral, geralmente, em cinco minutos é abatido. Mas nem sempre tem sido assim, pois, em alguns casos, devido à resistência do bicho, a operação decorre em meia hora. Com uma corda no pescoço, os bois são arrastados por um grupo de pessoas que, com facas afiadas, cada indivíduo vai desferindo violentos e cruéis golpes na parte superior da cabeça. Entre uma facada e outra, o boi muge, esperneia e tenta dar coices a quem se aproxima. Grita de dor. A cena repete-se sucessivamente, até o animal cair ofegante e inconsciente.

PROCURA-SE

Empresa moçambicana procura técnico de manutenção com experiência em impressora rotativa de marca Solna

Interessados devem contactar o telefone
864503076

ou responder para o email
centralgraficamoz@gmail.com

Publicidade

Água à míngua

O acesso a água potável nos grandes centros urbanos e na periferia continua difícil. Os municípios acham que o abastecimento tende a piorar, apesar da construção de infra-estruturas de captação, tratamento e distribuição. Nas zonas rurais vive-se um drama constante e, regra geral, pessoas de todas as idades palmilham bairros à procura de um bidão do precioso líquido, o qual é adquirido, depois de tanto sofrimento, a dois meticais, um preço que para certas famílias é proibitivo.

Texto: **Redacção** Foto: **Reginaldo Mangué**

O acesso a água ainda é deveras insignificante em Moçambique. As estatísticas indicam que cerca de metade da população, estimada em 23 milhões de pessoas, não beneficia do precioso líquido. Em situações como estas, vários cidadãos “curvam-se” diante daquelas famílias que possuem poços tradicionais e suplicam um bidão de água.

No meio rural, onde vive a maior parte dos moçambicanos, o número de gente sem este bem essencial mantém-se elevado. A água é fonte da vida. Prova disso é que como alternativa, as comunidades expõem-se e enfrentam crocodilos para aliviar o sofrimento a que estão sujeitas.

Nos centros urbanos a situação tem estado a melhorar mercê da instalação de novas unidades de captação e tratamento de água, bem como a substituição das condutas obsoletas, contudo, o calvário persiste. Entre sábado e domingo passados, as zonas suburbanas dos municípios de Maputo e Boane estavam desprovidas de água em resultado da substituição de duas válvulas de grande dimensão no bairro de Chamanculo, o qual garante o fornecimento àquelas autarquias.

José Maria Adriano, porta-voz e director de Recursos e Comunicação da empresa Águas da Região de Maputo, explicou ao @Verdade que o trabalho foi realizado no fim-de-semana para evitar prejuízos às indústrias. A firma indica ainda que emitiu um aviso, ao qual, porém, pouca gente teve acesso. Milhares de cidadãos foram encontrados desprevenidos e com os reservatórios vazios. Todavia, o nosso interlocutor referiu que as obras em causa são da responsabilidade do Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) e não da companhia que representa, a qual estava apenas a ajudar.

No bairro de Malhampsene a escassez do precioso líquido afecta os quarteirões cinco e seis desde meados do ano passado. Em contacto com a nossa Reportagem, a população manifestou-se desapontada com o FIPAG e disse que é inconcebível, no século XXI, acordar-se por voltas das 03h:00 para buscar água algures, onde, apesar da disponibilidade durante algumas horas do dia, o fornecimento é deficitário e é feito com restrições. Os restantes quarteirões dispõem deste bem essencial, porém, somente na parte da manhã e sem pressão nenhuma.

Na Mafalala, há meses que os moradores daquela área periférica da cidade de Maputo não têm água potável. Contudo, a firma que fornece os serviços nunca deixou de emitir facturas. Num dia de calor abrasador, encontrámos Joaquina Macia, por acaso, numa das ruelas daquela zona, com um bidão vazio à cabeça e aflita. Ela é secretária do bairro e residente no quarteirão 23.

A senhora não escondeu a sua insatisfação em relação aos serviços prestados pelas Águas da Região de Maputo e pelo FIPAG: “Neste bairro sofremos bastante. Apesar de termos torneiras nas nossas casas, há meses que não pinga nenhuma gota de água. Mesmo assim, mensalmente a empresa envia-nos facturas de consumo que varia de 350 a 500 meticais. Gostava de perceber que fim se dá a esse dinheiro porque, para além de eles (as duas firmas) terem parado de fazer a leitura aos contadores, não fornecem água. No meu caso há quase um ano.”

À semelhança de Malhampsene, na Mafalala, os habitantes levantam da cama por volta das 3h:00 e só conseguem um bidão de água por volta das 10h:00 porque nos lugares onde buscam o precioso líquido há filas enormes. Eles gos-



tariam que alguém ouvisse o seu clamor e fizesse algo para evitar o sofrimento por que passam.

“Estamos a pagar por um serviço que não existe. Na minha casa a água não jorra desde Novembro do ano passado e ninguém me explica o que se passa. Entretanto, mensalmente recebo as facturas de consumo, apesar de todos os dias eu comprar água a dois meticais por bidão. Quando não há água onde compramos habitualmente consumimos a dos poços, pese embora não esteja em condições para o efeito”, contou Alzira Castro, moradora na rua 3.043 na mesma zona.

No mesmo bairro, Celestino Langa é uma das pessoas cujas torneiras jorram água durante algumas horas, diariamente. Por via disso, a sua casa enche de gente proveniente de vários quarteirões de Mafalala com o propósito de encher pelo menos um recipiente. O cidadão admitiu que a empresa Águas da Região de Maputo e o FIPAG proíbem os seus clientes de vender de água a terceiros, mas ele não pode deixar de ajudar quem precisa por causa dessa inibição, cobrando dois meticais por cada bidão de 25 litros.

Os moradores do bairro Patrice Lumumba, no município da Matola, queixam-se do mesmo problema. Arlete Massinga, residente no quarteirão 30, disse-nos que desde 02 de Janeiro último que não tem água fornecida pelas Águas da Região de Maputo nem pelo FIPAG, mas recebe a factura de consumo.

A empresa Águas da Região de Maputo explicou-nos que a 12 de Junho de 2013 deu entrada uma carta da Comissão dos Moradores do bairro da Mafalala dando conta de que há falta de água. Fez-se um trabalho que culminou com a identificação de 95 clientes sem água nos quarteirões 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43 e 45.

José Adriano, porta-voz daquela instituição, nega que ainda haja alguém a pagar

facturas sem no entanto consumir água. A empresa está a estudar formas de devolver os valores colectados de forma injusta, cuja dívida é estimada em 144.609,45 meticais. O trabalho ainda está em curso e podem ser identificadas outras pessoas lesadas.

Segundo o nosso interlocutor, no bairro da Mafalala há clientes sem água devido à vandalização da tubagem num troço de 100 metros, na Rua Eusébio da Silva, perpetrada por indivíduos desconhecidos, porém, neste momento decorre um levantamento das famílias abrangidas com vista a serem abastecidas a partir da nova conduta.

José Adriano disse ainda que o melhoramento do provimento do precioso líquido na Mafalala depende da conclusão de uma conduta cujo término das obras estava previsto para Outubro passado. Entretanto, a construção ainda não findou e “de acordo com a última informação que tivemos, provavelmente irá terminar em Março próximo.”

Relativamente ao bairro Patrice Lumumba, o porta-voz das Águas da Região de Maputo disse que há queda de pressão em algumas casas que se encontram na zona alta. “Estamos a trabalhar na identificação das causas...”

De cordo com João Barata, director da área operacional do FIPAG, no bairro de Malhampsene existem 18 mil clientes que dependem das mesmas infra-estruturas de Tsalala, que também abastece os bairros de Mulotana, Txumene, Sicuama e Mussumbuluko. O consumo é grande e existem projectos em curso para minimizar o sofrimento da população.

A cidade pode resvalar para o caos urbanístico

No bairro de Nhapossa temos uma zona exemplar chamada “Rua de Deus”, onde os moradores mostraram – desde que ali chegaram – uma unidade assinalável e um grande sentido de urbanidade. Em coordenação com o município, e os donos dos terrenos que os vão vendendo em parcelas, os actuais ocupantes controlam o ordenamento das habitações, o que é aplaudido por quase todos os cidadãos que têm acompanhado este processo.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Na verdade, numa apreciação que a nossa Reportagem fez recentemente, constatámos a preocupação dos munícipes da zona em não permitir que a desordem impere, de forma a evitarem-se os riscos que isso pode representar no futuro. Chamam-nos a atenção as ruas largas, que deixam o conglomerado arejado e, em conversa com algumas pessoas, ficámos a saber que o controlo que se faz é rigoroso.

Quando há um problema de desobediência eles unem-se e a correcção é feita de imediato, nem que para isso tenha que se usar formas que contrariem o prevaricador. E não faltam casos destes, só que o mal é imediatamente cortado pela raiz. É um dos poucos exemplos que merecem ser mencionados, porque, na maior parte dos casos, somos obrigados a acreditar que estaremos diante de um futuro com problemas sérios de ordenamento urbano.

Há cerca de duas semanas, o presidente do município, Benedito Guimino, reconheceu, numa entrevista que concedeu ao Emissor Provincial de Inhambane, os problemas de ordenamento territorial que imperam na cidade de Inhambane, e fez referência à necessidade urgente para que se evite o pior, amanhã. Para nós, mais do que esse reconhecimento, é imperioso que se trabalhe, agora, nos terrenos que ainda estão a ser parcelados, pois ainda se verifica uma clara anarquia e ignorância.

Ao longo da conduta principal que transporta a água distribuída pelo Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) para os munícipes, entre os bairros de Malembuane e Liberdade 3, ergueram-se construções que ficam entre essa tubagem e a baía, com todos os perigos que isso representa, particularmente do lado do mar, onde em alguns troços o assoreamento já começou. Já falámos disto enquanto se construíam as casas pré-fabricadas de Muelé, ninguém nos deu ouvidos e o resultado disso já está à vista. Algumas casas estão numa situação de risco, que pode ser desprezado hoje, mas que amanhã pode ser tarde para qualquer salvação.

O bairro de Chamane pode ser citado como outro exemplo positivo de parcelamento, onde a “mão” do município, o bom senso dos munícipes e dos donos dos terrenos imperou, mas os outros tantos podem ser classificados na área do desastre urbanístico. Em muitos casos as ruas não são lineares, ou seja, começam com uma certa largura, e vão-se metamorfoseando no seu percurso, ou se afunilando, ou se alargando mais em relação ao começo. Noutros casos as vias são abruptamente interrompidas, ficando-se na situação de não se poder continuar a viagem com a viatura. Outros munícipes, que tinham, aparentemente, a obrigação de conhecer as normas que regem uma cidade, são eles mesmas que as violam, muitas vezes levantando impérios contra quem os queiram corrigir, chamando-os ao bom senso. Temos vários casos destes, muitos deles reportados à própria edilidade, e outros falados nos órgãos de comunicação social, mas a situação, mesmo assim, mantém-se, lembrando-nos que todos somos iguais perante a Lei, mas existem aqueles que pensam que são mais iguais que os demais.



Outro problema reconhecido pelo edil tem a ver com a estrada principal, que dá acesso à cidade. Cada vez mais, tem-se mostrado incompetente para escoar o trânsito, agora apertado com a crescente população automóvel. Não tarda muito que se atinja o insuportável, sobretudo nas horas de ponta, porque o que se nota é que os carros não param de chegar à urbe. É um problema sério que o município não pode negligenciar. É uma prioridade. Numa extensão de aproximadamente sete quilómetros, erguem-se estabelecimentos comerciais informais que partem de Nhapossa até a urbe. A distância que separa as bermas da estrada e essas construções tem pouco mais de cinco metros.

A estrada, mais do que ser reabilitada, precisa de ser alargada. Já há empreendimentos colossais que estão a ser projectados muito perto da estrada, e outros já existentes, como

a fábrica de óleos e sabões (SO-MOIL). Não sabemos como é que tudo aquilo vai ficar quando chegar a altura de se alargar a via, porque atrás desses projectos há casas de habitação. O Mercado da Mafurreira, só para dar um exemplo, está, neste momento, por demais desajustado. Já devia ser removido do local onde está instalado. E o município tem de agir depressa, sob o risco de não saber o que fazer amanhã.

Outrossim é a construção de jardins que as pessoas possam demandar e refrescar-se ao cair da tarde. Não temos conhecimento de algum projecto nesse sentido. Se existe, então venham mostrar-nos. Falem dele. Digam-nos quem vai construir essas infra-estruturas, onde é que vão ser instaladas, qual é a sua composição. Inhambane não tem nenhum jardim com essa vocação. Até o Parque Infantil, que também acolhia adultos, já não funciona. Foi abandonado. É uma ruína. O que existe no bairro de Nhapossa, baptizado com o nome de Maria da Luz Dai Guebuza, foi feito às pressas. Não seduz, é pequeno demais para quem pensa no futuro. Precisamos de mais jardins, de mais parques, para diversificar a escolha nos tempos de lazer.

Camiões na cidade

Inhambane é uma cidade-museu, que deve ser defendida a todo o custo. Hoje por hoje, camiões de grande tonelagem invadem as artérias da urbe, contribuindo para o desgaste das estradas e da retirada da estética. As autoridades não podem permitir isto, como se fosse normal. É necessário que se encontre urgentemente um lugar de chegada para estes “monstros”, onde irão baldear a sua mercadoria para pequenas carrinhas. Não podemos continuar a permitir que a nossa cidade seja violada por brutamontes com mais de vinte e quatro rodas a rolarem no asfalto. Mas isto está a acontecer.

É importante que o ilustre edil pense em tudo isto, porque no fim do seu mandado chamar-lhe-emos para prestar contas aos que o elegeram e aos que não o elegeram também. Porque as promessas foram feitas aos munícipes, independentemente das suas cores partidárias.

O banco mágico



Ao lado das instalações do Grupo Desportivo de Inhambane, há um banco de madeira colocado pelo município – já no tempo colonial – com a intenção de dar às pessoas o prazer de contemplar a paisagem constituída pela baía e pelos barcos e pelo imenso coqueiral que se ergue do lado da Maxixe. Era um regalo estar ali entregando-se à brisa marítima sempre agradável, com a possibilidade de, aos fins de tarde, assistir ao espectacular pôr-do-sol.

O mentor da ideia teve sempre o cuidado de manter, em primeiro lugar, a zona liberta dos mangais, aliás, ali mesmo, à ilharga, havia um pequeno hangar que acolhia barcos de recreio, que saíam regularmente com jovens que gostam do mar. Mas o tempo passou, e veio um senhor qualquer que achou por bem fazer uma plantação de eucaliptos que tiram completamente qualquer prazer de ali estar. E como se isso não bastasse, outro alguém veio dizer que é preciso deixar crescer os mangais porque precisamos de peixe.

Sobre este assunto já falamos várias vezes, porém não nos importamos de voltar a fazê-lo, acreditando cegamente que um dia seremos ouvidos. Vai o nosso apelo, um vez mais, ao senhor presidente do município e outros interessados, para que trabalhem no sentido de remover aquela “floresta” toda que não dá qualquer dignidade à nossa cidade.

Previsão do Tempo
Sexta-feira 28 de Fevereiro
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Aguaceiros ou chuvas fracas acompanhadas, por vezes, com trovoadas. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Períodos de ocorrência aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderadas na província da Zambézia. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Sábado 01 de Março
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Aguaceiros ou chuvas fracas a moderadas acompanhadas, por vezes, com trovoadas. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Períodos de ocorrência aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderadas em Tete e Zambézia, por vezes com trovoadas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado temporariamente muito nublado. Vento de nordeste fraco a moderado.
Domingo 02 de Março
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Aguaceiros ou chuvas fracas acompanhadas, por vezes, com trovoadas. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Períodos de ocorrência aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderadas em Manica. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Vento de noroeste a nordeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

A violação sexual

O que diz o Código Penal aprovado pelo Parlamento?

O Código Penal já foi aprovado na generalidade pelo Parlamento, em Dezembro de 2013. No entanto, o seu conteúdo nem sempre respeita os direitos das mulheres e das crianças. O artigo 216, sobre a violação sexual, é um deles.

A aprovação na especialidade só se fará na próxima sessão do Parlamento, em Março de 2014. Ainda há tempo para propor alterações e reivindicar direitos.

Conheçamos um pouco mais o problema.

O que diz o Código Penal?

Artigo 216

A violação é a cópula ilícita com qualquer pessoa

Implica: ser contra a sua vontade, por meio de violência física, de vee-mente intimidação, ou de qualquer fraude

Também é violação quando a vítima está privada do uso da razão, ou dos sentidos

Quais são as consequências desta norma?

1 Quando se diz “cópula”, só se refere à penetração vaginal. Logo, ficam de fora outras formas de violação por via anal, oral, ou por introdução de objectos.

2 Ao falar em “cópula ilícita”, está-se a considerar que não existe violação no casamento. Como resultado, o marido pode violar a esposa sem que isso seja considerado crime.

3 A violação sexual é um crime particular, pelo que a vítima deve constituir advogado para acompanhar o processo, constituindo isso uma carga financeira que muitas vítimas não podem suportar.

O artigo 216 vai contra a Constituição de Moçambique

Discriminação das mulheres casadas: quando as mulheres se casam, o Estado deixa de lhes reconhecer o direito de decidirem sobre o seu corpo e a sua sexualidade. O marido aparece como o proprietário do corpo dela. Esta lei vai contra o princípio da igualdade entre mulheres e homens, garantido pela Constituição.

Desprotecção das vítimas de sexo masculino: Ao não se reconhecer como crime de violação as relações sexuais forçadas via anal, oral ou com introdução de objectos, não se está a proteger as pessoas de sexo masculino, que são vítimas de violência sexual.


Desprotecção de outras vítimas de violência sexual: Do mesmo modo, as mulheres que forem violadas por via anal, oral ou por introdução de objectos, ficam também sem protecção da lei.


SABIA QUE?

O crime de violação sexual é pouco denunciado, porque as vítimas têm vergonha e as famílias preferem escon-der o assunto.

Mesmo quando denunciado, há problemas em julgar o crime de violação, seja porque não se co-lheram evidências (provas), seja porque alguns agentes da justiça, a vários níveis, valorizam pouco a sua gravidade.

É muito frequente as famílias das vítimas negociarem com o agressor para paga-mento de compensa-ções pecuniárias extra-judiciais.





Berília Cossa, Jurista

A violência sexual é uma forma brutal de violação dos direitos humanos. É um tipo de violência que tem impactos severos para a saúde das vítimas. Este problema não deve ser considerado de foro privado e não deve ser resolvido a nível familiar, mas sim pelas institui-ções de administração da justiça. É da responsabilidade do Estado pro-videnciar serviços eficientes de atendi-mento às vítimas e punição dos viola-dores. Todos, na família e na sociedade, devem proteger as crianças e mulheres deste tipo de violência.

Maria José Arthur, Antropóloga

É inadmissível que se retirem direitos às mulheres casadas, não se reconhe-cendo a existência de violações sexu-ais no casamento. É um insulto que se faz a todas as mulheres moçambica-nas. Também não se percebe a recusa em admitir que existem outras formas de violação sexual sem ser por via vagi-nal, que são tanto ou mais traumáti-cas. Espero que o legislador reveja este ar-tigo e que o Código Penal proteja tan-to mulheres, como homens e crianças.

Texto: WLSA Moçambique

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque tenho feridinhas na cabeça do pénis?

Caros leitores, há pouco tempo falei da questão importan-te da aderência ao tratamento do VIH. Há muita gente que nós conhecemos que, depois de fazer o teste do VIH, inicia o tratamento e depois esquece ou desiste de voltar à farmácia da Unidade Sanitária para levar mais medicamentos. Todos já sabemos que o VIH é uma doença cuja cura ainda não foi encontrada, mas que pode ser controlada através deste tra-tamento. Há muitas vantagens em manter-se consistente quanto ao tratamento, que incluem o facto de que a pessoa ao longo do tempo vai reduzindo cada vez mais a reprodução do vírus, e reduzindo também a probabilidade de infectar ou-tras pessoas. Por isso, se estás a fazer o TARV, não desistas. Vai sempre à farmácia do hospital ou centro de saúde onde recebes o teu tratamento, e levanta os teus medicamentos. Se quiseres saber mais sobre este assunto, e sobre outros te-mas relacionados com a saúde sexual e reprodutiva

Envie-nos uma mensagem através de um sms para 90441

E-mail: averdademz@gmail.com

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá mana Tina. Eu chamo-me Calisto e tenho 14 anos de idade. Porque é que quando faço sexo o meu piloto enche-se, ficando gordo?

Olá. Hmm... Começaste a prática sexual bem cedo. An-tes de te dar uma resposta, eu gostaria de alertar a ti e aos outros adolescentes da tua idade para o faço de que, o início da prática do sexo deve ser acompanhado de muita informação e conhecimento, para evitar er-ros/problemas de saúde ou sociais irreparáveis. Muitos adolescentes contraem infecções de transmissão sexu-al ou engravidam porque não têm informação e, tam-bém, não sabem discutir sobre o uso do preservativo com as suas ou seus parceiras/os. Indo à tua resposta, o que acontece com o teu pénis é que, dado o desejo sexual, que é natural e humano, dispara um sinal para o teu cérebro para avisar o corpo de que se deve preparar para a actividade sexual. É uma reacção quase que invo-luntária. Ao receber este sinal, há uma rápida circulação do sangue, e este flui rapidamente para o pénis. Quanto mais se encham de sangue as veias na região do pénis, mas inchado ele fica. A isto chama-se erecção. Todavia, isto não significa que, por sentires esse desejo e teres erecção, devas imediatamente fazer sexo. É necessário tomar em consideração os pontos que levantei acima, porque qualquer erecção pode terminar sem que haja relação sexual. Cuida da tua saúde, e usa sempre o pre-servativo.

Estou a passar por uma situação. Depois de ter tido uma ITS, que me causava cócegas, e da medicação e inecção, até hoje tenho o problema de ter ferimentos na chamada “cabeça do pénis”, umas feridinhas que me fervem, mas um dia depois saram. Mas mal transo volto a sentir dor, contraindo pequenos ferimentos.

Olá meu querido leitor. O que eu disse na introdução desta coluna também se aplica a ti. Eu não sei que tipo de ITS tu tiveste, e com que regularidade fizeste o trata-mento. A mim parece que não estás totalmente curado. Muitas vezes, nós temos a tendência de iniciar um tra-tamento, para qualquer doença, e assim que nos senti-mos melhor, mesmo sem completar a dose, desistimos de fazer a medicação. Não sei se foi o teu caso. O que eu recomendo que tu faças são duas coisas: a primeira é que devas voltar ao hospital ou centro de saúde e pe-dir o diagnóstico certo da tua ITS, saber o nome e saber as causas. Desta forma, saberás como evitar contrair a doença outra vez. A segunda coisa que sugiro é que uses o preservativo em todas as tuas relações sexuais, pois pode acontecer que a tua parceira também tenha a mesma ITS e ela volta sempre a contaminar-te. Cuida da tua saúde, não tenhas medo de perguntar para sa-beres mais.

Sociedade

Residentes de Chamanculo “abanam” secretário do bairro

Mais de 13 mil moradores de Chamanculo “D”, em Maputo, estão indignados com o secretário do bairro, Artur Funana, por este ter coordenado com a edilidade, à sua revelia, a construção de um esgoto para fezes no campo de Zixaxa, o qual devia servir os habitantes de várias zonas da capital do país. O projecto é do município e foi chumbado pela população que o considera um perigo à saúde pública.

Texto: Redacção

No sábado passado, 15 de Fevereiro, houve uma reunião entre os habitantes e o secretário do bairro mas as partes não chegaram a nenhum consenso sobre a construção ou não da referida cavidade subterrânea para a deposição de dejectos.

Entretanto, na segunda-feira (17), logo pela manhã, o “ronco” de máquinas preparadas para materializar o projecto despertaram a população, a qual ficou estupefacta com o facto de a pessoa que lhe representa ter ignorado as suas objecções em relação ao empreendimento. Houve excessos na troca de palavras, gerou-se um ambiente de cortar à faca, e os ânimos subiram, tendo sido necessária a intervenção da Polícia para restabelecer a ordem.

O terreno no qual a fossa devia ser edificada está reservado à prática de actividades desportivas e exercícios físicos, por isso, os moradores não pretendem, de forma alguma, que o bairro perca aquele espaço. De pés juntos, os habitantes de Chamanculo “D” defendem que o sítio é inadequado para nele se construir um esgoto. Para além de outras infra-estruturas, nas proximidades há domicílios e barracas que confeccionam alimentos.

Agastada com a situação, a população dirigiu-se à sede do bairro para exigir esclarecimentos em torno da viabilidade do projecto numa área residencial, contudo, o líder da zona, Artur Funana, mostrou-se indiferente e, segun-

do os habitantes, teria proferido palavras que não foram do agrado da maioria.Sem meias-palavras, o grupo recorreu à força para paralisar as obras. Começava, deste modo, um braço-de-ferro e uma troca de acusações entre as partes. Em seguida, os habitantes submeteram uma queixa na 10ª esquadra e a Polícia fez-se ao local para embargar a obra.

Não foi possível ouvir o Conselho Municipal da Cidade de Maputo sobre este assunto, supostamente porque a pessoa indicada para o efeito andava ausente. Entretanto, os residentes exigem que Artur Funana seja afastado por não haver dúvidas de que não está habilitado a defender a causa das pessoas que lidera. Num outro desenvolvimento, Elisa Tivane, chefe adjunta do quarteirão 3, afirmou que não houve uma consulta pública abrangente sobre a necessidade de se construir uma fossa para excrementos humanos no Chamanculo “D”; apenas um grupo de elementos da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) da zona foi ouvido.

Por sua vez, o visado considerou que na comunidade há agitadores e políticos de algum partido da oposição. Na sua opinião, essas pessoas estão contra o projecto em causa. Para Artur Funana, é incompreensível a agitação da população porque ela está a ser auscultada desde o ano passado sobre o mesmo assunto e nas nove reuniões realizadas ninguém se manifestou contra o empreendimento.

Quatro cidadãos fuzilados em Murrupula

Quatro indivíduos, dois dos quais da mesma família, foram executados sumariamente, na madrugada da última quarta-feira (19), por um grupo de indivíduos desconhecidos, nas margens do rio Namahita, povoado de Nabuco, localidade de Gazuzo, distrito de Murrupula, na província de Nampula. Uma das vítimas, que em vida respondia pelo nome de Mário Leveque, conhecido por sheik Suaha Janfari, era líder da comunidade islâmica naquela circunscrição e proprietário de uma mesquita.

Texto: Júlio Paulino e Virgílio Dêngua

De acordo com informações colhidas pelo @Verdade, a operação foi protagonizada por indivíduos em número não especificado, que vinham transportados em quatro viaturas, três das quais de marca Toyota Land Cruiser e uma mini-bus, munidos de armas de fogo e usavam fardamento da Força de Intervenção Rápida (FIR), o que se supõe tratar-se de agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM).

Sania Albino, esposa do sheik, e testemunha do acto macabro, explica que, na madrugada da quarta-feira, foram surpreendidos por indivíduos munidos de armas de fogo. “Eles cercaram a nossa casa e, na altura, acabávamos de acordar para ir à mesquita fazer a primeira oração. Perguntaram se o meu marido era o responsável da mesquita, tendo dito que sim. Daí, ele e um sobrinho que também residia connosco foram amarrados e levados até ao rio. Ao longo do percurso, recolheram outros dois cidadãos e, volvidos 30 minutos, vimos os homens da Polícia a regressarem sozinhos”, conta. Na sequência deste acontecimento, a população local criou uma comissão que seguiu os rastos da Polícia, tendo encontrado três corpos a flutuar no rio Namaitha, que apresentavam sinais de escoriações, supondo-se que tenham sido esfaqueados e, posteriormente, baleados.

Devido ao acto macabro, a população de Nabuco está a abandonar em debandada o povoado à procura de regiões seguras, evitando que o pior venha a acontecer. Desde a passada quarta-feira, a Escola Primária de Nabuco e o posto de saúde local encontram-se encerrados. Entretanto, os homens da PRM, assim como o chefe da localidade, abordados pelo nosso jornal, dizem que desconhecem o facto, afirmando que vão contactar as entidades competentes para a devida investigação.

De recordar que este é o segundo acto relacionado com execução sumária de cidadãos a ser perpetrado por homens da FIR na localidade de Gazuzo em Murrupula, sendo que o primeiro se deu em Dezembro do ano passado, em que foram fuzilados três supostos homens armados da Renamo. Size Panguene, porta-voz do Comando Provincial da PRM em Nampula, quando confrontado com a situação, disse que a informação não constitui verdade. Por seu turno, Alzira Manhiça, administradora do distrito de Murrupula, contactada telefonicamente a propósito, não avançou detalhes sobre o caso, alegadamente por se encontrar numa reunião, tendo prometido pronunciar-se nos próximos tempos.

Famílias reassentadas em condições deploráveis em Mocuba

Na tarde do dia 14 de Fevereiro, dezenas de casas foram inundadas em consequência da subida do caudal do rio Licungo, devido às chuvas. Porém, as famílias afectadas foram reassentadas nas salas de aulas anexas ao Instituto Agrário de Mocuba, onde a situação na qual se encontram começa a tomar contornos alarmantes, pois falta quase tudo.

Texto & Foto: Redacção

Os caudais de Licungo, Lugela e Molocué tomaram níveis incontroláveis. O maior curso de água da província da Zambézia (Licungo) atingiu picos jamais vistos nos últimos 25 anos. A situação deveu-se ao facto de o rio receber grande parte das águas provenientes da cidade de Gurué e demais rios daquela circunscrição geográfica. A subida dos caudais provocada pelas chuvas intensas criou enormes prejuízos à população que vive nas proximidades das bacias hidrográficas. Refira-se que o distrito de Mocuba é “serpenteado” pelos rios Licungo, Lugela e Gurué, que desaguam nas bacias de Licungo e Mudi, entre outras.

Se há dias centenas de pessoas deslocavam-se até aos rios para lavar roupa e louça, presentemente deixaram de fazê-lo. Na semana passada, um cidadão, cuja identidade não conseguimos apurar, morreu afogado. Em virtude dos acontecimentos, o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) na Zambézia reassentou famílias afectadas no distrito de Mocuba, nas salas de aulas anexas ao Instituto Agrário de Mocuba, situado a sensivelmente dois quilómetros da cidade. No local, a população queixa-se das deploráveis condições de reassentamento. É notório no rosto das vítimas que o esforço envidado pelo INGC para garantir condições básicas aos reassentados ainda está aquém do desejado. Sem casas de banho e, muito menos, água potável, as famílias (sobre)vivem graças ao sacrifício de pessoas não afectadas pela calamidade. @Verdade conversou com três agregados familiares que se encontram no centro de reassentamento. Segundo apurámos, quase todas as famílias passam por enormes dificuldades, nomeadamente alimentação deficitária e falta de água potável.

As condições oferecidas pelo INGC não satisfazem mais de duas centenas de cidadãos que ali se encontram. Ana Paula José, de 40 anos de idade, casada e mãe de quatro filhos,

perdeu a sua habitação, entre outros bens, no último domingo (16). Reassentada nas salas do Instituto Agrário de Mocuba, ela considera o processo um “fiasco”, pois o que já era difícil para si e a sua família piorou.

Naquele local, todas as vítimas foram alojadas em apenas três pequenas salas de aula, onde homens, mulheres e crianças partilham o mesmo espaço. O INGC, a nível da cidade de Mocuba, disponibilizou comida num só dia. O cabaz era composto por um quilograma de arroz, três unidades de peixe fresco,carapau, e uma pequena porção de óleo vegetal.

Segundo Ana Paula, os produtos alimentares oferecidos pelo INGC não são suficientes para a confecção duma refeição, devido ao elevado número de membros daquele agregado familiar. Como consequência disso, ela pediu ajuda aos seus familiares que não foram afectados ainda pela subida do caudal derio Licungo. “A minha família é constituída por seis pessoas. A comida que recebemos do INGC não chega para nada e, segundo os responsáveis da instituição, aquela quantidade deve durar três dias. Para não passar fome, tive de pedir ajuda à minha irmã”, disse.

Anastácia Maurício, de 45 anos de idade, casada e mãe de cinco filhos, também perdeu todos os seus haveres no dia 17 do mês em curso. A família foi, igualmente, reassentada nas salas anexas do Instituto Agrário de Mocuba. Segundo ela, o local não tem condições de habitabilidade porque, além de outras situações, a alimentação não é das melhores, e há falta de sanitários, colchões e redes mosquiteiras para evitar mosquitos que abundam naquela região.“Passamos mal aqui. Dormimos no chão e não temos redes mosquiteiras.Quanto à alimentação, temos recorrido aos nossos familiares”, lamentou.

Francisco Maulana, chefe de um agregado familiar composto por quatro membros, também é vítima das enxurradas causadas pela subida do caudal do rio Licungo. Segundo nos contou, a grande preocupação neste momento é repor tudo o que se perdeu. O nosso interlocutor aponta a falta de alimentação como o principal problema no centro de reassentamento.

Mais famílias poderão ser abrangidas

A Unidade de Gestão das Bacias do Oeste (UGBO) da Administração Regional de Águas (ARA) Centro-Norte prevê que mais famílias sejam afectadas pela subida de caudal dos principais rios que atravessam o distrito de Mocuba.

De acordo com Pascoal Alfredo, director da UGBO da ARA do Centro-Norte, os caudais dos rios situados na província da Zambézia estão a registar subidas acima do normal, devido às chuvas que se fazem sentir naquela circunscrição geográfica desde o dia 14 do mês em curso, que chegaram a atingir 100 milímetros.

A bacia do Licungo está a atingir níveis jamais vistos nos últimos anos. Na manhã de quarta-feira (19), o caudal atingiu um pico de 8.17 metros, contra os anteriores 7.6. “Ainda não sabemos se o rio Licungo atingiu ou não o seu pico. Porém, nos últimos dias, tem vindo a receber quantidade significativa de água proveniente do rio Molôcuê e Gurué, facto que nos leva a crer que mais pessoas poderão ser abrangidas”, explicou.

Em consequência disso, as zonas baixas da cidade de Mocuba encontram-se alagadas e prevê-se que os níveis das águas registem ainda subidas. Dezenas de pessoas já foram afectadas. A UGBO apela às populações circunvizinhas das bacias do Licungo e Lugela para que tomem cuidado na travessia.

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos professores e membros da Organização Nacional de Professores (ONP). Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com a não implementação da deliberação 02/CNONP/SNPM/2011, de 30 de Julho, referente ao subsídio de risco a que o docente tem direito.

O que nos inquieta é o facto de o dispositivo em alusão estar aparentemente a ser ignorado. O mesmo determina, dentre outros privilégios, que os pedagogos devem beneficiar de um subsídio de risco em virtude de estarem em permanente contacto com o pó de giz, facto os torna vulneráveis à contracção de doenças tais como a

tuberculose e as alergias.

Passam sensivelmente três anos desde que a referida norma foi tornada pública mas não é implementada. Acreditamos que se fosse para os governantes deste país já estaria em vigor. Alguns colegas adoeceram e não tiveram nenhum apoio do Estado para se recompor, pese embora tenham contraído enfermidades durante o trabalho.

Agasta-nos, também, que a ONP não esteja a pressionar o Governo no sentido de viabilizar o documento. Gostaríamos de saber de que forma a agremiação pretende garantir a materialização da deliberação 02/CNONP/SNPM/2011.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou a ONP, por intermédio do secretário-geral, Francisco Nogueira. Este admitiu que o documento que origina a indignação dos pedagogos ainda está em “banho-maria” na Assembleia da República (AR) e carece de apreciação e aprovação. Não se sabe quando é que isso vai acontecer.

“Estamos a par dos riscos a que os professores estão sujeitos no seu ambiente de trabalho e lutamos para garantir melhores condições para eles”, disse Francisco Nogueira, para quem há docentes que vivem nas zonas rurais, prin-

cipalmente as remotas, sem informação sobre a existência da deliberação 02/CNONP/SNPM/2011. Esta situação deve-se à falta de contacto directo com eles e a ONP recebe as reclamações desse grupo através dos seus secretariados provinciais.

Em relação às doenças a que os professores estão expostos por causa do contacto com o pó de giz, o nosso interlocutor disse que o Governo está a ser pressionado com vista a resolver esse problema, mas os resultados até aqui alcançados entre as partes ainda não são animadores.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Chamo-me Tomás Carvalho, morador do bairro Matola-Rio, quilómetro 16, na província de Maputo. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor a minha inquietação relacionada com a falta de seriedade por parte da empresa Electricidade de Moçambique (EDM), área operacional da Matola.

A 20 de Dezembro de 2013, paguei 13 mil meticais na Direcção da Electricidade de Moçambique, na Matola, correspondentes ao contrato e a um poste de transporte de energia eléctrica. Depois da tramitação dos documentos, a empresa prometeu instalar a corrente em 15 dias. Todavia, volvidos 20 dias não havia nenhum sinal para o efeito.

Indignado com a demora, contactei a mesma instituição, a qual pediu desculpas e garantiu-me, novamente, que dentro de cinco dias o assunto estaria resolvido,

porém, isso não passou de uma promessa. Nos primeiros dias de Fevereiro prestes a findar contactei de novo a instituição e expus a minha inquietação mas nada foi feito, apenas pediram-me para ter paciência.

No dia 21 deste mês telefonei para a linha do serviço ao cliente, através do número 841455, e expus o problema. Recebi apenas a informação de que devia contactar o departamento no qual desembolsei os 13 mil meticais e depusitei o processo, pois aquele canal era somente para os clientes que já estavam a consumir energia.

Passam 60 dias e nenhum dirigente da EDM na Matola diz com exactidão em que momento vou usufruir dos serviços pelos quais já paguei para o efeito. E cansei-me de ser jogado de um lado para o outro sem uma explicação clara. Não tenho a quem recorrer, por isso, peço ajuda para que este assunto seja esclarecido.

Resposta

Sobre este caso, o @Verdade contactou, telefonicamente, a EDM da Matola, por intermédio do director da área do serviço ao cliente, Duarte Inialo, o qual disse que desconhece o caso. Porém, ele assumiu que a demora de que o reclamante se queixa pode estar a acontecer porque os pedidos de ligações de energia têm sido em número considerável no final do ano.

Segundo Duarte Inialo, pode, também, ter havido falhas por parte dos colaboradores da empresa EDM. É que há vezes em que se aprova um pedido de ligação de energia e o mesmo não acontecer no tempo previsto devido a alguns percalços relacionados com os projectos.

Entretanto, o nosso entrevistado disse que Tomás Carvalho não deve ficar desesperado porque não esgotaram as vias através das quais pode expor a reclamação e ver o seu problema resolvido, bastando para tal reunir os documentos que comprovam o pedido de ligação da corrente eléctrica na sua residência e dirigir-se à mesma instituição na Matola.

Duarte Inialo suspeita de que o cliente tenha canalizado a sua preocupação para um departamento errado, por isso, aconselha-o a contactar directamente o dirigente da área responsável pelas ligações domiciliárias naquela ponto da província de Maputo.



Mamparra of the week

Marcelino dos Santos

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é a senhor Marcelino dos Santos, um histórico na nata dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), que se tem arvorado publicamente como uma donzela puritana, um socialista convicto. O @pro-verdade, na semana passada, tratou documentalmente de levantar esse véu, com requintes de obscenidade, ao revelar que Marcelino dos Santos vive tal qual os capitalistas, dos quais a Frelimo, no seu primeiro hino nacional, acreditava que Moçambique “seria o túmulo”.

Num outro hino, produzido no início dos anos 80, quando Marcelino dos Santos era presidente da Assembleia Popular, a Frelimo cantava a plenos pulmões que “...Avante operários e camponeses/ unidos contra a exploração...Na certeza da vitória/A nossa luta continua/Somos soldados do povo em frente/Marchando contra a burguesia... socialismo triunfará/.

Tudo isto que Marcelino dos Santos cantou, por se assumir como um crente de fé inabalável, não passava de um “bluff” de acordo com os factos irrefutáveis que foram dados a conhecer ao grande público.

O mamparra desta semana tratou de confirmar que gosta de viver ‘à grande e à francesa’, tal como os burgueses. Não se indignou com os balúrdios de dinheiro que pagaram a renda de casa que lhe alugaram. Não se manifestou surpreendido para criticar tal prática capitalista, ele que ainda nos dias correntes tem dito acreditar que o sistema socialista ainda é possível. Trata-se de uma mamparriça para pôr o boi a dormir.

Quando Armando Emílio Guebuza foi entronizado no poder em 2005, por via do voto popular, Marcelino dos Santos apareceu em entrevista num órgão de comunicação privado a dizer que com aquele na presidência “...o povo voltou ao poder”!!!

Na hora de lhe ser paga uma renda que se configura um insulto à memória colectiva daqueles que pagam os seus impostos, que garantem as benesses dos “dirigentes”, sejam eles antigos ou novos, Marcelino dos Santos não se lembrou de, publicamente, cantar a enferrujada ladainha de socialista. Deste modo, propomos que o mamparra desta semana faça uma profunda radiografia aos seus neurónios, sob pena de correr o risco de começar a contar essa ladainha nos jardins de infância, para crianças com idades compreendidas entre dois e cinco anos. As crianças de seis anos de idade, que estão na primeira classe, jamais iriam cair nesse “conto de fadas” que tem sido propalado pelo “histórico”.

Que raio de brincadeira é esta, afinal? Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.
Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440.
A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Democracia

Partidos voltam a dominar a Comissão Nacional de Eleições

O Parlamento deu início, na semana passada, ao debate da proposta de revisão da legislação eleitoral depositada pela Renamo, tendo alterado, por consenso das três bancadas, as leis da Comissão Nacional de Eleições e do Recenseamento Eleitoral, dois dos cinco instrumentos que compõem o pacote eleitoral. Porém, os novos figurinos representarão um retrocesso à profissionalização dos órgãos eleitorais uma vez que os mesmos voltam a ser dominados pelos partidos políticos, contrariamente aos apelos da sociedade civil e dos observadores.

Texto: Redacção

A CNE passa a ser constituída, a nível central, por dezasseis membros, sendo cinco da Frelimo, quatro da Renamo, um do Movimento Democrático de Moçambique e sete da sociedade civil, o que significa que devem cessar funções os actuais representantes das magistraturas Judicial e do Ministério Público.

Destas dezasseis figuras serão escolhidos um presidente, coadjuvado por dois vice-presidentes designados pelos dois partidos políticos mais votados com assento na Assembleia da República, neste caso a Frelimo e a Renamo.

Já as comissões provinciais de eleições assim como as de cidade serão compostas por 15 vogais, sendo um presidente, dois vice-presidentes. Destes, a Frelimo irá indicar três, a Renamo dois, o Movimento Democrático de Moçambique um e a sociedade civil oito.

Sobre o STAE

O Secretariado Técnico de Administração Eleitoral continuará a ter um quadro de pessoal permanente, nomeado nos termos do Estatuto Geral dos Agentes e Funcionários do Estado, mediante concurso público, aprovado pela Comissão Nacional de Eleições, sob proposta do seu director-geral e dos seus directores-gerais adjuntos.

Porém, em períodos eleitorais, que vão da marcação do recenseamento até à validação dos resultados pelo Conselho Constitucional, o quadro de pessoal deste órgão integra elementos provenientes dos partidos políticos com assento no Parlamento, com observância do princípio de igualdade e equilíbrio.

Deste modo, a nível central o STAE passará a ter 18 mem-

bro indicados pelos três partidos políticos com assento no Parlamento, sendo nove da Frelimo, oito da Renamo e um do MDM. Destes, serão indicados um director-geral, dois directores-gerais adjuntos, directores nacionais e seis directores nacionais adjuntos.

Os seis directores nacionais adjuntos serão indicados somente nos períodos eleitorais, sendo três pela Frelimo, dois pela Renamo e um pelo Movimento Democrático de Moçambique.

Ainda nos períodos eleitorais, este órgão integrará dezoito técnicos provenientes dos partidos políticos com assento no Parlamento, sendo nove da Frelimo, oito da Renamo e um do MDM.

Nível provincial, de cidade ou distrital

A nível provincial, o STAE terá 15 elementos, sendo três da Frelimo, dois da Renamo, um do MDM e nove da sociedade civil.

No que diz respeito à estrutura, será composto por um director-geral, dois directores provinciais, dois directores provinciais adjuntos, chefes de departamentos e seis chefes de departamentos adjuntos indicados pelos partidos políticos representados no Parlamento, sendo três da Frelimo, dois da Renamo e um do MDM.

Também serão integrados seis técnicos provenientes de partidos políticos com assento na Assembleia da República, dos quais três da Frelimo, dois da Renamo e um do MDM.

O que dizem as bancadas

No fim da sessão, foi visível a discórdia que reinava no seio dos partidos, apesar de terem aprovado as propostas por unanimidade. A Frelimo julga que as mesmas representam um retrocesso ao processo que vinha sendo levado a cabo visando a profissionalização dos órgãos eleitorais, enquanto o MDM considera-se injustiçado tendo em conta o número de representantes que deve indicar.

“Aprovámos as propostas em nome da paz e da democracia, mas as mesmas representam um retrocesso porque estávamos a caminhar para uma CNE menos partidária e mais técnica. Mas a Renamo veio inverter tudo, contrariando os apelos que têm sido feitos no sentido de não confundir o árbitro com o jogador. (...) não ganharam os partidos, nem as bancadas. Ganhou o povo moçambicano. As propostas podiam ter sido aprovadas em Agosto, durante a Sessão Extraordinária, mas a Renamo não as submeteu porque esperava uma Frelimo insensível. Demos o nosso voto favorável em nome da democracia e da paz. Esperamos que isso signifique o calar das armas. Os partidos devem munir-se de ideias e não de armas”, Galiza Matos Júnior, Frelimo

“As propostas visavam corresponder aos vários clamores relativos à necessidade de termos eleições livres, justas e transparentes, sob supervisão e coordenação de órgãos da administração eleitoral que respeitam os princípios de igualdade e equilíbrio nos seus actos. (...) O Parlamento mostrou, ao votar por consenso, que é possível trabalhar em conjunto em prol do povo moçambicano. Em democracia não pode haver vencedores antecipados”, Arnaldo Chalaua, Renamo

“Lamentamos o facto de não termos sido convidados a participar no diálogo na qualidade de partido com assento parlamentar e integrante dos órgãos eleitorais, mas entendemos que o consenso alcançado entre o Governo e a Renamo vai permitir o restabelecimento da normalidade no país, que esteve mergulhado numa tensão político-militar. (...) Mostramos ao mundo que é possível trabalhar-se em conjunto para o bem do país e dos moçambicanos”, José de Sousa, MDM

Esta estrutura mantém-se a nível de cidade ou distrital, substituindo-se apenas o cargo de chefe (ou adjunto) de departamentos pelo de sectores.

Retorno à partidarização e ao despesismo

Este novo figurino dos órgãos eleitorais, para além de ser oneroso aos cofres do Estado e, consequentemente, aos bolsos dos cidadãos, marca um recuo à sua profissionalização, pois os partidos políticos com assento na Assembleia da República vão ocupar mais de três quartos dos lugares.

Só para se ter uma ideia, com esta revisão, deverão ser integrados na Comissão Nacional de Eleições e no Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, a todos os níveis (central, provincial, distrital e de cidade) cerca de 1.200 representantes de formações políticas, o que acarreta custos uma vez que (alguns) têm direito a uma viatura protocolar e de afectação pessoal remuneração, residência do Estado ou subsídio de renda, viajar em classe executiva, assistência médica e medicamentosa, remuneração, subsídios e abonos.

Por exemplo, os dezasseis membros da Comissão Nacional de Eleições, para além da remuneração, têm direito a um subsídio de água, luz, telefone, empregados domésticos, despesas de representação, uma viatura protocolar e de afectação pessoal e combustível.

Já nas comissões provinciais, os membros têm um subsídio igual ao vencimento de um director provincial adjunto, viatura de afectação individual, assistência médica e medicamentosa, viajar em classe executiva, entre outras regalias.

Os das comissões distritais ou de cidade recebem um subsídio igual ao de um director de serviço distrital. O presidente e os vice-presidentes têm o estatuto de secretário permanente e têm direito a uma motorizada de afectação individual.

Opinião dos partidos extraparlamentares

“O Parlamento deu um passo importante, mas não determinante. Os moçambicanos vão continuar a viver com medo porque o país tem dois exércitos. É necessário implementar os protocolos do Acordo Geral de Paz para que a Renamo aceite desmilitarizar-se. Sem isso estaremos a viver num clima de guerra. Por outro lado, a presença da Renamo nos órgãos eleitorais, nomeadamente na Comissão Nacional de Eleições e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, a todos os níveis, não é suficiente para garantir que os pleitos sejam livres, transparentes e justos enquanto a Polícia for instrumentalizada pela Frelimo e ou para hostilizar a oposição. Não vejo como podemos ter eleições justas só porque a Renamo está lá representada. A Frelimo tem a Polícia, que vai continuar a

agredir, prender e a matar membros de partidos da oposição. Portanto, temos de ter uma Renamo desmilitarizada e uma Polícia apartidária, mas isso passa pela discussão, à mesa do diálogo, do ponto referente à Defesa e Segurança. Urge implementar os protocolos do Acordo Geral de Paz, com destaque para os referentes a questões de Defesa e Segurança, que previam a constituição de um Exército composto por elementos provenientes de ambas as partes, nomeadamente o Governo e a Renamo, e a integração dos homens da “perdiz” nas fileiras da Polícia da República de Moçambique”, Francisco Campira, porta-voz da Oposição de Mãos Dadas

“Saúdamos o acordo alcançado entre o Governo e a Renamo e os deputados por terem

aprovado por consenso a revisão da legislação eleitoral. A paz e a democracia saem mais fortalecidas. Porém, há algo que nos inquieta: o facto de o Governo ter preparado as eleições gerais de 15 de Outubro sem a presença da Renamo nos órgãos eleitorais. Pode estar a ser preparada uma armadilha aqui. Na nossa opinião, todo o processo de preparação devia ter sido interrompido para permitir que a Renamo indicasse os seus membros para integrar os órgãos eleitorais para não haver problemas depois. (...) Se a Renamo perder pode não reconhecer os resultados alegando que não esteve na preparação das eleições e que houve fraude. Por exemplo, até agora este partido ainda não tem fiscais nas brigadas de recenseamento, fase muito importante de todas as eleições. Devia-se ter ficado à espera

da aprovação da proposta de revisão para se definir um calendário eleitoral”, Yaqub Sibindy, presidente do Partido Independente de Moçambique (PIMO)

“A revisão da legislação eleitoral é bem-vinda, apesar de não terem sido incluídos os partidos extraparlamentares, como é o caso do Partido Humanitário de Moçambique. Na nossa opinião, estas formações políticas deviam, ao menos, ter sido consultadas antes deste exercício. Também têm algo a dizer porque participam na vida política do país. Mais: trata-se de uma lei que, doravante, vai reger os processos eleitorais e todos os intervenientes têm o direito de contribuir”, Filomena Mutoropa, Partido Humanitário de Moçambique (PAHUMO)

Democracia

Reina anarquia na exploração da madeira no país

Um estudo feito pela Universidade Eduardo Mondlane, a maior e mais antiga instituição de ensino superior do país, em parceria com a Agência de Investigação Ambiental, revela que mais de dois terços de toda a exploração madeireira actual é ilegal, para além de exceder os níveis de corte sustentável. Por outro lado, mostra que a actividade tende a crescer a cada ano, tendo aumentado 88 por cento desde 2007.

Texto: Redacção • Foto: DW/J.Beck

Por exemplo, o relatório estima em 320 mil metros cúbicos a quantidade de madeira cortada para consumo doméstico e para os mercados internacionais em 2012, excedendo os 90 mil licenciados para o mesmo ano.

Os dados oficiais recolhidos para o relatório também indicam a existência de exportação ilegal generalizada da madeira, o que pode ser provado recorrendo-se à discrepância entre as quantidades que as autoridades moçambicanas regista(ram) como tendo sido levadas para o exterior e os registos dos países exportadores.

Por outro lado, o documento acusa o Governo moçambicano de não estar a fazer nada para resolver estes problemas e refere que o país consegue apenas apreender



três por cento da madeira ilegal, o que significa que 97 por cento consegue sair dos portos nacionais de forma ilícita.

Saw Lawson, especialista florestal independente que apoiou a UEM na elaboração do estudo, diz que “enquanto os outros países com problemas de exploração ilegal da madeira tomaram medidas nos últimos anos, Moçambique nada fez. Isso é o mesmo que reorganizar cadeiras num navio que está a afundar”.

Receitas

Mais do que dizimar as nossas florestas, a exploração desenfreada e ilegal da madeira está a privar o país de receitas, que Lawson estima em mais de 250 milhões de dólares norte-americanos, que seriam úteis a diversos sectores tais como os da saúde e da educação.

Recomendações

Diante desta situação, as organizações da sociedade civil exigem que o Governo tome medidas urgentes para resolver o problema. Por outro lado, a Universidade Eduardo Mondlane e a Agência de Investigação Ambiental, autoras do estudo, recomendam que o Executivo avance com uma moratória sobre as novas licenças de corte.

Instam ainda que haja transparência, que as informações governamentais relativas ao sector florestal sejam de fácil acesso, que se crie uma agência que fiscalize a aplicação da lei florestal e que a sociedade civil monitore o processo.

“O Governo não pode continuar a negar ou a ignorar o problema, muito menos a dimensão assustadora do mesmo. Há anos que a sociedade civil vem pedindo uma acção urgente, antes que as florestas de Moçambique deixem de existir. Vários estudos foram produzidos, e todos, tanto nacionais como internacionais, chegam às mesmas conclusões, pelo não conseguimos compreender a falta de acção do nosso Executivo”, diz Anabela Lemos, da Justiça Ambiental

China maior exportador

Estudos indicam que a China é o maior consumidor de madeira ilegal cuja exportação é feita por redes criminosas, que agem em conluio com pessoas com forte influência nos países onde ela é explorada, sendo em Moçambique que a maior parte daquele recurso é extraído.

O domínio da China no negócio de madeiras no nosso país vem aumentando desde os anos 90, sendo que em 2001 destronou a África do Sul na lista dos maiores importadores de produtos florestais de Moçambique. De 2000 a 2005, o mercado chinês absorveu 85% dos 430 mil metros cúbicos de toros de madeira que saíram do país.

Entre 2001 e 2010, o valor das exportações deste recurso para a China aumentou de oito para 100 milhões de dólares norte-americanos, sendo que o pau-ferro, mondzo, pau-preto, chanfute, jambire e a umbila figuram como as espécies mais procuradas, e são exportadas em toros para aquele país.

Legislação “rica” não impede a exploração ilegal

Com cerca de 41 milhões de hectares de florestas contendo madeira, Moçambique é descrito como um país com legislação florestal rica e que procura, entre outras coisas, proporcionar renda a cidadãos nacionais através da atribuição de licenças simples.

Pesquisadores destacam também a existência de planos de manejo para a exploração sustentável de madeira em concessões florestais e da proibição de exportação de madeira de alto valor comercial em toros.

Por exemplo, o Regulamento de Exportação de Madeira de Primeira Qualidade proíbe a exportação de sete espécies sem processamento, nomeadamente chanfute, jambire, umbila, pau-ferro, mecrusse (cimbrre), tanga-tanga e mondzo.

Embora façam parte da mesma categoria, as espécies de madeira sândalo, pau-preto, chacate preto, ébano, inhamarre e pau-rosa podem ser exportadas em toro. O regulamento fixa em 20 por cento a taxa de exportação a aplicar sobre o preço de venda da madeira em bruto e estacas, havendo depois uma graduação das taxas até zero por cento em função da complexidade do seu processamento.

Entretanto, “as regras são rotineiramente desrespeitadas” e a exploração ilegal de madeira torna-se comum.

O relatório do sector de actividades florestais da Zambézia, de 2006, revela que a quantidade de toros de madeira exportada para a China a partir desta província foi quatro vezes acima do que é permitido anualmente. Sem indicar números, o relatório faz notar que metade da quantidade exportada em 2006 resultou de corte ilegal.

“A intenção de criar uma indústria florestal sustentável em Moçambique está a ser subvertida por comerciantes chineses de madeira e empresas madeireiras, competentemente assistidos por patronos políticos e funcionários corruptos”, acusa um relatório da Agência de Investigação Ambiental, que indica que a China é o maior consumidor da madeira nacional.

Redes fragilizam as instituições do sector da madeira

Quase todas as apreensões de madeira que estava a ser contrabandeada para a China a partir dos portos de Pemba e de Nacala, de 2007 a 2012, foram feitas depois de as empresas terem obtido vistos de exportação, quer dos serviços florestais, quer das autoridades aduaneiras.

Alguns carregamentos incluíam madeira cujas espécies são proibidas de serem exportadas em bruto. Depois de pagarem as coimas impostas, as empresas (todas de origem chinesa) foram autorizadas a exportar para a China toda a carga apreendida.

As apreensões documentam o esforço das autoridades moçambicanas de controlar o comércio de madeira no país. Mas o modo informal como actuam alguns intervenientes no processo de exploração e exportação de madeira fragiliza as instituições do sector e cria uma situação de corrupção generalizada.

Por exemplo, as alfândegas chinesas contabilizaram em 2011 a importação de 230 mil metros cúbicos de madeira moçambicana, contra 36 mil metros cúbicos registados pelos serviços aduaneiros nacionais como tendo sido exportados para aquele país.

Ou seja, a quantidade de madeira moçambicana que entrou na China é seis vezes maior do que a declarada junto às Alfândegas de Moçambique. A discrepância nos números resulta da subdeclaração de quantidades de madeira nos portos moçambicanos e da existência de carga falsamente descrita como madeira processada.

Os pesquisadores da EIA dizem ter dados reveladores da forma como a fraude é realizada. Um dos exemplos citados refere-se à dupla declaração de carga. Em Janeiro de 2011 a exportadora Oceanique Lda. declarou às autoridades moçambicanas afectas ao Porto de Nacala que transportava para a China 40 contentores de madeira serrada.

Porém, na declaração apresentada no porto de Shatian, sul da China, a exportadora registou que estava a importar de Moçambique 40 contentores de madeira em bruto, cujas espécies eram pau-ferro, umbila e jambire.

Em Moçambique é proibido exportar em bruto aquele tipo de madeira considerada de primeira qualidade. Isso explica a necessidade que os contrabandistas têm de fazer duas declarações diferentes sobre a mesma carga, sendo uma para o ponto de partida e outra para o de chegada.

Os 40 contentores pertenciam à empresa estatal China Meheco Import & Export Corporation. A exportadora Oceanique Lda. é tida como tendo ligações com a firma moçambicana Madeiras Verde, que tem sido acusada de uma série de violações da legislação florestal em Moçambique.

José Pacheco e Tomás Mandlate apontados como facilitadores

As empresas madeireiras chinesas que operam no país não poderiam desrespeitar as leis moçambicanas tão facilmente sem a conivência de funcionários florestais, alfandegários e dos “poderosos patrões políticos” na teia dos “facilitadores”.

Nomes de José Pacheco, actual ministro da Agricultura e pré-candidato da Frelimo às eleições presidenciais de 15 de Outubro próximo, e de Tomás Mandlate, deputado da Assembleia da República pela bancada da Frelimo e antigo titular da pasta de Agricultura, são apontados como “facilitadores” de negócios de madeira entre as empresas chinesas e as autoridades moçambicanas.

Disfarçados de compradores de madeira, os investigadores da EIA visitaram e conversaram com operadores chineses na Beira e em Pemba, em Setembro de 2012. O objectivo das visitas no terreno era verificar o nível actual de exportações ilegais de madeira para a China, e procurar aproximar-se de algumas empresas envolvidas no negócio ilícito.

Democracia

“Libertadores da pátria” querem mais pré-candidatos na Frelimo

O polémico processo de escolha do candidato da Frelimo que irá concorrer nas próximas eleições gerais, agendadas para 15 de Outubro próximo, chega ao fim esta semana, mas o clima na esfera interna do partido mantém-se aceso.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Faltando poucos dias para o término da tão aguardada reunião do Comité Central para a escolha do tal candidato, os membros da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN) pronunciaram-se sobre a matéria e numa só voz exigiram a entrada de mais pré-candidatos para se juntarem ao já anunciado trio que concorre sob chancela da Comissão Política, nomeadamente o ministro da Agricultura, José Pacheco, o ministro da Defesa Nacional, Filipe Nyussi e o Primeiro-Ministro, Alberto Vaquina.

Os antigos combatentes tomaram a sua decisão durante a III Sessão do Comité Central da ACLLN que durante dois dias os juntou na cidade da Matola e teve como agenda o balanço das actividades realizadas durante o ano passado pela associação e planificar as do ano em curso. Mas, como não deixaria de ser, o assunto sobre o candidato da Frelimo nas próximas eleições gerais mereceu a devida atenção.

Como se pôde depreender, os “libertadores da pátria” não estão contra os três pré-candidatos propostos pela Comissão Política desta que é a maior força política do país, mas exigem que se respeite o que está estabelecido nos Estatutos do partido.

Ou seja, que o Comité Central é o órgão com poder para decidir sobre a escolha de candidato. E, para que isso fique claro, recordaram e sublinharam que a Comissão Política tem o direito, apenas, de propor candidatos, mas a sua eleição cabe ao CC.

A posição defendida pela nata dos antigos combatentes, órgão que integra os chamados “donos da Frelimo” e presidida pelo presidente do partido, Armando Guebuza, segundo a qual deve haver mais pré-candidatos que permitirão o alargamento de leque de escolhas na eleição do concorrente às presidenciais, contraria de forma clara e inequívoca o que vinha sendo propalado pelo secretário-geral do partido, Filipe Chimoio Paúnde, que disse de forma repetida que os três pré-candidatos, até então conhecidos, seriam os únicos a concorrer para a candidatura em nome do partido. Ele ainda veio a público afirmar categoricamente que não retiraria nenhuma vírgula ao que asseverara, mesmo com as vozes de figuras de peso no partido a mostrarem-se contra.

O grupo, do qual fazem parte nomes sonantes da Frelimo, tem a pretensão de encontrar “um candidato que colhe consenso” entre os vários militantes do partido.

“Mas que fique claro que os três não foram reprovados. Nós estamos juntos dos três candidatos, mas aceitamos que haja mais abertura para mais oportunidades, porque queremos que seja um candidato de consenso”, esclareceu o porta-voz da III Sessão do Comité Central da ACLLN que decorreu nos dias 21 e 22, na Matola, Carlos Siliya.

Pré-candidatos: vantagem e desvantagem

O período que separa a escolha do trio de pré-candidatos e dos novos que sairão da sessão do Comité Central entre os dias 27 a 02 do mês em curso revela claramente a posição desvantajosa destes últimos em relação aos primeiros, anunciados há bastante tempo.

Refira-se que estes já tiveram oportunidade e tempo suficientes para se apresentarem aos militantes do partido a diferentes níveis, fizeram campanha e apresentaram as suas propostas de modo a garantirem apoio no “dia D”.

Os antigos combatentes não avançaram nomes das possíveis figuras que possam ser integrados nessa corrida que ainda promete muitas surpresas, mas defendem que, mais do que os nomes, o importante é que se observe o que está estabelecido nos Estatutos da Frelimo quanto ao candidato a Presidente da República pelo partido. Apesar disso, estão cientes da situação de vantagem e desvantagem em que cada um dos grupos se encontra e argumentam.



“O importante é que deveríamos seguir o que os nossos Estatuto dizem: que primeiro a Comissão Política propõe (os nomes), mas não dita (...)”, venceu Siliya com quase a certeza de que os novos pré-candidatos serão figuras “fortes que não necessitarão de fazer a campanha que os outros fizeram”, por já serem figuras de reconhecido mérito e capacidade.

Reestruturação do secretariado

A situação que se vive no seio de partido que governa o país desde a independência é de grande crispação. Nas eleições passadas, a Frelimo perdeu em quatro grandes municípios e os antigos combatentes atribuem a culpa ao actual secretariado do partido, dirigido por Filipe Paúnde, do qual fazem parte Sérgio Pantie, secretário para a organização do partido, Edson Macuácu, secretário para a Formação de Quadros, Carmelita Namashulua, secretária para os Assuntos Parlamentares e Autárquicos, Carlos Moreira Vasco, secretário para as Organizações Sociais, José Augusto Tomo, secretário do Comité Central para a Área Económica e Damião José, secretário para a Mobilização e Propaganda.

Deste modo, como forma de evitar uma má prestação nas próximas eleições gerais, os antigos combatentes defendem a reestruturação do actual secretariado. A medida tem em vista responder aos desafios actuais.

“Temos que fortificar o nosso partido para os desafios que se avizinham porque a Frelimo tem que ganhar e não pode fazê-lo com estruturas fracas”, disse Siliya acrescentando que o novo secretariado deve ser capaz de elevar o moral dos militantes e ainda mobilizar massivamente o povo, pois só deste modo a Frelimo sairá vencedora do próximo escrutínio.

No entanto, pelos corredores avança-se a informação de que os antigos combatentes, na verdade, ao propor a reestruturação do secretariado exigem a cabeça de Paúnde, figura que nos últimos dias se tem mostrado intransigente em relação ao processo tido como sensível, nomeadamente a escolha do candidato que representará a Frelimo e que deverá garantir a perpetuação do partido do batuque e da maçaroca no poder.

Guebuza e Chissano pedem apoio para o candidato da Frelimo

No último dia da reunião, o presidente da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN) e igualmente líder do partido, Armando Guebuza, e o ex-estadista moçambicano, Joaquim Chissano, apelaram aos membros da Frelimo para que apoiem o candidato que for eleito para representar esta formação política nas próximas eleições gerais, agendadas para 15 de Outubro.

No entender de Armando Guebuza, que falava durante o encerramento da III Sessão do Comité Central da ACLLN, realizado na Matola, esse apoio é que irá ditar a vitória

desta força política e do seu candidato e garantir que se viva em paz no país, construindo-se, assim, um futuro melhor para todos os moçambicanos.

“O militante da Frelimo que for eleito, como humano, terá, naturalmente, as suas lacunas e virtudes. Comprometemo-nos a unir-nos em seu redor e com ele trabalhar para minimizar e superar essas lacunas”, disse Guebuza, pronunciando-se pela primeira vez sobre a assunto.

Por seu turno, o ex-Presidente moçambicano e também membro da ACLLN, Joaquim Chissano, corroborou a posição de Guebuza e afirmou que todos devem apoiar o candidato que for eleito para representar o partido.

Chissano defende a necessidade de se reforçar a coesão entre os militantes de partido que governa o país desde a independência.



Processo de revisão da Lei de Petróleo não é transparente

A Assembleia da República (AR), o maior órgão legislativo do país, irá debater na presente sessão ordinária as propostas de revisão das leis de Recursos Petrolíferos e Mineiros, submetidas pelo Governo depois de cerca de dois anos de preparação dessa matéria. Os instrumentos em causa já estão a ser apreciadas pelo Comissão de Agricultura, Economia e Ambiente do Parlamento para posterior debate em Plenário. Porém, as organizações da sociedade civil reclamam do facto de não ter havido uma auscultação pública para que se procedesse à sua alteração

Texto: **Redacção**

O debate da revisão da Lei de Petróleo foi iniciado pelo Governo moçambicano há cerca de dois anos, tendo este, na altura, feito um convite através do site do Ministério dos Recursos Minerais (MIREM) para que os moçambicanos participassem no mesmo. Nesse período, porém, a proposta que estava disponível para a discussão, de Fevereiro de 2012, já se encontrava desactualizada, sendo que a versão recente podia ser encontrada no site do Instituto Nacional de Petróleo (INP), algo que não tinha sido comunicado aos interessados.

O Centro de Integridade Pública (CIP) considera que “em todo o processo da revisão da Lei do Petróleo não houve uma plataforma adequada de consulta pública. Isto era um indicador inequívoco de que o Governo não iria considerar as demandas da sociedade civil por uma maior transparência e boa governação no sector petrolífero no nosso país”. Efectivamente, a Lei do Petróleo necessita de uma actualização. A versão actualmente em vigor foi elaborada em 2001, muito antes das descobertas de gás natural na Bacia do Rovuma e das perspectivas sobre a produção de Gás Natural Liquefeito (GNL). Tal facto cria uma situação de obrigatoriedade da revisão desta normas de modo a adequá-las à actual realidade.

Algumas alterações

O CIP aponta alguns aspectos que poderão ser alterados na próxima lei. Argumenta que a antiga Lei do Petróleo não faz referência ao Gás Natural Liquefeito (GNL) pois foi produzida na esperança de que seria descoberto petróleo no país.

A lei agora incorpora o GNL e cria um novo “Contrato de Concessão e de Infra-estruturas” e, ainda, um “Plano de Desenvolvimento de Infra-estruturas” para cobrir a construção e operação das fábricas de liquefacção de gás. Por outro lado, prevê a “concorrência nas concessões”. É que ao abrigo da Lei de 2001, há uma opção para conceder concessões com base em negociações directas com as empresas petrolíferas. De facto, esta garantia de um processo competitivo foi realçada como uma das melhorias significativas na futura Lei do Petróleo.

Todavia, a versão final da lei, agora em sede de Parlamento, inclui novamente a opção de negociações “simultâneas ou directas”, nos termos do Artigo 5, o que constitui um retorno à Lei de 2001. Isto implica, necessariamente que a perspectiva de alocar concessões através de processos não competitivos e os riscos a ela associados, de tratamento preferencial e práticas corruptas, podem prevalecer.

Nos casos em que os concorrentes à obtenção de direitos de realização de operações petrolíferas forem corporações, a futura lei pretende impor dois novos requisitos. Primeiro, requer que todas as empresas que partilham um contrato de concessão sejam registadas numa jurisdição em que o Governo possa, de forma independente, verificar a titularidade, a gestão, o controlo, bem como a situação fiscal. Segundo, requer a identificação dos titulares de participações e a respectiva proporção que cada um detém. Contudo, apesar da obrigatoriedade de se providenciar esta informação ao Governo, não há indicações de que a mesma será tornada pública.

A versão final da proposta citada pelo CIP inclui uma nova secção relativa à “Aquisição de Bens e Serviços.” Refere que as empresas petrolíferas devem dar preferência aos produtos e serviços locais, quando comparáveis em termos de qualidade e disponibilidade e quando o preço, incluindo impostos, não seja superior em mais de 10 por cento. A protecção do ambiental e os interesses das comunidades locais são também mencionados, mas principalmente em referência aos futuros regulamentos. Existe um compromisso de canalizar uma ‘percentagem’ das receitas do Governo, geradas pelas operações petrolíferas, para o desenvolvimento das comunidades nas áreas das operações petrolíferas, mas não se inclui uma taxa específica.

Exigências da sociedade civil

Pela importância estratégica da indústria extractiva para a o desenvolvimento socioeconómico de Moçambique, a sociedade civil defendeu sempre uma governação transparente, um debate público aberto, o pagamento justo pela venda dos recursos naturais do país e a protecção dos direitos dos cidadãos.

No que respeita à transparência, a sociedade civil entende que a publicação das receitas provenientes da indústria extractiva prevista nas cláusulas da Iniciativa de Transparência das Indústrias Extractivas (ITIE), da qual Moçambique faz parte, não substitui a obrigatoriedade de se divulgar quanto é que as empresas deviam pagar ao Governo. Para se esquivar dessa lacuna, propõe-se a publicação automática de todos os contratos, garantindo condições de igualdade aos investidores, e reduzindo os riscos de corrupção.

“A lista dos titulares das licenças para todas as concessões mineiras devia ser pública, incluindo a identificação de accionistas individuais. As empresas estatais devem publicar os seus relatórios anuais com os relatórios financeiros a serem submetidos à auditoria, documentando as receitas recebidas e como é que as mesmas foram aplicadas”.

A sociedade civil pretende ainda que se evitem situações de conflitos de interesses.

É que o Estado representa nesse processo interesses antagónicos. Por um lado, é o órgão regulador do sector e, por outro, um parceiro comercial na produção do petróleo, funções que, no entender da sociedade civil, devem ser desempenhadas por diferentes braços do Governo.

“O licenciamento, por exemplo, deve ser separado da monitoria e da execução. Os conflitos de interesse também devem ser abordados até ao nível pessoal: não se devia permitir que um indivíduo que faz parte do Governo e/ou da administração pública tenha interesse financeiro no sector.”

Prosseguindo, o CIP defende que para se cumprir as práticas internacionais, o sector do petróleo deve ser gerido com base em leis e regulamentos claros, publicamente acessíveis, pois isso cria condições de igualdade e reduz os riscos de tratamento preferencial a determinadas empresas. A futura Lei do Petróleo não deve conceder, tal como acontece com a actual, um amplo poder ao Conselho de Ministros para regular, aprovar e definir como o sector irá operar. É que na proposta disponibilizada ao público, o leque de competências aumentou de cinco na lei de 2001 para catorze. O alargamento destes poderes sugere que a gestão do sector continuará baseada num processo decisório não transparente. Entende-se ainda que as actuais leis e regulamentos do Governo para proteger os direitos dos moçambicanos são inadequados. Os regulamentos sobre assuntos importantes, desde questões relativas ao reassentamento involuntário aos padrões de saúde e segurança devem ser reforçados na nova lei. As sanções pelo não cumprimento dos regulamentos devem ser incrementadas para se garantir que elas criem um genuíno desincentivo, ao invés de ser um pequeno custo de fazer negócio. E a responsabilidade deve ser aplicada não só às subsidiárias locais das empresas multinacionais, mas também às empresas-mãe.

A sociedade civil termina denunciando que o sector do petróleo em Moçambique tem sido gerido através de leis públicas vagas e contratos detalhados e confidenciais. A criação do Contrato de Concessão e de Infra-estruturas para as fábricas de GNL alarga esta prática e coloca a informação importante ainda mais longe do domínio público. Assim, os termos financeiros que determinam a separação entre as receitas da empresa e do Governo devem ser incorporados na lei, incluindo não apenas os pagamentos de imposto sobre as receitas, mas também os termos mais significativos do acordo de partilha de produção.

Lei será uma mais-valia para a economia

Durante essa semana, a comissão especializada da Assembleia da República auscultou o presidente da Autoridade Tributária (AT) sobre a Proposta de Revisão das leis de Recursos Mineiros e Petrolíferos. Na ocasião, Rosário Fernan-

des reconheceu que os actuais acordos entre o Governo de Moçambique e as empresas mineiras são desvantajosos para o país.

“Estamos em desvantagem. O que posso dizer categoricamente é que estamos em nítida desvantagem na gestão desses acordos, o que significa que temos que dar mais valor aos nossos recursos que estão a ser negociados. E, neste momento, o que está em curso é isso mesmo”, referiu.

Segundo Rosário Fernandes, os primeiros ganhos provenientes dos recursos mineiras do país têm de ser usados com prudência, para permitir que os segundos sejam mais capitalizados. Diz ele que os primeiros ganhos são fracções pequenas para atrair investimentos e a médio e longo prazo o Governo poderá reverter para si os benefícios que agora não possui. O presidente da AT explicou ainda que as actuais propostas, a serem aprovadas, poderão impulsionar o crescimento da economia nacional, entre 2018 e 2025. “Essas propostas de lei poderão dar uma reviravolta à economia moçambicana até 2018 ou 25. Com estas propostas não vamos ter uma viragem elevada em termos de fiscalidade, mas vamos ter um acréscimo fiscal que pode rondar no global, em recursos mineiros e petrolíferos, em seis a sete mil milhões de meticais”.

Publicidade



UM JEITO LOCAL. UM SORRISO MOÇAMBICANO.

A mcel e o Jeito conquistaram os moçambicanos. No recente evento “Melhores Marcas de Moçambique 2013”, a mcel foi eleita a melhor marca na categoria de operadoras de celular de acordo com a votação dos profissionais de marketing e a marca Jeito foi considerada a melhor marca de preservativos de Moçambique.

A Agência GOLO orgulha-se de colaborar na comunicação de ambas.
É caso para dizer que o pensamento local só podia dar origem
a duas das melhores marcas de Moçambique.

Think local

www.golo.co.mz

Destaque

Moçambique a saque (II)

Longe das inúmeras privações por que passam milhares de moçambicanos, os dirigentes superiores do Estado têm a prerrogativa de usar e abusar do erário para garantirem o seu conforto. A aquisição de uma moradia para o antigo presidente da Assembleia da República, Eduardo Mulémbwè, provocou um rombo fixado em 29 milhões de meticais nos cofres do Estado. Só em despesas de mudança da família Mulémbwè, da residência provisória para a definitiva, gastou-se, aproximadamente, mais de um milhão de meticais. Tudo isso para apetrechar uma residência com cortinas orçadas em 600 mil meticais. Porém, a ganância desenfreada dos bens públicos vai para além do que se pode imaginar.

Texto: Pro-@Verdade • Foto: Miguel Manguze

Dados em posse do @Verdade mostram que, quando o assunto é esbanjamento para garantir o seu conforto, os dirigentes superiores do Estado não se fazem rogados. O ex-presidente da Assembleia da República (AR), Eduardo Joaquim Mulémbwè, é disso um exemplo paradigmático.

Com o intuito de assegurar mordomias a este dirigente, o Estado moçambicano não mediu esforços, tendo desembolsado cerca de 29 milhões de meticais para a compra de uma moradia numa das zonas mais nobres da capital do país.



Em despacho de 08 de Dezembro de 2010, a directora nacional de Contabilidade Pública autorizou o valor, tendo o Departamento de Bens, Serviços e Investimentos (DBSI) comunicado ao GADE o pagamento do montante de 478.596,69MT, a favor da empresa Mobílias Mamad, que forneceu e montou as cortinas na residência arrendada pelo Estado a favor de Eduardo Mulémbwè.

Ainda no mesmo mês, o DBSI comunicou ao GADE, de acordo com despacho de 23 de Dezembro, a transferência de fundos na quantia de 424.892,61MT, para a conta da empresa Mobílias Mamad, referente à compra de mobiliário a favor do antigo presidente da Assembleia.

Em nota datada de 17 de Maio de 2011, no qual o GADE, além de sublinhar a aquisição de uma casa pelo Estado que serviria de residência definitiva do antigo presidente da AR, enviou à

Aquela montante somam-se os dois milhões, quinhentos e sessenta mil, seiscentos e quarenta meticais, e trinta e nove centavos (2.560.640.39MT), referentes à aquisição de cortinas, à ornamentação da casa e às despesas relacionadas com a mudança de residência. Porém, refira-se que essa quantia não inclui despesas relacionadas com o pagamento das rendas correspondentes aos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 2010, da moradia na qual Mulémbwè e a sua família viveram enquanto aguardavam pela habitação definitiva.

Se para a maior de moçambicanos “apertar o cinto mais do que já está” é a palavra de ordem, para os dirigentes do país a situação é exactamente o inverso. A nota nº 271/GADE/2010, de 26 de Agosto de 2010, do Gabinete de Assistência aos Antigos Presidentes da República e Atendimento dos Dirigentes Superiores do Estado (GADE) revela que não há limite orçamental para acomodar os pedidos de figuras ligadas ao partido no poder.

Para o recheio da casa arrendada pelo Estado em benefício do antigo presidente do Parlamento moçambicano, o GADE solicitou à Direcção Nacional de Contabilidade Pública (DNCP) o montante de um milhão, duzentos e vinte um mil, cento e noventa e cinco meticais e sessenta e nove centavos (1.221.195,69MT) para a compra do mobiliário e cortinados. A DNCP submeteu à “consideração superior para a melhor decisão, propondo a autorização do pagamento do valor” na CED 143402, não obstante a rubrica não estar dotada na tabela do Orçamento.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
Direcção Nacional do Orçamento

Ofício nº 11/BNQ-DORC-MF/2011
V.Rg/nº 179/GADE/2011

Assunto: Pedido de Fundos para a Cobertura de Despesas para o Recheio da Residência do Ex-Presidente da Assembleia da República

Acuso a recepção da nota referenciada em epígrafe através da qual V.Excia. solicita fundos para o recheio da casa do Ex-Presidente da Assembleia da República.

Sobre mesmo assunto e, de conformidade com o despacho de S.Excia. o Vice-Ministro das Finanças, de 30 de Junho, cumpre-me comunicar à V.Excia. que foi autorizado o reforço das despesas de funcionamento desse sector no montante de 785,00 mil Mt para a cobertura das referidas despesas.

Mais se informa que já foram feitas as alterações no e-SISTAFE.

Com os melhores cumprimentos

Miguel Manguze
17 de Maio de 2011
A Director Nacional Adjunto
Nádia da Natividade Travenço

Exmo Senhor:
Director do Gabinete de Assistência aos Antigos Presidentes da República e Atendimento aos Dirigentes Superiores

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES
DA REPÚBLICA E ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES
SUPERIORES DO ESTADO

Exmo Senhor
Director Nacional do Orçamento

Macedo

Nota Nº 271/GADE/2011 17/05/2011

Assunto: Recheio para Residência do Ex-PAR

Como é do conhecimento de V.Excia, o Estado comprou recentemente uma casa que vai servir de residência definitiva do Antigo Presidente da Assembleia da República Dr. Eduardo Mulémbwè.

A família decidiu transferir os bens que está a usar para a nova casa, porém, a casa não possui Ar-condicionados e transporte para carregamento dos mesmos, pelo que vimos remeter as cotações em anexo, nos seguintes termos:

- Fornecedor Tiger Center: 03 Ar Condicionados e montagem, valor - 230.396,40 mt (duzentos e trinta mil, trezentos noventa e seis meticais, quarenta centavos)
- Transporte dos Bens da família da casa actual para nova casa: valor - 474.610,50(quatrocentos setenta e quatro mil, seiscentos e dez meticais, cinquenta centavos)

Assim, submetemos o assunto à consideração de V.Excia, solicitando a brevidade no tratamento do assunto tendo em conta que a casa já está disponível e o inquilino está numa casa arrendada pelo Estado.

Valor Total: 705.006,90

Sem outro assunto, melhores cumprimentos.

O Director
Alberto Joaquim Vicente

Destaque

DNCP uma requisição de fundos no valor de 705.006,90MT. O montante destinava-se ao pagamento do fornecimento e montagem de oito aparelhos de ar condicionado e o transporte dos bens da família Mulémbwè da casa provisória para a nova.

AO
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES SUPERIORES DO ESTADO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
MAPUTO

NOTA Nº _____ /DNCP/DGC/RDG/032.22 Maputo, aos _____ de Setembro de 2011
Refª a nota nº 207/DAD/2011 de 23 de Agosto

ASSUNTO: Comunicação de fundos disponibilizados/2011

Cumpr-me comunicar que, por despacho nº 15/09/2011 da Exma Senhora Directora Nacional de Contabilidade Pública, foram transferidos fundos referentes ao fornecimento e montagem de 8 aparelhos de ar condicionados, na residência adquirida para o Antigo Presidente da Assembleia da República dr. Eduardo Joaquim Mulembwe, conforme abaixo se descrevem:

Nº da OP	Data da OP	CED	Beneficiário	NIB	Valor Transferido
193	19.09.2011	143406	Tiger Camilo Tala	0008.0000.03348953102.77	230,396.40

Informa-se ainda, para o cumprimento rigoroso do decreto 15/2010 de 24 de Maio, que aprova o Regulamento de Contratação de Empresas de Obras Públicas, Fornecimento de Bens e Prestações de Serviços ao Estado.

Cordiais Saudações

A Chefia do Departamento

/Verónica Alfredo Cuambe/
Técnica Superior NI

CED	Dotação atualizada	Fundos convencionais	Dotação disponível	Valor solicitado
143406	13.015.000,00	8.245.095,50	6.769.904,50	230.796,40

Constatation:
- Relativamente ao fornecimento de bens e prestação de serviços, o sector não celebrou nenhum contrato com a Empresa Tiger Cement, embora a empresa esteja inscrita no Cadastro Único de Empreiteiros de Obras Públicas, Fornecedores de Bens e Prestadores de Serviços ao Estado.

- O Setor anexa a presente requisição de fundos, a cópia da fatura do Tiger e não apresenta nenhuma fundamentação sobre os procedimentos de contratação da Empresa para o fornecimento de ar condicionado, em obediência ao Decreto 15/2010 de 24 de Maio, que aprova o Regulamento de Contratação de Empreitada de Obras Públicas, Fornecedor de Bens e Prestação de Serviços ao Estado.

4 - Nestes termos, tratando-se do Ex-Presidente da Assembleia da República, submete-se à consideração superior para melhor decidir. Em caso de aprovação a proposta da transferência é de **230.356,40Mn** (duzentos e trinta mil, trezentos e noventa e seis milréis e quarenta centavos), na condição do GADE enviar a factura original, com os dados bancários.

O Titulo _____
Bernardino Mário Eduardo Matos

Em Setembro de 2011, o Departamento de Administração e Finanças informou que, “por despacho de 08/09/2011 da Exma Senhora Directora Nacional de Contabilidade Pública, foi autorizada a transferência do montante de 474.610,50MT, referente ao pagamento dos serviços de embalagem, desmontagem, arrumação, carregamento, transporte e descarregamento dos bens pessoais da família Mulémbwè”, da residência provisória para a definitiva.

AO
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES SUPERIORES DO ESTADO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
MAPUTO

NOTA Nº DNCPRBDG/932.2
Re# a nota nº 248/DAD/2011 de 01 de Agosto

Maputo, aos 17 de Setembro de 2011

ASSUNTO: Comunicação de fundos disponibilizados/2011

Cumpre-me comunicar que, por despacho de 15.08.2011 da Exma Senhora Directora Nacional de Contabilidade Pública, foi autorizado a transferência do Montante de 474.610,50Mh (quatrocentos e setenta e quatro mil, quinhentos e dois reais e cinquenta centavos), referente ao pagamento dos serviços de ambulância, deslocações, alimentação, carregamento, transporte e descarregamento dos bens pessoais da família Mulembwe, da residência provida para definitiva, conforme abaixo se descreve:

Nº de OP	Data da Transferência	CEID	Beneficiário	NIB	Valor transferido
174	09/09/11	141406	FRESCO-Francisco Mulembwe	0001.0000.12786281101.80	474.610.50

Cordiais Saudações

A Chefia do Departamento


/Verónica Alfredo Cumbel/
Técnica Superior NI





No mesmo mês, por despacho de 15/09/2011, foram transferidos fundos no valor de 230.396,40MT a favor da empresa Tiger Center, Lda. Curiosamente, embora a referida empresa esteja inscrita no Cadastro Único de Empreiteiros de Obras Públicas, Fornecedores de Bens e Prestadores de Serviços ao Estado, o sector não celebrou nenhum contrato com aquela entidade. Ou seja, o sector anexou à requisição de fundos a cópia da factura do estabelecimento comercial “Tiger Center” e não apresentou nenhuma fundamentação sobre os procedimentos de contratação da empresa para o fornecimento dos aparelhos, em obediência ao Decreto 15/2010, de 24 de Maio.

[illegible]

“Nestes termos, tratando-se do ex-presidente da Assembleia da República, submete-se à consideração superior para melhor decidir. Em caso de aprovação, a proposta da transferência é de duzentos e trinta mil, trezentos e noventa e seis meticais e quarenta centavos, na condição de o GADE enviar a factura original, com os dados bancários”, lê-se a dada altura na informação n.º 589/DNCP/DGC/RDG/11 do Departamento de Despesas Gerais e Contratos, do Ministério das Finanças.

Outra despesa efectuada sem o cumprimento do Decreto 15/2010, de 24 de Maio, que aprova o Regulamento de Contratação de Empreitada de Obras Públicas, Fornecimento de Bens e Prestação de Serviços ao Estado, é referente à montagem de um sistema de segurança electrónica. Para assegurar este meio na nova residência do ex-presidente do Parlamento, foi autorizada pelo DNCP, por despacho de 16/09/2011, a transferência de 634.437,80MT a favor da empresa Hitron Moçambique, Lda.

Na cotação encontram-se oito câmaras bullet Samsung exteriores com 30 metros de capacidade de visualização. Cada artigo, dos oito citados, custa 13.746 meticais. Também descortina-se um DVR Digital Record Samsung de

V. ESTD
to JESSI
10/12/2010


REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES SUPERIORES DO ESTADO

A
Direção Nacional da Contabilidade Pública
Ministério das Finanças
Maputo

A atenção do Dr. Amadeu Hazzane

Nota n.º. 277GAD/2010 30/06/2010

**Assunto:- Casa para o Antigo Presidente da Assembleia da República,
Eduardo Joaquim Malhotra.**

Em aditamento à acima nota n.º. 271/GAD/2010, de 26.08.2009, remeto a V.Exa a cópia n.º. 409/2010.

Mais agradeço em boca ofícios de V.Exa. para o assunto versado na acima nota n.º. 239/GAD/2010, DE 17.08.2010.

Dada a urgência do assunto, agradeço a melhor atenção de V.Exa.

Melhores cumprimentos.





Rua do Núlio, nº 113, Caixa Postal nº 8718, BCL, Vilankulo, P.O. 271-07000 - Estrada Nacional nº 10, Vilankulo - Moçambique


REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES SUPERIORES DO ESTADO

Ao *DBSZ*
HJ
31.08.20

A
Direção Nacional da Contabilidade Pública
Ministério das Finanças
Maputo

À atenção do Exmo. Senhor
Dr. Arnaldo Huanane

Nota n.º. 271GADE/2010 26/06/2010

Assunto: Casa para o Antigo Presidente da Assembleia da República,
Eduardo Joaquim Makenzvi.

Foi estabelecido superluminosamente o prazo de 30 de Agosto corrente para a entrega da casa em referência, cujo contrato de arrendamento já foi assinado aguardando-se o pagamento das rendas correspondentes aos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 2010.

Neste momento decorrem os últimos acabamentos e o processo de mobilar a casa. Falta a aquisição e colocação das cortinas.


Assim, dada a urgência que se impõe, solicito a V. Exa. providências para o pagamento do valor correspondente à aquisição e colocação de cortinas.

Para o efeito, juntamos as seguintes cotações:

- Cotação n.º 274/2010 - da Mobílias Marnad, no valor de **478.594,49mt.**
- Cotação n.º 130 - da Dorna Tina Arte e Decoração de Interiores, no valor de **142.599,00mt.**

[Handwritten signature and stamp at the bottom left]

Destaque

		República de Moçambique Ministério das Finanças SISTAFE	
Data de Impressão: 07/12/2010 09:10:20			
Usuário: 100871173 - ROSALINA ALEXANDRE MALANDO			
Ordem de Pagamento			
Transmissão Contabilística:		Pagamento	
Aplicação:		e-SISTAFE	
Data do Movimento:		03-12-2010	
Data do Processamento:		03/12/2010	
Código do Documento:		01270103002100000000G000000000OP201000290	
UGO/Gestão Emitente:		270103002 - DNCP - UGE Especial Despesas Gerais - Grupo Área Económica - B / 100000000000000000 - Orçamento Central	
Moeda:		MDN - MT - Metical	
Código de Processo Administrativo:		2010FDO06515000000E307	
Banco:	0000	Balcão:	0021 Conta Corrente: 0000.0021.04100310015.77
Credor:	400001354 / Mobílias Mamele		
Banco:	0002	Balcão:	0047 Conta Corrente: 0002.0047.471040000063.72
Tipo de Pagamento:		Transferência Bancária	
Processamento pelo Banco:		Processado com Sucesso	
Despesa Anulada por Guia de Recolhimento:		Não	

Nota de Liquidação	Nota de Cabimentação	Valor Liquidado
01270103002100000000G000000000L0201300443	01270103002100000000G000000000HC201000502	478.596,69
Valor Total Liquidado:		478.596,69
Valor Total de Descontos:		0,00
Valor Líquido Pago:		478.596,69

Nota de Liquidação	Documento Externo	Valor do Documento Externo
01270103002100000000G000000000L0201000443	Fatura	478.596,69
	274	20/08/2010
Total:		478.596,69

Conta Contabilística	Objeto	Valor D/C
2.1.3.1.1.00 - FORNECEDORES A PAGAR	400001354 01270103002100000000G000000000L0201300443 01270103002100000000G000000000HC201000502	478.596,69 C
8.2.3.3.3.00 - DOTACÃO CABIMENTADA PAGA	01270103002100000000G000000000L0201000443 01270103002100000000G000000000HC201000502 100000000000000000 000007010100010911M4502-00-E06-2007-OF111010000000014300 0127000000	478.596,69 C

Registado por: 100019435 - GERRINA FRANCISCO BASSOPANE JAMO

Estado da Conformidade: Sem Conformidade Conformidade Documental por: N/A

Data: N/A

Arquivo: Produção - FIC

16 canais SRD fixado em 188.580 meticais. Há, refira-se, um painel energiser orçado em 35.992.10 meticais. Na factura no 70 referente à montagem do sistema de vedação eléctrica constam alguns dos itens acima referidos. No documento posterior, com o no 71/11, de



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DIRIGENTES SUPERIORES DO ESTADO

AO
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO NACIONAL DA
CONTABILIDADE PÚBLICA

Nota nº 43/GADE/DAD/2010 05/11/2010

ASSUNTO: Aditamento a n/ota 271/GADE/2010 de 26/10/2010

Em aditamento a nota que nos referimos, compete-nos remeter os dados bancários da Mobilias Mamad, empresa que forneceu e montou as cortinas na residência arrendada para o Antigo Presidente da Assembleia da República Eduardo Mulembwe.

Mais informamos, que o pagamento solicitado por esta nota, refere-se apenas a Mobilias Mamad.

Ciente da melhor atenção de V.Excia para o assunto, apresento os melhores cumprimentos.



P.O. DIRECTOR



Alberto Joaquim Vicente

DEPARTAMENTO DE BENS E SERVIÇOS E INVESTIMENTOS

AO
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA
E ATENDIMENTO DOS DEREGENTES SUPERIORES DO ESTADO

MAPUTO

Nota 00007334
ONCP/DBSUREB-SEC.ECON/032.22/010 Maputo, aos/de Dezembro de 2010

Refª a nota nº 271/GADE/2010 de 26.10.2010

Assunto: Comunicação de Fundos Disponibilizados

Comunica-se que de acordo com o despacho de 08.10.2010 da Exma Senhora Directora Nacional de Contabilidade Pública, foram transferidos fundos, para a conta bancária nº 0002.0047.47104000063.72 do Barclays, a favor da empresa Mobílias Mamed, referente ao pagamento de Continuidas da casa o Ex-Presidente da Assembleia da República o Senhor Eduardo Joaquim Mulembwe, conforme a ordem de pagamento em anexo.

N.º da nota	Data da Transferência	N.º da ordem de Pagamento	CEID	Valor bruto	Valor transferido
271/GADE	03/11/2010	CP290	143402	478.596,69	478.596,69

Com os melhores cumprimentos

O Chefe do Departamento


(Manuel Joaquim Matavele /
Técnico Profissional

para o portão de correr, conforme a factura proforma nº 74 de 09.06.2011 em anexo.

3. Eis a situação financeira da UGB do presente ano 2011:
UGB: 6515 Programa: MA502-00-BGE-2007-09/11

CEG	Dotação actualizada	Fundo comprometido	Dotação disponível	Valor solicitado
145438	11.015.000,00	7.811.257,30	7.401.742,30	634.437,80

Constatções:

a) Relativamente ao fornecimento de bens e prestação de serviços, o sector não celebrou nenhum contrato com a Empresa Hileon Moçambique, Lda

b) O Sector anexo apenas uma factura proforma (cotação) a presente aquisição de fundos, e não apresenta nenhuma fundamentação sobre os procedimentos de contratação da Empresa para o fornecimento e montagem de sistemas de segurança electrónica.

4 - Nestes termos, tratando-se do Ex- Presidente da Assembleia da República, submete-se à consideração superior para melhor decisão. Em caso de aprovação a proposta da transferência é de **634.437,80Ml** (seiscentos e trinta e quatro mil, quatrocentos e trinta e sete centavos e sistema centavo), usando a modalidade de pagamento directo a Empresa Hileon Moçambique, com o Nui: 400107998, na condição do GADP enviar a factura definitiva com os dados bancários.

O Técnico


Bernardino Mário Eduardo Matoshe
- 145438/2011 - 1 - 1 -
- 145438 - 145438 - 1 - 1 -

AO
GABINETE DE ASSISTÊNCIA AOS ANTIGOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E
ATENDIMENTO DOS DERIGENTES SUPERIORES DO ESTADO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
MAFUTO

NOTA Nº /DNCPI/DGC/RDG/032.22-1- Magato, aos 2 de Setembro de 2011
Refª a nota nº 294/DAD/2011 de 17 de Agosto

ASSUNTO: Comunicação de fundos disponibilizados/2011

Cumpr-me comunicar que, por despacho de 16.09.2011 da Ilma Senhora Directora Nacional de Contabilidade Pública, foram transferidos fundos referentes ao fornecimento e montagem de sistema de segurança electrónica, na residência adquirida para o Antigo Presidente da Assembleia da República de: Eduardo Joaquim Menezes, conforme abaixo se descreve:

Nº da OP	Data da OP	CED	Beneficiário	NIB	Valor Transferido
198	21.09.2011	143408	Hieron Moçambique, Lda	0022.0860.01070216103.20	634.437,88

Informa-se ainda, para a celebração do contrato com a empresa Hieron Moçambique, Lda, de modo a se cumprir com o decreto 152/03 de 24 de Maio, que aprova o Regulamento de Contratação de Empresas de Obras Públicas, Fornecedor de Bens e Prestações de Serviços ao Estado.

Cordiais Saudações

A Chefia do Departamento

(Verónica Alfredo Casimiro)

01/08/2011, o custo a ser pago pelo Estado é de 54.682.06 meticais para a montagem do vídeo intercomunicador.

As cortinas de Mulémbwè

As cortinas da casa adquirida por 29 milhões de meticais custaram 742.599 meticais. Na

[illegible]



Hitron Moçambique, Lda

Sistemas de Segurancas Eletronicas Digitais e Informaticas

NÚM: 409167998

Nome GAIVE

Endereço CASA PASTEL

Núm. Tel 8491111

Município

FACTURA Nº 000250

DATA 10/09/99

PERÍODO

QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	UNIDADE	VALOR
	<p>Transmissão e instalação de sistema CCTV, vídeo vigilância, vídeo etc. Instalados, dados, imagens, imagens, imagens e mais, para o local de trabalho do Sr. residente do ex-mercado de Assenda da República.</p> <p style="text-align: right;"><i>GAIVE</i></p>		
	<p style="text-align: center;">  ANTÓNIO LUIS Representante Legal </p>		
	<p>Seiscentos e noventa e quatro mil e quinhentos e sessenta e sete reais e oitenta e oito centavos.</p>	<p>6000-0000</p> <p>20% 17%</p> <p>000000</p>	<p><u>240000</u></p> <p><u>48000</u></p> <p><u>288000</u></p>

Ass: GAIVE

sala, com seis janelas, foram gastos 97 metros de tecido orçados em 97 mil meticais. Cento e noventa e quatro metros de forro renderem à Tina Artes Eventos e Decorações mais 22.220 meticais. As argolas para sustentar as cortinas foram adquiridas por 12.600 meticais. O varão metálico decorado custou 17.850.00. A montagem custou ao erário 42.000.00 meticais.

Em suma: proteger a intimidade da família de Mulémbwè naquele espaço físico retirou dos cofres do Estado 268.115 mil meticais.

No quarto principal da casa a despesa está orçada em 88.175 meticais. Esse valor, diga-se, foi despendido em duas janelas. Para além do quarto principal, a cotação da Tina Artes e Eventos dá conta de mais seis cômodos dispendiosamente cortinados. Os quartos da primeira, segunda e terceira menina foram cortinados por 139.095 meticais. Os outros dois quartos, identificados como sendo os do primeiro e segundo menino, consumiram 92.730 meticais.

A cozinha, diga-se, foi o cómodo menos dispendioso apesar de ter duas janelas. O trabalho de decoração custou apenas 17.595 meticaís.

Destaque

Empresas privilegiadas

As empresas que, através do GADE, atropelam os procedimentos de contratação de obras públicas e prestação de serviços são a Marabil, Lda. e a E.R.R - Empresa de Reabilitação e Reparação, Lda.

Refira-se, no entanto, que a E.R.R tem como ID de registo o número 27035 e conta com um capital social de 500.000,00 meticais (quinhentos mil meticais). Os sócios são Júlia Ernesto Mascarenhas Abrantes com 60 por cento do capital, António Marques Abrantes e Paulo Alexandre Soares Marques com 20 por cento cada. Lembre-se que esta empresa reabilitou a casa do antigo combatente de luta de libertação nacional, Marcelino dos Santos, por 2.800.000,00 (dois milhões e oitocentos mil meticais).

A Marabil, limitada tem como ID de Registo o número 51948 fruto da alteração de capital publicado no BR nº 17, III Série de 25 de Abril de 2012 - pág. 395 a 1. Contudo, na altura dos acontecimentos (arrendamento das casas de ex-dirigentes superiores do Estado) o ID de registo era o 34217. E a Marabil, Lda. era uma sociedade por quotas de acordo com informação disponível no BR nº 48, III Série, Supl., de 27 de Novembro de 2008 - pág. 768-(12) a 3. Os sócios, diga-se, eram os cidadãos Marina Xavier Fordoma Mangue e Abílio Chicanequisso Mangue.

O capital estava fixado em 20 mil meticais. A sociedade por quotas tinha como objecto social “o exercício de aquisição, alienação, locação, cedência, permuta, venda, gestão, desenvolvimento, recuperação transformação de bens imóveis”.

“A sociedade tem ainda como objecto, o exercício de actividades de prestação de serviços em:

a) Promoção, avaliação, aquisição, alienação, venda, locação, cedência, permuta, gestão, desenvolvimento, recuperação, e transformação de bens imobiliários”, lê-se no BR.

Marabil não se lembra de ter disponibilizado casa a Marcelino dos Santos

A Marabil, agência imobiliária e proprietária da casa que foi arrendada ao veterano da luta armada, Marcelino dos Santos, não se recorda de alguma vez ter disponibilizado uma residência para que fosse arrendada ao antigo dirigente.

Contactada por telefone, a secretária da empresa Marabil confirmou ter um registo de casa arrendada a Marcelino dos Santos e reconheceu, igualmente, ter lido a edição do Jornal @Verdade que abordou a matéria. Contudo, quando solicitámos esclarecimentos, ela encaminhou-nos ao gestor de clientes da empresa que nos respondeu nos seguintes termos: “Não me lembro de termos disponibilizado uma casa a Marcelino dos Santos porque arrendamos várias residências. Também não li nenhuma matéria sobre o assunto e, portanto, não sei do que o senhor está a falar”, disse rapidamente o gestor de clientes daquela empresa que de seguida interrompeu a conversa para dizer: “estou muito ocupado, meu senhor, com licença”, tendo, de seguida, desligado o telefone.

Ministério das Finanças não se lembra de ter adquirido nenhuma casa

Contactámos o Ministério das Finanças, entidade responsável pela gestão do dinheiro público e desembolso de valores monetários e fomos atendidos pela senhora Anatórcia que afirmou ser nova na instituição e que, por isso, não poderia dar nenhuma informação a respeito do assunto.

A nova secretária prometeu averiguar a matéria e só depois prestaria declarações.

@Verdade deslocou-se, no dia 7 de Fevereiro, ao Ministério da Administração Estatal para ouvir o secretário permanente daquela instituição sobre o assunto, Higino Longamane. Disseram-nos que se encontrava reunido e que devíamos esperar. Volvidas duas horas, sugeriram que deixássemos os nossos dados para posterior contacto. Decorridos seis dias, fomos recebidos pelo director do GADE, Alberto Vicente, que afirmou que a lei estabelece tal direito para todos os altos dirigentes do Estado. Ou seja, “todos os funcionários do Estado têm direito a casa após o cumprimento do seu mandato”. Questionado sobre a necessidade

de concurso público – para valores acima de trezentos mil meticais (300.000MT) –, Vicente referiu que “o assunto não precisou de passar por concurso público e nem pela Assembleia da República por se tratar de um direito vinculado aos dirigentes”.

No entanto, o artigo 113, do Decreto no 15/2010, que aprova o Regulamento de Empreitada de Obras Públicas, Fornecimento de Bens e Prestação de Serviços ao Estado, esclarece que “o Ajuste Directo é a modalidade de contratação aplicável sempre que se mostre inviável ou inconveniente a contratação das outras modalidades (...). Efectivamente, tal modalidade aplica-se “sempre que o valor estimado da contratação for inferior a cinco por cento do limite estabelecido nos termos dos no 2 e 3 do artigo 90 do presente Regulamento, devendo-se juntar pelo menos três cotações para justificar a razoabilidade do preço, da escolha do empreiteiro, fornecedor ou prestador de serviços”.

O no 2, do artigo 90, estipula, na sua alínea a), 3.500.000, meticais e na b) 1.750.000,00. Ou seja, só é permitido o Ajuste Directo quando estão em causa valores que não ultrapassem cinco por cento destas quantias.

O no 4, do mesmo artigo, informa que “não é permitido o fraccionamento do valor estimado para contratação com a finalidade de aplicar o Ajuste Directo”.

@Verdade consultou alguma legislação em torno dos dirigentes superiores do Estado. A Lei no 4/90 de 26 de Setembro, no seu número 15, fala do direito a habitação. O no 1 esclarece que “o Estado assegura residências oficiais ou de funções para os dirigentes superiores do Estado” nos quais se enquadra a figura de Presidente da Assembleia da República actual. O nº 2 afirma que “o Conselho de Ministros regulará por decreto as

Quem te (ou)viu e quem te vê...

Decorria o ano de 1985, quando ainda calcorreavas as ruas da cidade a caminho do teu local de trabalho, com uma pasta que te fazia pender para um lado do corpo, na Avenida Vladimir Lenine, e frequentavas a única escola de condução de Maputo – constrangimentos da época – que conheci um jurisperito bastante parecido contigo.

Era uma pessoa que transpirava imensa candura e tinha lampejos de muita humildade nos olhos.

Andava um tanto revoltada com o sistema, pois era dos poucos juizes desembargadores existentes no país. Dizia-se injustiçado – dado o seu status –, não possuía um gabinete à sua altura, o aparelho de ar condicionado era decrepito, dentre outras desconsiderações a que estava sujeito o ilustre causidico.

Nestas circunstâncias, os valores que se defendem são os da maioria que tem de tudo menos o essencial para enfrentar o dia-a-dia no regaço familiar.

Todavia, porque este mundo é uma dinâmica contra a qual não se pode lutar, as coisas foram, paulatinamente, mudando de feição, no sentido da ascendência social, para o Dr.

E porque “quando não podes combater o inimigo, junta-te a ele”, e este está sobejamente munido de “balas de açúcar”, parafraseando o saudoso Presidente Machel, eis que, de mordomia em mordomia, o senhor parecido contigo foi-se

tornando amnésico, não se sabendo de que forma tal metamorfose se foi consolidando no seu âmago.

Eram carros de luxo e o respectivo combustível a rodos, a povoarem o quintal, que não era pequeno, de uma casa com uma piscina com dimensões quase olímpicas, despesas de representação, viagens em classe executiva, empregados para cada capricho, telefone pago e quejandos próprios de um país que granjeou imensa reputação no ranking dos mais pobres do mundo, apesar das suas imensuráveis riquezas.

Não obstante os conselhos dos seus amigos de infância, no sentido de primar pela parcimónia, nada o demovia dos luxos a que se devem dar os novos-ricos que se prezam. Houve até quem lhe tivesse recordado das sábias recomendações do finado Presidente Nyerere proferidas aquando da independência nacional, segundo as quais a cadeira do poder vicia.

O único ensinamento que acatou tem a ver com a manutenção da sua elegância.

O Dr. aceitou que, para se tornar airoso, devia levantar elevadas somas de dinheiro a fim de transportá-los, como exercício físico, pegando-as pelo lado contrário ao que pendia o seu tronco quando ainda andava a pé e carregava a pasta de documentos de trabalho.

Estes são os valores que o teu sócia(?) assumiu ad aeternum.

verbas anuais destinadas à manutenção e equipamento das residências mencionadas no número anterior”.

O artigo 11, por sua vez, fala dos direitos após a cessação de funções e refere que “quando no momento da cessação de funções se verificar que o Presidente da Assembleia Popular e o Primeiro-Ministro não possuam residência própria, o Estado colocará à disposição para utilização” um casa para tais dirigentes desde que tenham exercido “pelo menos dois anos e meio de função”. Contudo, Mulémbwè tem casa própria e a lei estabelece o direito de aquisição para os ex-dirigentes que não tenham onde morar.

Cartas do @Verdade ficam sem resposta

@Verdade enviou cartas com o mesmo teor à Assembleia da República e ao Ministério das Finanças para procurar esclarecimentos. Os documentos deram entrada no dia 13 do corrente mês e até hoje não obtiveram nenhuma resposta. Em suma: quando se trata de informação de interesse público e delapidação do erário as instituições que deviam zelar pelo cumprimento de regras e fiscalização dos bens de todos nós entram num mutismo conivente.



Estudantes venezuelanos vão às ruas em busca de um futuro melhor

Insegurança, falta de géneros básicos, desemprego, criminalidade: num país em que são vistos com simpatia, os jovens exigem uma outra vida. Para isso, não temem confrontos violentos com forças do Governo Maduro.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

Nos últimos dias, Vanessa Eissig, de 22 anos, tem tido que escutar muitas injúrias: ela e os do seu grupo seriam reaccionários, lacaios dos EUA, delatores, traidores da pátria. Contudo, o que mais magoa a estudante de Caracas é a acusação de pertencer a um bando de nazistas e fascistas, que conclamam um golpe de Estado na Venezuela.

A mágoa extrema de Vanessa deve-se ao facto de ela vir de uma família judaica alemã. Os seus antepassados foram confinados em campos de concentração: ela sabe a diferença entre ditadura e democracia.

No entanto, quanto mais o Governo do Presidente Nicolás Maduro se vê abalado pelas semanas de protestos estudantis, mais intolerável se torna a retórica do chefe de Estado socialista. Com insultos exaltados, ameaças e palavras de ordem incentivadoras, ele tenta manter o controlo sobre o seu país descarrilado. E, dia após dia, ele confirma que, para isso, quase qualquer meio lhe é válido.

Noites de violência

O sol mal se pôs na Praça Altamira, em Chacao, um dos bairros mais abastados da capital venezuelana, e já começam a queimar as primeiras barricadas, erguidas naquela mesma tarde. Motocicletas circulam, agitadas, em todas as direcções, aumentando o caos.

Os mais idosos fogem em pânico da área em torno da praça tão apreciada. Em compensação, chegam cada vez mais estudantes, trazendo os itens necessários para enfrentar a noite: água e vinagre contra o gás lacrimogénico, toalhas e cachecóis para se mascarar. E garrafas de plástico com areia, gasolina e faixas de pano.

Têm início os primeiros conflitos. Canhões de água posantes despejam a sua carga, misturada com o cáustico gás lacrimogénico. Por trás das colunas de fumaça, vislumbram-se luzes vermelhas e azuis intermitentes, e a



timbre da polícia federal, a Guarda Nacional Bolivariana.

Justamente quando Vanessa está a dar a entrevista, cai uma granada de gás perto dela. Os manifestantes debandam do local, tossindo e insultando, e em direcção ao obelisco. Minutos mais tarde, retornam, atirando as suas garrafas de plástico contra os polícias. Cada vez que um dos coquetéis molotov explode, irrompe o aplauso. “Nós precisamos de nos defender”, explica a estudante, secamente.

Defendendo um futuro

Como todos os demais que, noite após noite, vão às ruas, ela está certa de estar a defender nada menos do que o próprio futuro. De início, o alvo dos protestos dos estudantes eram a insegurança constante e o abastecimento catastroficamente deficiente.

Há carência de géneros alimentícios básicos e de artigos do dia-a-dia. Uma mãe conta que há três meses não encontrava leite para os seus filhos. O país com as maiores reservas de petróleo do mundo tem que importar papel higiénico – os jornais também são afectados pela carência de papel.

Além disso, a população sofre com a violência feroz. Com menos habitantes do que o Canadá, a Venezuela tem um índice de criminalidade superior ao dos Estados Unidos. Não é incomum ocorrerem 60 assassinatos num só fim-de-semana, apenas em Caracas.

Enquanto o Governo ignora ou minimiza as falhas e arbitrariedades, jovens como Vanessa já não querem essa vida. “Eu fiz um curso superior, mas não encontro emprego. Quero viver numa Venezuela livre, quero ter família e filhos. Não luto por um partido, luto como cidadã, como mulher”, diz a descendente de alemães.

Segundo Yasmin Velasco, jornalista de destaque no país, muita gente pensa na-

quilo que os estudantes colocam em palavras. “Eles querem uma vida melhor, com mais segurança e mais qualidade. Os estudantes fazem uso deste meio para este fim.”

Marco Antonio Ponce, pesquisador do Observatório Venezuelano de Conflito Social, confirma: “Na Venezuela, os jovens são tradicionalmente tidos em alta conta e gozam de muita simpatia, pois eles são o futuro.”

Longe de uma solução

Mas o Governo não tem muitos escrúpulos ao lidar com o futuro do país. Depois de duas horas, a Polícia invade a Praça Altamira. Gritos fazem-se ouvir através das nuvens de gás, manifestantes escapam para os restaurantes e as entradas das casas. Muitos são arrastados brutalmente pelas forças de segurança e espancados.

Os feridos são numerosos, mas pelo menos desta vez não houve mortos. Os temidos colectivos – gangues de motoqueiros que apoiam o Governo e atiram a esmo nos opositores – contiveram-se esta noite.

No dia seguinte, o Presidente Maduro voltará a falar de uma “conspiração fascista” contra o seu país. Ele vai ordenar novas prisões de políticos da oposição, ameaçar o encerramento de órgãos de Imprensa críticos, enviar os militares para investirem contra os manifestantes na província.

Tudo indica que a nação dividida está longe de um diálogo ou consenso. Vanessa e os demais estudantes sabem que ainda terão de protestar por muito tempo até que alguma coisa mude.

Com Whatsapp, Facebook absorve concorrente em potencial

Comprado por 19 bilhões de dólares, o serviço de mensagens do aplicativo é hoje mais usado que o da rede social de Mark Zuckerberg e ganha um milhão de usuários por dia.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

Há duas semanas, o Facebook completava dez anos. E pouco antes, a companhia de Mark Zuckerberg impressionava as bolsas de valores com dados surpreendentes: o número de usuários chegou à marca de 1,23 bilião; e as acções atingiram o preço recorde de 62 dólares. O seu valor de mercado gira agora em torno de 150 milhões de dólares. Deste modo, não há problema algum em desembolsar 19 bilhões de dólares para comprar um aplicativo como o Whatsapp.

Criado em 2009 por dois ex-funcionários do Yahoo!, o Whatsapp já conta com mais de 450 milhões de usuários – e cada dia ganha mais um milhão. Eles comunicam-se de maneira rápida e simples por meio de mensagens de texto, fotos, vídeo e áudios, de qualquer parte do mundo. São 18 bilhões de mensagens trocadas todos os dias.

O aplicativo é um dos programas mais instalados em smartphones e tablets e funciona em todos os sistemas operacionais. Inicialmente ele podia ser baixado gratuitamente, mas agora cobra-se um dólar por ano de cada usuário. A taxa simbólica garante o programa livre de anúncios.

E assim ele deve permanecer, defende Jan Koum, co-fundador do Whatsapp. “Sem anúncio, sem joguinho, sem firula”, como mostra um bilhete escrito à mão colado na sua mesa desde a fundação do aplicativo.

“Este com certeza que foi um negócio inteligente, pois o Whatsapp vinha despontando como um verdadeiro concorrente do Facebook”, avalia o alemão Tobias Kollmann, especialista em e-business da Universidade de Duisburg-Essen. “Por isso, não se trata apenas



de um negócio com valor espectacular, mas também de uma jogada inteligente”, diz.

Segundo Kollmann, o Whatsapp é mais usado do que o próprio serviço de mensagem do Facebook, tanto na Europa como noutros mercados em crescimento, como América do Sul e Ásia. “E se o Facebook quer ser o líder entre as redes sociais, essa pretensão passa necessariamente por tal serviço de mensagem. A compra foi uma decisão lógica”, explica Kollmann.

Transparência

Aparentemente, Zuckerberg estava pressionado para fechar logo o negócio antes do seu concorrente Google – que, segundo publicou o blog de tecnologia The Information, também estaria interessado no Whatsapp. Há poucos meses, o Facebook recebeu sinal vermelho numa investida para comprar outro aplicativo de mensagens, o Snapchat. Três bilhões de dólares haviam sido colocados sobre a mesa.

Para garantir que o negócio agora fosse concluído, a empresa não se esquivou de colocar a mão um pouco mais fundo no cofre. A compra do aplicativo de fotos Instagram, há dois anos, por 1 bilhão de dólares, já havia surpreendido pelo valor.

Jan Koum, co-fundador do Whatsapp, defende aplicativo livre de anúncios

Desde o escândalo de espionagem envolvendo a Agência de Segurança Nacional americana

(NSA), muitos usuários vêm levantando a suspeita de que os seus dados poderiam estar a ser usados de maneira indevida. Mas Koum ressaltou sempre que para ele existem limites claros.

Para Tobias Kollmann, é preciso garantir a transparência no uso dos *meios* quando se trabalha com informações online. “Acredito que é altura de avaliar como podemos informar melhor os usuários, a fim de que as pessoas possam visualizar os respectivos aspectos, e não apenas reagir com inseguranças ou medo”, diz o especialista alemão.

Para os especialistas, está claro que esta não deve ser a última negociação bilionária do sector. Os valores de empresas de tecnologia da informação devem continuar a disparar, independentemente do tamanho delas, agora ainda mais inflamadas pela compra do Whatsapp.

Kollmann ressalta ainda que ultimamente muitos empresários do sector têm como meta fazer as suas companhias crescerem para revendê-las mais para a frente a gigantes. Segundo ele, ainda não se sabe exactamente até que ponto isso vai chegar. “Estamos ainda num sector tão dinâmico que nem sequer sabemos quem será o Facebook de amanhã”, afirma.

Mundo

Ucrânia: Presidente Ianukovich é procurado por “homicídio em massa”

O Presidente ucraniano deposto, Viktor Ianukovich, é alvo de um mandado de captura por “homicídio em massa”, anunciou o actual responsável pelo Ministério do Interior, adiantando que o estadista destituído foi visto pela última vez, domingo à noite, na região autónoma da Crimeia.

Texto: jornal Público de Lisboa • Foto: Reuters

“Foi aberto um inquérito criminal por homicídio em massa de manifestantes pacíficos contra Ianukovich e vários outros responsáveis”, escreveu na sua página no Facebook Arsen Avakov, indicado pela oposição para chefiar o Ministério do Interior até à tomada de posse de um governo interino.

Os últimos números oficiais apontam para 88 mortos, a maioria constituída por manifestantes, nos confrontos da última semana em Kiev. Quinta-feira, dia em que era suposto vigorar uma trégua, foi o dia mais sangrento, com dezenas de pessoas baleadas depois de os manifestantes terem investido contra a Polícia. Vários vídeos amadores mostram os manifestantes a ser atingidos por disparos, alegadamente de *snipers*.

Ianukovich foi destituído pelo Parlamento no sábado, horas depois de ter abandonado Kiev. Numa declaração transmitida pela televisão ao final do dia assegurou que não pretendia demitir-se e declarava ilegais as acções do Parlamento, mas não é claro quando e onde foi feita a gravação.

No sábado, foi noticiado que estaria em Kharkov, cidade no leste da Ucrânia, e já na manhã de ontem a guarda fronteiriça disse ter recusado autorização para que o avião em que ele viajava descolasse do aeroporto de Donetsk em direcção à Rússia.

Avakov escreveu, no entanto, que o Presidente destituído foi visto pela última vez a sair de uma residência em Balaclava, na península da Crimeia, tendo abandonado o local, na companhia de um assessor, num automóvel que seguiu para local desconhecido. Situada no sudeste da Ucrânia, a Crimeia é uma região autónoma onde a maioria da população é de origem russa. Moscovo tem também ali, no porto de Sebastopol, uma das suas mais estratégicas bases navais, onde está fundeada a Frota do Mar Negro.

“Os heróis nunca morrem”, disse Timochenko

Horas depois de ter saído da prisão, Iulia Timochenko falou aos milhares de pessoas que a esperavam na Praça da Independência de Kiev. “Os heróis nunca morrem”, disse ela quase a chorar, e a multidão respondeu num cântico: “Os heróis nunca morrem. Os heróis nunca morrem”.

Timochenko, a maior rival política do Presidente, agora demitido, estava presa há dois anos e meio, num processo com mais do que prováveis motivações vindicativas. Ao dirigir-se aos manifestantes da Maidan, no dia em que tudo aconteceu na Ucrânia, tentou incluir-se nas malhas do movimento contestatário, assumindo-lhe a herança e a liderança. “Lamentei tanto não estar aqui, quando vocês lutavam nas barricadas, sem poder trabalhar para que tudo fosse feito de forma pacífica”, disse ela, na sua cadeira de rodas, com as suas tranças louras. “Quando vi na televisão um rapaz cair ferido e os outros a arriscarem a vida para o irem ajudar, eu chorei e rezei”, contou ainda, antes de começar a dar ordens: “Ninguém tem o direito de deixar esta praça enquanto não mudarmos o país. Enquanto não tivermos a certeza de que há uma autoridade que não permitirá que o país volte para trás, ninguém tem o direito de sair daqui.”

A multidão aplaudiu, mas não foi a apoteose. Para os milhares de manifestantes armados de bastões, escudos e capacetes, era demasiado para um só dia. Estavam esgotados, atordoados pelo seu próprio poder, num dia em que de manhã esperavam um massacre e à tarde já guardavam as portas do Parlamento.

Foi lá, no edifício à volta do qual costumavam manifestar-se os apoiantes do regime, que a situação começou a virar. Ao fim da tarde, o Parlamento demitiu o Presidente do país, Viktor Ianukovitch, cumprindo a exigência dos milhares de pessoas que se manifestaram durante meses na Praça da Independência de Kiev.

A votação decorreu quando os manifestantes já controlavam a cidade, de súbito esvaziada de forças policiais e militares, e o



Presidente já voara oportunamente para Kharkiv, a segunda cidade do país e a mais próxima da Rússia, geográfica e afectivamente.

De lá, Ianukovitch anunciou, numa entrevista televisiva, que não aceitava a decisão do Parlamento, que classificou como “ilegal” e “golpista”, conduzida por forças nazis. Deu a entender que se preparava para regressar a Kiev e reassumir as suas funções como se nada fosse, mas ninguém acreditou. O palácio presidencial encontrava-se desde o início da tarde abandonado, sem qualquer força de segurança que o guardasse, e pelo interior da residência de luxo do chefe de Estado já grupos de manifestantes recolhiam lembranças e se espantavam com a piscina interior, as salas de massagens, etc. Ou seja, por muito que o desejasse, Ianukovitch não teria para onde voltar.

Quem voltou foi Iulia Timoshenko, líder do Pátria, o maior partido da oposição, e da chamada Revolução Laranja, que em 2004 conseguiu anular as eleições que davam a vitória a Ianukovitch. Mas não é claro o papel que poderá vir a assumir na nova estrutura do poder. Timoshenko, que foi Primeira-Ministra durante cerca de três anos, é por muitos conotada com a oligarquia corrupta e muito daquilo que hoje fez cair o regime.

Aliás, nada é certo neste momento na Ucrânia. O poder está na rua, e não se sabe quem domina a rua. Em algumas horas, os deputados no Parlamento afadigaram-se a fazer História. Anularam a Constituição, repondo o texto de 2004, convocaram eleições presidenciais para 25 de Maio, nomearam o número dois do partido Pátria, Oleksander Turchinov, para presidente da assembleia, com carácter provisório, para que possam ser aprovadas novas leis, anunciaram a Constituição de novo Governo, aprovaram uma moção condenando qualquer tentativa de dividir o país.

Tudo isto enquanto cá fora tudo mudava também. Pela manhã, na Maidan, a Praça da Independência, os manifestantes organizavam-se em brigadas de combate, juntando todos os grupos armados numa Unidade de Auto-defesa de Maidan, reforçavam as barricadas, acendiam fogueiras, dispunham colunas de pneus, traziam camiões e blindados roubados à Polícia, para ajudar a bloquear os acessos. Filas de pessoas passavam de mão em mão as pedras que acumulavam em montes dispostos estrategicamente, para serem facilmente alcançadas e lançadas contra os polícias.

Vários carros com os corpos de pessoas mortas nos confrontos dos últimos dias entraram na Praça. Os corpos foram retirados dos carros, mostrados à multidão, que gritou “Heróis! Heróis!”. Os mortos são levados a seguir para as suas regiões de origem. A mãe de um dos assassinados disse: “O meu filho não era um extremista nem terrorista. Só estava a manifestar-se, como todas as outras pessoas.”

Após um dia de paz, que se seguiu a outro de violenta repressão, com mais de 80 mortos, esperava-se um novo ataque da polícia ou dos militares. Ianukovitch anunciara um acordo com a oposição, que ninguém levou a sério. Era decerto uma manobra de diversão, para ganhar tempo. Ninguém mata 100 pessoas em três dias, com a ajuda de *snipers* altamente especializados, para a seguir desistir de tudo, pensava-se na Maidan.

Mas nada aconteceu. E quando os primeiros camiões carregados de manifestantes se aventuraram pelas ruas da cidade, encontraram-nas vazias. Não havia polícias, não havia militares. A cidade era deles agora.

“Vamos ao Parlamento, e lançamos coquetéis molotov sobre todos os deputados do Partido das Regiões”, alvitava um manifestante ensanduichado entre centenas na caixa aberta de um camião. “Não”, respondia outro. “Vamos esperar que eles resolvam as questões lá dentro, de forma pacífica”.

No Parque Marinski, em frente ao Parlamento, começaram a concentrar-se centenas de manifestantes. Ali, onde, desde que os protestos começaram, no fim de Novembro, se reuniam frequentemente os apoiantes de Ianukovitch, restavam agora apenas restos de estrados, de bandeiras, de merendas. Alguns manifestantes removiam estes vestígios, preparando o local para um novo tipo de festa, enquanto, porém, um grupo de médicos já montava um hospital de tendas, para ajudar os feridos de um eventual confronto. “Eles disparam a matar”, disse Andrei, de 27 anos, voluntário e médico dentista. “Dispararam sobre duas pessoas da Cruz Vermelha, que estavam bem identificadas.”

Ali ao lado, alguém já erguera uma espécie de altar, com um crucifixo e velas acesas, onde várias mulheres se ajoelham para rezar. Como as portas do Parlamento se encontrassem de súbito evacuadas de polícias, alguns jovens de capacetes, bastões e escudos assumiram os seus lugares, assegurando, de cócoras, que os deputados da nação cumpriam adequadamente a sua função.

A notícia da libertação da cidade correu depressa, e a meio da tarde já milhares de pessoas se concentravam junto do Parlamento. Não já os activistas do costume, com os seus equipamentos de combate, mas grupos de estudantes, famílias com crianças.

Para Anna, de 21 anos, estudante de Biologia (a especializar-se em morcegos), a mobilização generalizada em apoio a Maidan representa uma nova fase na consciência popular da Ucrânia. “Neste momento a situação é pacífica, e espero que continue assim. Não viemos

aqui para lutar, mas para nos manifestarmos. Com a nossa presença queremos mostrar que nos importamos, que nos preocupamos. Que, a partir de agora, o povo está a controlar os acontecimentos.”

Para ela, isso é o essencial da revolução em curso: inaugurar uma era em que o povo fiscaliza os actos do poder. “Há três categorias de pessoas: os que apoiam Maidan, os que condenam Maidan e os que não querem saber e ficam em casa. Estes últimos não contam para nada, é como se não existissem. Os segundos foram derrotados. O primeiro grupo é que vai conduzir os acontecimentos.”

Para Anna, as lógicas eleitorais não têm muito significado no momento. Manda quem se preocupou, quem sofreu, quem agiu. “O Presidente é um criminoso. Fez da Ucrânia um país de corrupção, de terror. Os mais pobres não têm qualquer possibilidade de ganhar um salário decente, e os homens de negócios honestos, que trabalharam e se esforçaram, são vítimas de extorsão permanente, por parte de funcionários e amigos do regime. Vivemos num regime feudal. Mas as pessoas têm uma mentalidade aberta, já não querem viver no feudalismo.”

Anna é oriunda de Kharkiv, a cidade considerada o feudo de Ianukovitch. Mas não acredita que a população da zona, apesar das suas afinidades com a Rússia, esteja interessada numa secessão da Ucrânia. Há notícias de que vários líderes locais já fugiram para a Rússia, mas isso é porque, diz Anna, “foram eleitos de forma fraudulenta, não querem ficar isolados, sabem que o povo os iria demitir. O povo nessas regiões não quer a separação”.

Anna tem consciência do perigo que representam os grupos de extrema-direita que estão a conduzir a revolução. “Não sei o que pretendem no futuro, quais são os seus interesses. Mas neste momento estão muito motivados, têm capacidade de agir.”

O amigo de Anna, Ivan, de 27 anos, que trabalha como técnico na fábrica de aviões Antonov, não vê motivos para preocupação. “Eles não são violentos, não querem morte e sangue, como se diz na Europa. São apenas nacionalistas, e isso é bom”, explica, referindo-se a grupos como o Public Sector ou a Organização Nacionalista Ucraniana, em relação a quem não esconde a simpatia.

Anna admite que também simpatiza com esses grupos. “Nós agora precisamos deles. Porque o patriotismo é uma ideia que toca o coração das pessoas. Já ninguém se comove com ideais humanistas ou igualitaristas. Isso é utópico, não funciona neste país”. Ivan acrescenta que, nas revoluções, é normal que os grupos mais extremistas assumam a vanguarda”. E nos Estados da Europa de Leste, como em todos os que viveram sob um regime socialista, as ideias de direita, e não de esquerda, são em geral mais conotadas com rebeldia, progresso e independência, mais simpáticas aos jovens. Nesse sentido, seria normal que fosse a extrema-direita a chefiar a revolução. “No futuro, teremos de os pôr no seu lugar. O povo terá de criar mecanismos para os controlar, como terá de fazer com todos os políticos.”

Uganda legaliza perseguição a homossexuais

Ser homossexual e não denunciar quem o é passa a ser crime no Uganda. Governos ocidentais e organizações de defesa dos direitos humanos repudiam a lei promulgada pelo Presidente ugandês na segunda-feira (24).

Texto: **utsche Welle** • Foto: **Reuters**

Os actos homossexuais já eram considerados ilegais no Uganda. Mas, na passada segunda-feira, o Presidente Yoweri Museveni foi mais longe e promulgou uma lei que inclui, pela primeira vez, as lésbicas, que proíbe a promoção da homossexualidade e exige que os homossexuais sejam denunciados.

Uma notícia péssima, diz Siranda Gerald Blacks da organização não-governamental ugandesa “Projecto de Lei dos Refugiados”.

“Este projecto deixa-nos a todos de mãos atadas”, diz. “A lei põe em apuros as pessoas que trabalham ou que vivem com homossexuais. Tanto faz se for como arrendatário ou como médico, quem conhecer estas pessoas é obrigado a chamar a Polícia. Se não o fizermos podemos nós ser presos.”

Críticas à lei

A nova lei percorreu um longo caminho: em 2009 foi introduzida no Parlamento. Depois, a intenção de punir com pena de morte actos homossexuais consecutivos desencadeou protestos em todo o mundo. Em Dezembro, o Parlamento aprovou como pena máxima a prisão perpétua.

O Presidente Yoweri Museveni criou um conselho cien-



tífico para analisar o projecto-lei. Ao mesmo tempo, advogados e activistas de defesa dos direitos humanos criticaram o texto, considerando-o discriminatório e, portanto, inconstitucional. Também médicos internacionais publicaram uma carta aberta ao Presidente num jornal e representantes de 60 organizações anunciaram temer um retrocesso na luta contra o VIH/SIDA, com a negação de ajuda médica e aconselhamento a doentes homossexuais.

Observadores vêem na decisão do Presidente ugandês uma estratégia de manutenção do poder, como forma de agradecer a reeleição em 2011.

EUA ameaçam cortar ajuda

A decisão de Museveni de promulgar esta lei mais severa contra os homossexuais já desencadeou fortes críticas das Nações Unidas. A Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos, Navi Pillay, afirma que a lei “institucionaliza a discriminação contra os homossexuais e pode incentivar o assédio e a violência contra as pessoas devido à sua orientação sexual”.

O Presidente norte-americano Barack Obama disse tratar-se de uma afronta e ameaça contra os homossexuais e alertou para o facto de que a lei poderá complicar as relações bilaterais.

Com um apoio superior a 290 milhões de euros por ano, os Estados Unidos são dos maiores doadores para o desenvolvimento do Uganda.

No entanto, a ameaça de restringir esta ajuda poderá prejudicar ainda mais

os homossexuais ugandeses, alerta Andrea Kämpf, do Instituto Alemão para os Direitos Humanos.

“As associações de lésbicas e gays queixaram-se de que as ameaças de impedir a ajuda ao desenvolvimento deixam aquelas pessoas ainda mais no centro das atenções, contribuindo assim para uma maior estigmatização dos homossexuais”, refere Kämpf. “O importante seria que os países doadores, através das suas embaixadas e no contexto da cooperação para o desenvolvimento, levassem a cabo iniciativas locais.”

Difamação e morte?

Segundo Andrea Kämpf, a lei aprovada irá aumentar o clima de medo e estigmatização contra os homossexuais. E para os activistas que lutam por eles, poderá significar desde ameaças psicológicas até morte.

Este tipo de discriminação estende-se a outros países africanos: 37 nações têm sanções para comportamentos homossexuais, lembra Kämpf.

“Em todas essas leis, a questão não é a condenação das pessoas. Nem no Uganda, nem noutros países se chegou a condenações significativas, excepto nos Camarões”, diz a analista. “Trata-se mais de evitar que se fale disso na sociedade e de difamar os homossexuais e as pessoas ligadas a eles.

Guiné Equatorial está a um passo da CPLP

Encontro em Maputo, a nível ministerial, garante que a Guiné Equatorial cumpriu todas as exigências para se tornar membro de pleno direito na comunidade lusófona. A decisão final acontece em Julho em Timor-Leste.

Texto: **Deutsche Welle**

O Conselho de Ministros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) recomendou aos Chefes de Estado a adesão da Guiné Equatorial como membro de pleno direito da organização. A informação expressa num comunicado divulgado após a reunião do conselho.

Reunidos na quinta-feira (20) na capital moçambicana, Maputo, os ministros consideraram que a Guiné Equatorial deu passos significativos para a sua adesão, com destaque para a suspensão da pena de morte com efeitos imediatos.

A decisão final sobre a adesão da Guiné Equatorial à CPLP como o *status* de membro de pleno direito será tomada pelos Chefes de Estado e de Governo da organização quando se reunirem no próximo mês de Julho em Dili, capital de Timor-Leste.

O conselho é formado por ministros dos Negócios Estrangeiros dos países que integram a organização. A eventual adesão do país à CPLP está a ser bastante criticada por organizações ligadas aos direitos humanos.

abriu. Criou centros culturais em duas cidades. Está a criar condições para que nas escolas primárias a Língua Portuguesa seja ensinada.”

Preocupação com Guiné-Bissau

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Guiné Equatorial, Agapito Mokuy, falou dos passos dados pelo seu país com vista à adesão à CPLP.

“O Governo da Guiné Equatorial já adoptou o português como idioma oficial. Há programas bastante contundentes que permitem à população falar o português”, esclareceu o ministro.

Relativamente à Guiné-Bissau, os ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP consideraram que a situação política continua a inspirar forte preocupação. “Incidentes graves e a contínua impunidade demonstram a fragilidade das instituições guineenses e do estado de direito no país.”

Oldemiro Baloi saudou a conclusão do recenseamento eleitoral e instou as forças vivas do país a envidarem todos os esforços para a realização de eleições com a máxima brevidade com vista à restauração da ordem constitucional e ao início de um ciclo de desenvolvimento.

“O retorno à ordem constitucional terá de ser consolidado. A assistência às populações carentes terá de ser acelerada e o relançamento da economia e da vida social terá de ser agressivamente implementada. Acima de tudo, porém, a estabilidade terá de ser garantida.

Convicção

Para o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Oldemiro Baloi, reconheceu-se a complexidade de uma medida desta natureza.

Sobre a pena de morte foi solicitado como primeiro passo à Guiné Equatorial que, pelo menos, avançasse com uma moratória. Isto foi feito. Assim, foi removido o último obstáculo para que os Estados-membros, ao nível ministerial, recomendassem a adesão da Guiné Equatorial à CPLP.

O comunicado refere que “esta medida permitirá que a Guiné Equatorial se aproxime muito significativamente do núcleo de princípios fundamentais sobre o qual assenta a CPLP.” Oldemiro Baloi falou de outros passos dados pelo Governo de Obiang.

“O plano de adesão inclui todo um conjunto de medidas tendentes à implantação da Língua Portuguesa na Guiné Equatorial. O país não tinha uma embaixada em Portugal e

RECRUTA-SE

Empresa moçambicana admite impressor com experiência em impressora rotativa de marca Solna

Interessados devem contactar o telefone
864503076

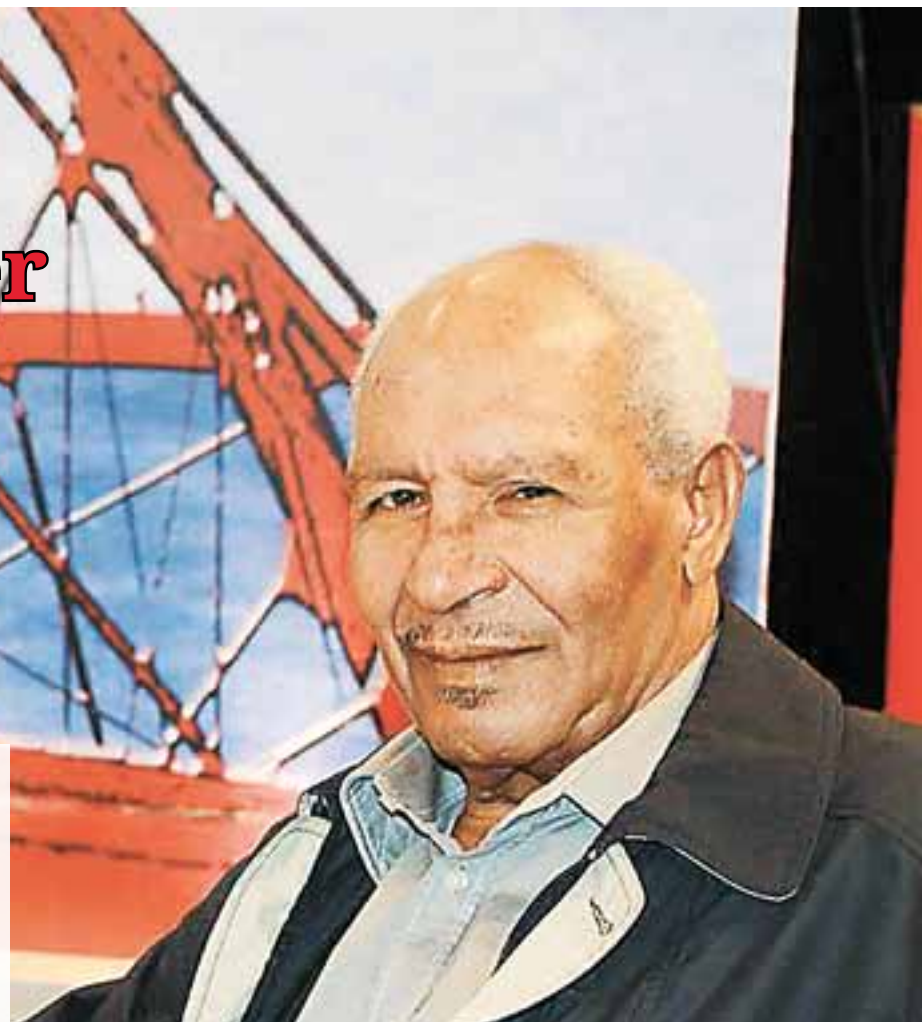
ou responder para o email
centralgraficamoz@gmail.com

Publicidade

Monstro ConSagrado mesmo antes de morrer

Ritmo morno, fala suave e lenta, mas incisiva. Tudo nele era solene. O andar, o falar, o desarmar e até o comemorar. Comedidamente. No interior das quatro linhas, funcionava como um GPS, uma placa giratória por onde o jogo deveria passar, para a alternância depois para os flancos, ou aproveitamento dos espaços vazios.

Texto: Renato Caldeira • Foto: Arquivo



Um estilo em extinção

Mário Esteves Coluna. Um nome sempre pronunciado com respeito, porque as atitudes e estilo altivo do dono, de coluna sempre direita, assim o impunha.

Como meio-campista, a galeria de estrelas do seu nível é muito restrita, cabendo nela apenas jogadores como Didi, Beckenbauer e Platini. Uma espécie em extinção. A sua importância para o desenvolvimento do desporto-rei, foi reconhecida pela Federação Internacional de História e Estatística do Futebol, um departamento da FIFA que incluiu o seu nome como um dos 100 melhores jogadores do Século XXI!

Capitão e protector

Nos dias que correm, pela Europa e pelo Mundo, a grande maioria das equipas queixam-se da quase ausência de jogadores com carisma, futebolistas “à Coluna”.

Era um falso-lento, com uma resistência a toda a prova.

Disponha de uma apurada intuição para se movimentar junto à área adversária. Mas a isso se juntava o forte remate à meia distância, quase sempre com veneno “letal”, que apenas dava aos guarda-redes a possibilidade de irem buscar o esférico no fundo das redes.

Mas como capitão, coluna era um líder protector, que não admitia que ninguém crescesse para um seu colega. Nessas alturas, usava uma frase que intimidava os adversários: “se tocas mais no miúdo, saís daqui com uma perna a lamber a outra”.

Aconteceu até frente a Pelé, quando um dia Moraes se sentiu intimidado ao marcar o rei. Coluna foi-lhe dizendo: “continua a jogar durinho, porque lá por ele ser chamado de rei, cá dentro não tem qualquer estatuto especial.

O que é que torna este Monstro Sagrado assim tão carismático? Os 126 golos em 525 jogos oficiais com a camisola do Benfica? O facto de ser o jogador com mais jogos realizados com a braçadeira de capitão, de 1963 a 1970?

Será talvez um pouco de tudo, a partir da imagem de marca que trouxe do berço, que lhe conferia autoridade e liderança, tanto dentro como fora do campo.

E, claro, a sua anormal resistência, pois quando a maioria dos colegas e adversários se encontrava “com a língua de fora”, ele impunha as suas regras.

O lado humorístico

Uma das formas de fazer soltar a língua a Coluna, era espreitar o seu lado brincalhão. Aí vão algumas histórias:

– O Saide Omar, questionou a designação de Monstro Sagrado a Mário Coluna. Isso entristeceu-o, mas “agarrou umas calmas”. Aquando do jogo Portugal-Moçambique, nos Açores, o Monstro deu entrada no Estádio, ao lado do Presidente Madail e a ovação, frenética, durou seguramente 30 minutos.

Quando tudo serenou e já nos camarotes, fez questão de me solicitar: “Caldeira, agora vai dizer ao teu colega Saide Omar, quem é, de facto, o Monstro Sagrado”!

– Bulgária 1980, com a Selecção Nacional. Em pleno jogo, os búlgaros descobriram Coluna na bancada, ele que há uns 20 anos “desgraçara” a representação máxima dos búlgaros. Foi uma festa, um conjunto de homenagens inesperadas.

Coluna não perdeu a sua fleuma, mas ia lançando umas

piadas para Cremildo Loforte, seu adjunto na Selecção.

“Ó minhoca levanta-te comigo, que só assim vais ganhar uns aplausos na tua pobre carreira”.

– Chegadas altas horas da noite a Lisboa com o Ferroviário, teríamos que dormir com o atletas no Centro de Estágio da Cruz Quebrada na primeira noite, apesar de haver um hotel reservado aos dirigentes. A decisão foi aceite por todos, menos pelo então Presidente locomotiva Miguel Matabele.

Com a sua voz pastora e sorrisinho malandro, o Monstro pegou o dirigente pelo braço e foi dizendo:

– “Presidente: durma na beliche de baixo para não cair, sob dois colchões, para se sentir como no Hotel Cinco Estrelas”.

E chegados às casas de banho: “xixi, cócó, pela noite, senhor Presidente... é aqui”!

Nas Roménia, em socorro a Eusébio Uma das poucas vezes em que perdi a cabeça



Um episódio inédito pois Coluna reconhece que perdeu a cabeça, e optou pela agressão, mesmo assim não sen-

do expulso. Mais uma vez, ao papel de grande capitão juntou o de justiceiro.

Tudo aconteceu na Roménia, num jogo difícil, em que Eusébio estava a “partir a loiça” sendo alvo de uma marcação dura por parte de um latagão que não dava tréguas, batendo forte e feio. A certa altura, o romeno pisou a Pantera Negra, que caiu e uma bota saiu-lhe do pé.

– O latagão pegou na bota e tentou atirá-la para lá da vedação. Eu estava perto e segurei-a. Travámos uma pequena luta pela posse da bota e eu consegui arrancá-la. Ele preparou um escarro e cuspiu-me no rosto. Confesso que foi uma das poucas vezes em que perdi completamente a cabeça. Bati-lhe repetidas vezes na testa, com muita força, com a bota que tinha na mão, fazendo-o sangrar. O árbitro, um inglês, correu para o local já preparado para me expulsar. Mostrei-lhe o meu rosto cheio de ranho, misturado com saliva. O juiz raciocinou rapidamente, viu que humanamente a justiça estava feita, pois ninguém com a bota na mão resistiria à tentação de tirar desforço após uma baixeza daquelas. Retirou do bolso de trás um lenço, limpou-me a cara, e... mandou prosseguir o jogo sem me expulsar!...

Desporto

Inspector benfiquista salvou-o A milímetros das celas da PIDE

Praga, 1966. Eliminatórias da Selecção portuguesa, para aquilo que viria a ser a maior epopeia lusa de sempre, com a conquista do terceiro posto do Mundial. Comunismo lá. Fascismo em Portugal. A desconfiança entre tudo e todos era total. “Por isso é que Salazar governou até á morte”. O Monstro esteve a milímetros de sentir na pele aquilo que já havia acontecido ao seu colega Santana e a Daniel Chipenda: a estada nas masmorras da PIDE. Uma circunstância feliz salvou-o:

Essa história da PIDE tem a ver com uma viagem a Checoslováquia. Jogo difícil, em que alinhámos muito tempo com menos um jogador e rendemos até aos limites. Mas antes, apareceram-nos no hotel alguns estudantes angolanos, pediram convites, pois a ideia era apoiarem a Selecção portuguesa.

Coluna, como capitão, reuniu os ingressos que os colegas não precisavam e ofereceu-lhes. Nada mais do que isso. A vitória por 1-0, com golo de Eusébio foi memorável. E deu direito a festa, em pleno cenário comunista numa casa alheia, episódio inofensivo e fugaz, rapidamente esquecido.

Só a PIDE não estava de acordo. Algum acompanhante/infiltrado viu nisso um pactuar com os terroristas. Chegados a Lisboa, dias depois, o Monstro recebia

uma convocatória para ir a PIDE.

Algum engano? Não fazia a mínima ideia do que se tratava, mas a verdade é que os seus pés já não se deslocavam com a segurança que o faziam na relva, o seu reino.

Num “terreno” desconhecido e hostil, de pergunta em pergunta, lá chegou a um gabinete guardado à porta por dois caras-de-pau, um de quase dois metros e o outro, de barriga avantajada, com não menos de 90 quilos. Ambos dirigiram um ar de poucos amigos ao recém-chegado, “borrifando-se” (talvez por desconhecimento), no seu estatuto.

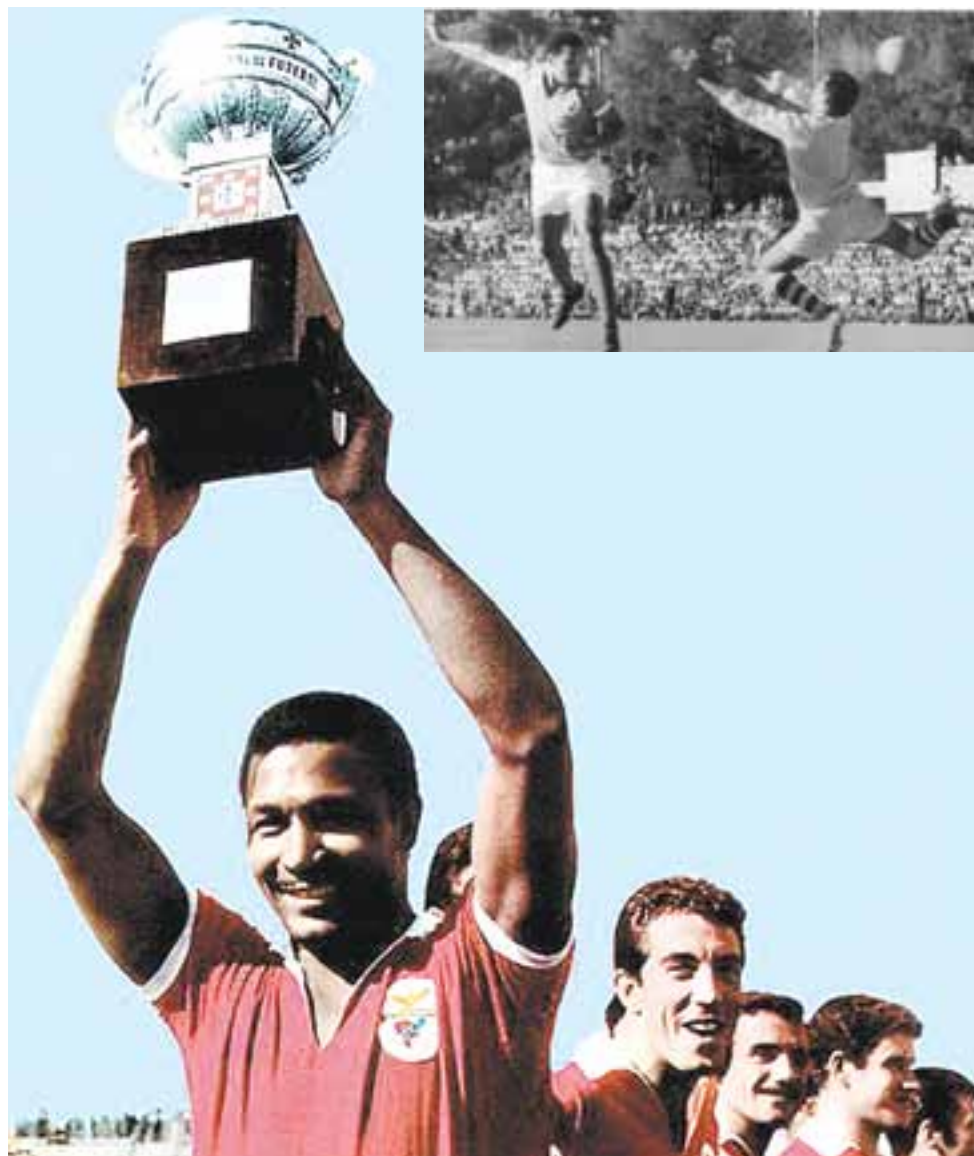
Mandaram o Monstro entrar para o gabinete para as formalidades que o conduziriam à cela PIDESCA.

O inspector que o atendeu era benfiquista e seu admirador.

- “Olha o Mário, meu grande capitão. O que o traz por cá?”

Com a habitual calma mas com o coração aos pulos mostrou o impresso que o convocava. Finalmente, fez-se luz.

- “Você teve sorte por eu estar de serviço. Com outro colega, esses dois jagunços aí à porta receberiam ordens para o levar aos calabouços”.



O impressionante BI do homenageado

Mário Esteves Coluna nasceu a 6 de Agosto de 1935, em Magude. Começou a jogar a ponta-de-lança, para mais tarde passar a actuar no meio-campo.

Em Moçambique, jogou no João Albassini e Desportivo de Lourenço Marques. Na Europa, actuou no Benfica, de 1954 q a 70; fechou a sua carreira no Olympique de Lyon, 1971.

Nas 16 temporadas na equipa principal do Benfica, participou em 677 jogos, num total de 59.702 minutos, marcando 150 golos. Ainda hoje, é o futebolista que mais vezes capitaneou a equipa encarnada: 328 jogos.

Foi 10 vezes campeão português (55, 57, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 69).

Teve 6 vitórias da Taça de Portugal.

Foi bicampeão europeu pelo Benfica (61 e 62) e 3 vezes finalista vencido (63, 65, 68).

Actuou 60 vezes pela Selecção Portu-

guesa, tendo sido capitão em 21 jogos. O ponto mais alto, foi o 3º lugar, no Mundial de Inglaterra, em 1966.

Realizou 60 jogos (com 11 golos) na Taça dos Campeões Europeus e 2 na Taça UEFA.

Capitaneou a Selecção da Europa: frente ao Resto do Mundo.

Como treinador: orientou Sport Lisboa e Huambo, Textáfrica do Chimoio, Ferroviário de Maputo, Maxaquene, Desportivo de Maputo e Ferroviário da Beira. Foi Seleccionador Nacional de Moçambique.

Distinções: 7 louvores da Federação Portuguesa de Futebol: Medalha de Ouro ao Mérito Desportivo, Medalha de Prata da Ordem do Infante D. Henrique (a mais alta condecoração portuguesa), pelo brilhante comportamento no Campeonato do Mundo de 1966. Louvor da Direcção-Geral dos Desportos, em atenção a toda a sua exemplar carreira desportiva, Medalha Nachingweia.



Desporto

Temos de imortalizar a vida e a obra de Mário Esteves Coluna

A notícia sobre a morte de Mário Esteves Coluna, ao princípio da noite de última terça-feira (25), colheu de surpresa muitos desportistas moçambicanos. Os indivíduos ouvidos pelo @Verdade foram unânimes em defender a imortalização da vida e obra do “Monstro Sagrado”.

Texto: David Nhassengo • Foto: Arquivo

O ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana Júnior, reitera que Mário Esteves Coluna é uma figura transcendental que não se limita à dimensão nacional. Entende o governante que “ele é de uma grandeza mundial”.

Sumbana Júnior exalta, por outro lado, a decisão do “Monstro Sagrado” de, logo após a independência, pegar na bandeira nacional e regressar a Moçambique para, como diz, ajudar o país e o desporto em particular. Destaca, igualmente, o bom trabalho feito por Coluna como treinador e como dirigente, sobretudo na qualidade de presidente da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) que, no seu entender, ajudou a abrir as portas da Pérola do Índico ao mundo.

“A fatídica notícia da morte de Mário Coluna deixou-me em estado de choque. Custa perder, em pouco menos de dois meses, duas figuras emblemáticas como Eusébio e ‘Monstro Sagrado’. Mas acredito que o exemplo deles vai ser muito útil à nossa juventude”, acrescenta Fernando Sumbana Júnior, ministro da Juventude e Desportos de Moçambique.

Carlos Sousa, vice-ministro do pelouro, afirma que o desporto moçambicano, sobretudo o futebol, está de luto. “Como jogador, como treinador e como dirigente, ou seja, como um desportista completo, Coluna permanecerá eternamente vivo nas nossas lembranças”, diz, acrescentando que é preciso dar total apoio à família do “Monstro Sagrado”.

Sousa defende a necessidade de haver debates, a vários níveis, sobre como imortalizar a vida e obra de Mário Esteves Coluna. “Esse é um tema interessante e pertinente. Mas não tenho dúvidas de que a melhor forma de eternizar aquela figura é seguir-se o que ela fez, exaltar-



-se o papel que desempenhou como jogador, como treinador e como dirigente desportivo”.

Mais concretamente, o vice-ministro da Juventude e Desportos desafia as instituições de ensino superior para que incluam, nos seus cursos, o estudo sobre a vida e obra de Mário Coluna. Recomenda, ainda, “que as faculdades moçambicanas, sobretudo aquelas que lidam com o desporto, devem estudar a trajectória desta personalidade emblemática e outras, até porque não podemos esquecer-nos de que ele foi uma pessoa que decidiu regressar à pátria, conquistada a independência, para se entregar ao trabalho e dar o seu contributo em prol do desenvolvimento do nosso país”.

O Estádio Nacional do Zimpeto é obra de Mário Coluna

Faizal Sidat, presidente da Federação Moçambicana de Futebol, define Mário Coluna como um homem humilde, simples, honesto e bastante respeitado, quer a nível nacional, quer a nível internacional.

Sidat, que curiosamente sucedeu ao “Monstro Sagrado” na presidência daquele organismo, tendo feito parte, também, do elenco anterior, lembra alguns momentos que viveu ao lado de Coluna. Revela que teve a oportunidade de viajar pelos diversos cantos do mundo ao lado do homem que perdeu a vida nesta terça-feira (25).

“Estou em condições de afirmar que nós fomos reconhecidos internacionalmente graças a este homem. Há vários episódios que posso narrar acerca dessas viagens. Mas a simplicidade de Coluna fazia com que ele recusasse, por exemplo, o per diem a que tinha direito, para apoiar os cofres da federação”, narra.

Sidat revela que a edificação do Estádio Nacional de Zimpeto aconteceu graças ao “dossier” elaborado por Mário Coluna. Conta que, “por ocasião do seu aniversário natalício, dos 70 anos de idade, a 15 minutos da festa presenciada pelo Presidente da República, ele entregou ao estadista moçambicano uma brochura que continha o projecto de construção de estádios nacionais. O ‘Monstro Sagrado’ ‘entregou’, naquele dia, o seu sonho ao Chefe de Estado”.

“O Presidente leu aquele documento e, dias depois, o ministro da Juventude e Desportos, David Simango, chamou-nos ao Conselho de Ministros para defender o projecto que aconselhava a edificação de três recintos desportivos em todas as regiões do país, naquela altura apelidados de ‘estádios do Coluna’”, conta Sidat explicando, por outro lado, que depois da aprovação daquele importante instrumento, o Governo de Moçambique construiu o Estádio Nacional do Zimpeto.

Faizal Sidat é da opinião de que só o futebol é capaz de imortalizar a trajectória do “Monstro Sagrado”. Diz, aquele dirigente desportivo, que a nossa selecção nacional deve lutar para ser reconhecida a nível internacional através de resultados desportivos, conforme sonhava Coluna.

“É importante que continuemos a formar novos talentos. Todos nós sabemos que é através dele que hoje temos a Academia Mário Esteves Coluna, uma infra-estrutura que materializou o seu desejo de trabalhar na formação no futebol”, explica Faizal Sidat, presidente da FMF.

“Mário Coluna era um líder de balneário”

Arnaldo Nhantumbo, actualmente técnico das camadas de formação do Clube Ferroviário de Maputo, foi treinado por Mário Esteves Coluna em 1977. Curiosamente, o “Monstro Sagrado”, depois de regressar do Textáfrica, assumiu o comando

daquela colectividade locomotiva e tornou-se, novamente, campeão nacional.

“Ele era uma pessoa humilde, muito conversadora e que gostava de ser amiga de todos, desde os jogadores até os dirigentes”, afirma Arnaldo acrescentando que Coluna era simplesmente fantástico.

“Trabalhei com ele em 1977 quando veio treinar o Ferroviário de Maputo. Era uma figura que não gostava de misturar as coisas. Trabalho era trabalho e divertimento era divertimento. Nós tínhamos um balneário unido graças ao Mário Coluna. Ele era um verdadeiro líder”, relata.

No outro desenvolvimento, Nhantumbo revela que se tornou treinador de formação graças à influência do “Monstro Sagrado”. Conta, por exemplo, que “quando ele era presidente da federação promovia cursos de formação e de capacitação de treinadores dos escalões inferiores. Ele aconselhou-me a seguir a carreira e aceitei”.

Arnaldo Nhantumbo lamenta, porém, o desaparecimento físico daquele que considera o melhor médio de todos os tempos e



condena, igualmente, o facto de a notícia da sua morte ter sido veiculada antes de ser confirmada pela família.

“Ele preocupava-se muito com a saúde dos jogadores”

Joaquim João, antigo jogador da selecção de Moçambique, afirma que o país deve encher-se de orgulho por ter Mário Coluna como seu filho, apesar de ter envergado a camisola da selecção nacional de Portugal.

O antigo capitão dos “Mambas”, que foi orientado pelo “Monstro Sagrado”, enaltece a humildade de Coluna, revelando que ele era bastante afável. “Sempre que viesse ao campo, a primeira coisa que perguntava era se nós tínhamos almoçado ou não, pois o país, naquela altura, encontrava-se mergulhado numa profunda crise alimentar”.

Joaquim João, que depois de terminar a carreira de jogador foi convidado por Mário Coluna a ocupar o posto de treinador adjunto do Ferroviário de Maputo, entende que “não restam dúvidas de que ele é herói nacional, sobretudo pela coragem que teve de regressar ao país numa época em éramos muito pobres”.

Publicidade

Mecânico de Máquinas Industriais PRECISA-SE

Empresa moçambicana procura um Mecânico de Máquinas Industriais, de preferência com residência em Nampula, afim de integrar uma equipa de trabalho.

Interessados devem contactar o telefone
864503076

ou responder para o email
centralgraficamoz@gmail.com

Desporto

Balé, circo e clássicos da música e literatura russos fecham Jogos de Sochi

O balé, o circo e os clássicos da música e da literatura russa, além de uma bem-humorada reprodução da falha na abertura de um dos anéis olímpicos, ocorrida na festa que inaugurou os Jogos de Inverno de Sochi, foram os destaques no passado domingo da cerimónia de encerramento do evento. Com 33 medalhas, sendo 13 de ouro, 11 de prata e 9 de bronze, a anfitriã terminou a Olimpíada com mais vitórias e pódios.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Na cerimónia realizada no estádio Fisht e que teve 40 mil espectadores, marcaram presença os míticos balés Bolshoi e Mariinski, além de uma enorme tenda circense, retratos gigantes de clássicos como Leon Tolstoi, Fiodor Dostoievski ou Alexander Pushkin, e a música do grande Sergei Rachmaninoff.

Obras do pintor Marc Chagall, uma banda militar de tambores e 62 pianos de cauda no campo foram parte de um espectáculo cujos autores se deram ao luxo de rir de si mesmos. A pequena falha ocorrida na cerimónia de abertura dos Jogos quando um dos cinco anéis olímpicos de luzes não se abriu, como os outros, foi reproduzida de forma proposital, em campo. Uma manobra simpática e em tom de piada, que mostra que os organizadores souberam encará-la da melhor forma possível.

Antes de passar o bastão à Coreia do Sul, país anfitrião dos próximos Jogos de Inverno, a Rússia exibiu o seu vasto acervo artístico, um espectáculo diferente do da abertura, que teve foco em relembrações de feitos históricos. A chama olímpica foi apagada pelas três mascotes, em versões gigantes – um urso polar, uma lebre e um leopardo das neves – sob os acordes da música de Eduard Artiemev.

Após a chama ter sido apagada, o urso verteu uma lágrima, enquanto era tocado “Até a vista, Moscovo”, fazendo referência ao



encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão de 1980. Foi impossível, Claro, não lembrar o ursinho Misha e a sua famosa lágrima de despedida.

Mais uma vez, como na abertura dos Jogos, a menina Liuba foi a protagonista e guia do espectáculo, e na companhia dos palhaços Yuri e Valentina e outros famosos artistas circenses russos, a jovem fez um percurso pela cultura clássica russa.

A entrada da delegação da casa no tradicional desfile dos atletas foi recebida com estrondosos aplausos, em reconhecimento da sua vitória no quadro de medalhas.

Já a bandeira levada pelos atletas ucranianos, cujo país viveu o triunfo de uma revolução popular, foi desfaldada com uma faixa de luto em homenagem aos mortos.

O passeio pela arte russa da menina Liuba e os seus amigos terminou com um grande espectáculo circense, no qual participaram quase 400 acrobatas e ginastas.

Na tribuna, o Presidente russo, Vladimir Putin, e o Primeiro-Ministro, Dmitri Medvedev, assistiram ao término dos Jogos para os quais o país investiu 50 biliões de dólares, que os transformaram nos mais caros da história.

O encerramento coincidiu na Rússia com outra festa, o Dia do Defensor da Pátria, antigo Dia do Exército Soviético, uma das datas mais comemoradas no país.

Depois da cerimónia de transferência da bandeira olímpica à cidade sul-coreana de Pyeongchang, foi encenado um pequeno espectáculo de oito minutos sobre a história da arte na Coreia. A festa terminou com um mar de flores sobre o campo do estádio e uma bela queima de fogos de artifício em todo o complexo olímpico de Sochi.

Rússia primeira no quadro de medalhas

Após assumirem a liderança do medalheiro no penúltimo dia de provas, os anfitriões consolidaram o triunfo com mais dois ouros: nos 50 quilómetros de esqui cross (Alexander Legkov) e na prova de quartetos masculinos do bobsled (Alexey Negodaylo, Dmitry Trunenkov, Alexey Voevoda e Alexander Zubkov).

Além disso, a equipa russa somou uma prata e um bronze, já que Legkov foi acompanhado no pódio da sua prova por dois compatriotas: Maxim Vylegzhanin, que ficou com a medalha de prata, e Ilia Chernousov com a de bronze.

Em segundo lugar, com 11 ouros, 5 pratas e 10 bronzes (26 no total), ficou a Noruega. O Canadá, que há quatro anos, nos Jogos de Vancouver, ficou em primeiro no quadro final de medalhas, com 14 ouros, desta vez terminou em terceiro, com 10 ouros, 10 pratas e 5 bronzes (25).

Apesar de ter ficado em segundo no total de medalhas com 28, a delegação dos Estados Unidos ocupou a quarta posição geral, com 9 de ouro, 7 de prata e 12 de bronze.

Eis os dez primeiros do medalheiro dos Jogos de Sochi

	Ouro	Prata	Bronze	Total
1. Rússia	13	11	9	33
2. Noruega	11	5	10	26
3. Canadá	10	10	5	25
4. EUA	9	7	12	28
5. Holanda	8	7	9	24
6. Alemanha	8	6	5	19
7. Suíça	6	3	2	11
8. Bielorrússia	5	0	1	6
9. Áustria	4	8	5	17
10. França	4	4	7	15

Liga Portuguesa: goloço de Markovic firma liderança das águias

O Benfica consolidou a liderança do campeonato português de futebol ao vencer, nesta segunda-feira, em casa, o Vitória de Guimarães graças a um goloço de Markovic. Os encarnados ficaram assim com cinco pontos de vantagem sobre o Sporting e sete pontos de avanço sobre o FC Porto, que foi derrotado em casa pelo Estoril.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

O Benfica entrou com tudo e deixou os vitorianos perdidos. Bastou um minuto para os da casa criarem perigo, depois de uma combinação entre Silvío e Markovic: Rodrigo atacou o primeiro poste e tocou com classe com a parte exterior do pé, mas Douglas foi enorme e sacudi para canto. Estava lançado o mote. Nos primeiros cinco minutos só deu Benfica, algo que teve um stop quando Enzo e Jardel chocaram e o jogo esteve interrompido durante alguns minutos. Quem aproveitou para se organizar e assentar ideias foi o Vitória – a partir daí esteve muito melhor até ao intervalo.

A reboque de uma noite de sonho de um rapaz, os encarnados atacavam invariavelmente pelo lado direito, o de Markovic. Quando o sérvio pegava na bola era um autêntico festival de ultrapassagens, parecia um F1 contra tractores. Que duelo injusto e ingrato. Bom, é o preço de confrontar os verdadeiros talentos. Silvío teve mais uma noite bastante positiva, mostrando, cada vez mais, ser uma boa opção para Jesus e Paulo Bento. Seguiram-se oportunidades de Rodrigo e Sulejmani, mas os avançados foram pouco lestos. Já se adivinhava uma segunda parte daquelas cheias de ansiedade e más decisões. O Benfica conseguia aqui e ali encontrar algum espaço reduto do Vitória, que apos-



tava numa defesa subida para encurtar, e de que maneira, a sua equipa. Os vimaranenses conseguiam sair a espaços com algum veneno, mas o lance mais perigoso foi parado por Oblak: Maazou rematou cruzado e forte, mas o jovem guarda-redes disse “não senhor, vais continuar a caminhar nesse doloroso jejum”.

A cinco minutos do intervalo, o momento alto do jogo: Rodrigo recebeu no meio e com uma rotação sublime, muito típica dele, colocou-se de frente para a baliza e fez o passe; Markovic fez uma diagonal e surgiu isolado, picou a bola por cima do guarda-redes,

parou na coxa e deu mais um toque com leveza. Que belo golo. Este é o 73.º jogo seguido do Benfica a marcar em casa para o campeonato – a zeros só em Abril de 2009 com Quique Flores (0-1 vs. Académica).

No segundo tempo, o primeiro a assustar foi Silvío, com uma bomba de longe; valeu Douglas com um voo espectacular. Apesar de o jogo parecer estar controlado, um a zero é curto, o Vitória tinha ainda uma palavra a dizer. Aos 53', Marco Matias chegou à linha e cruzou com grande qualidade para Maazou; o avançado, qual maldição, cabeceou sem força para as mãos de Oblak. A vinte minutos do fim, a Luz saudou o regresso de Salvio ao campeonato português, mas o argentino não deixaria a sua marca. Os 36.242 adeptos na Luz quase gritaram golo novamente quando Lima ultrapassou Douglas e... chutou ao lado!

Rui Vitória ainda arriscou e o jogo até ficou mais partido – o ADN do Benfica não lhe permite esconder a bola; quer sempre marcar mais, o que é perigoso com 1-0. Prri prri! Final da partida: Markovic foi a figura (pelos primeiros 45'). Benfica assina o 20.º jogo sem derrotas e foge dos rivais na liderança (Sporting a cinco pontos e FCP a sete) antes de visitar o Restelo no domingo.

O FC Porto, que não perdia em casa para o campeonato desde 2008, apesar de ter dominado quase toda a partida, foi derrotado pelo Estoril por 0-1. O tento decisivo foi marcado aos 78 minutos na sequência de uma falta de Mangala sobre Evandro, que resultou na expulsão do defesa francês do FC Porto.

Com este resultado, os encarnados da luz passam a ter 49 pontos, mais cinco que o segundo classificado, o Sporting, e mais sete que o FC Porto, que desceu à terceira posição do campeonato.

Plateia

Moçambique quer “explorar” Jimmy Dluhl

O ministro da Cultura, Armando Artur, realizou, recentemente, um encontro – a nível do pelouro que dirige – a fim de receber o célebre guitarrista moçambicano, Jimmy Dlodlu, no âmbito do seu retorno definitivo a Moçambique. @Verdade aproveitou a ocasião para perceber as intenções do governante bem como as expectativas do artista, em relação às actividades que irá desenvolver no país nos próximos tempos.

Texto & Foto: **Redacção**



@Verdade: De que forma é que o Ministério da Cultura – e não só, o país – pretende explorar, no bom sentido, a experiência de Jimmy Dlodlu?

Armando Artur João: Em todos os aspectos: como artista e fazedor de cultura que ele é. Por exemplo, presentemente, nós estamos a preparar o VIII Festival Nacional da Cultura que terá lugar na província da Inhambane, em Agosto. Como se sabe, os festivais nacionais são um verdadeiro centro de encontro e diálogo cultural entre os mocimbianos.

Além do mais, a edição deste ano tem uma particularidade que tem a ver com o facto de que irá dar um grande enfoque à área da música tradicional de palco. Esse arranjo tem como meta inspirar os (nossos) jovens músicos para que criem obras de arte, no âmbito da música, com base na sua própria identidade – a música moçambicana. Também sabemos que nos dias actuais tem havido críticas segundo as quais os nossos artistas não tocam aquilo que é a nossa raiz. Nesse sentido, nós, como Governo, entendemos que é necessário levar aos festivais nacionais de cultura a nossa raiz como moçambicanos, sob o ponto de vista de arte. Pensamos que a partir daí os nossos jovens músicos se irão inspirar.

Jimmy Dlodlu tem uma larga experiência em termos de participação em concertos de grande magnitude internacional. Nós, os moçambicanos, também queremos organizar concertos de Jazz baseados nas nossas raízes e tradição moçambicana, de modo que possamos ofertar ao mundo um Jazz tipicamente moçambicano, à semelhança daquilo que o Jimmy tem estado a fazer. O que ele toca possui uma génese de raiz puramente moçambicana.

@Verdade: *Que actividades específicas se espera que Jimmy realize em Moçambique?*

Armando Artur João: Ele irá dar aulas na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM) e no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC). Penso que não existe melhor espaço do que uma escola para Jimmy transmitir a sua experiência como artista. Nós não governamos a cultura porque ela é um bem de todos os moçambicanos. Por isso, não podendo ser governada unilateralmente, convidamos todos os moçambicanos a participarem nesta governação. A nossa cultura tem de ser feita com a participação de todos os moçambicanos. É nesse sentido que convidámos o Jimmy.

@Verdade: Tendo em conta que a grandeza de Jimmy Dlodlu foi gerada fora do país, Moçambique estará em condições de manter o seu status social?

Armando Artur João: O país é demasiado grande. A nossa bandeira é imensamente grande. Ela está pronta para formar mais artistas com qualidades similares às de Jimmy Dlodlu. O Jimmy é uma das referências culturais moçambicanas. O problema é que no estágio de desenvolvimento cultural actual do nosso país, infelizmente, contam-se aos dedos as referências da dimensão do Jimmy. É por isso que

ele voltou para formar mais músicos da sua estirpe para que os possamos ter em centenas. Portanto, ele vai contribuir para o engrandecimento da nossa cultura.

@Verdade: Jimmy, para as pessoas que acompanham a sua carreira – ainda que boa – a notícia do seu retorno definitivo a Moçambique acabou por gerar um contra-senso. Qual é a grande motivação para esta mudança? E qual é sua expectativa em relação às actividades que irá desenvolver?

Jimmy Dlugdu: A maior parte dos meus colegas como, por exemplo, o João Cabral, está aqui a dar aulas. Há cinco anos que eu também trabalho como docente. Por isso, quando o pessoal da Escola de Comunicação e Arte? me telefonou a dizer que gostaria que eu voltasse ao país para trabalhar como professor, senti um orgulho muito grande. Leccionar é uma forma de dar continuidade ao legado que se está a construir na área da cultura e do Afro Jazz, a trabalhar com a juventude. Por outro lado, é uma forma de dar motivação a quem aposta e acredita numa carreira musical, a fim de que – no lugar de imitar os outros – possa ter a sua própria voz.

Neste sentido, pretendo trazer a minha experiência na organização de eventos culturais porque já trabalhei com muitos profissionais nesta área, fora de Moçambique.

@Verdade: *Esta decisão não foi tomada da noite para o dia?*

Jimmy Dladlu: Não! Já há cerca de dois anos, eu e a Universidade Eduardo Mondlane, incluindo outras pessoas, estamos em conversação.

@Verdade: Na sua opinião, estão criadas as condições para que possa realizar o seu trabalho como o planejou?

Jimmy Dlugdu: Tenho as condições mínimas para começar o trabalho. Penso que – com o passar do tempo – as coisas se vão ajustar.

@Verdade: A viver em Moçambique, acredita que irá continuar a conseguir sustentar as suas necessidades?

Jimmy Dlodlu: Eu continuarei a cumprir com os meus trabalhos como profissional, sobretudo, no âmbito do meu contrato com a companhia Universal. Sou um artista profissional e vou dar continuidade ao trabalho que faço. Em Moçambique vou trabalhar com a juventude na cultura, apoiando-a na área da organização de eventos. No entanto, não vou deixar de ser o Jimmy Dlodlu artista. Eu sou um profissional de arte e docente. Por essa razão, vou continuar a conciliar as actividades que faço, como sempre.

@Verdade: O que irá levar para o Cape Town Jazz Festival em Marco?

Jimmy Dlodlu: Tenho um projecto protagonizado por cinco guitarristas, incluindo eu. Na verdade, estamos a fazer um tributo a músicos como Hugh Masekela, Brenda Fassie e muitos outros. Estamos a tentar levar a Youth Band e o João Cabral para os festivais da África do Sul. Mas para o de Cape Town já não vamos a tempo de levar artistas moçambicanos.



A luta continua! (2) *

Está a cair granizo na cidade de Maputo, contrariando toda a lógica atmosférica. O céu está limpo na sua plenitude e o sol, no crepúsculo do amanhecer, ergue-se devagar. Chove! Uma chuva fininha que brilha como os cristais e o granizo acompanha, em enormes pedregulhos, esse chuvisco. Os habitantes de determinados bairros problemáticos como Xipamanine, Chamanculo, Mafalala e outros tantos que abraçam a grande e anárquica cidade celebram, paradoxalmente, o cair dos blocos disformes de gelo, que produzem, ao desabarem por sobre as chapas metálicas de zinco, um som que nos recorda o ribombar dos últimos tiros disparados para a cordilheira de Gorongosa pelas FADM, contra os nossos próprios irmãos. Parece o anúncio de uma tragédia, de uma hecatombe sem precedentes.

No lugar de se esconderem debaixo dos seus tectos, todos saem para as ruas e para os becos, repetindo as palavras de ordem que ouvem de alguém invisível. Caminham, para os magotes, para a mesma direcção com os punhos erguidos. Os homens apertam os cintos e as mulheres fortificam as capulanas e ajeitam os lenços de cabeça. Ouvem-se, em todos os lados, canções antigas de revolta, de liberdade e de vitória na mesma cadência sincronizada por um maestro misterioso. E o destino parece agora estar mais do que claro, é a Praça da Independência. Todos vão para lá. Repetem-se “vivas” e “abaixos”, como nunca. Quando a multidão invadiu a cidade, debaixo do granizo e da chuva fininha que continuam a cair, os moradores das flats desceram para fazerem parte da procissão. As mulheres e os homens que ainda se encontravam na tarefa de arrumar os seus produtos abandonaram o trabalho e seguiram a voz que não parava de apelar.

parava de apelar:

- Abaixo a tirania!
- Abaixoooooo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- Abaixo o despotismo!
- Abaixoooooo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- Viva o povo unido do Rovuma ao Maputo!
- Vivaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!
- Viva Moçambique para todos!
- Vivaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Parou de chover e, em pouco tempo, já não havia qualquer vestígio do granizo, nem do nevoeiro que despertaram a Grande Maputo. Os “vivas” e os “abaixos” são agora mais nítidos. Mais vigorosos, e a Praça da Independência está mais cheia de gente do que nunca. As canções são cada vez mais retumbantes. E no palanque, onde desfilam muitas personalidades, avulta uma mulher que fala com sotaque nyungwe, excitando a multidão a unir-se, esquecendo as cores dos partidos.

- Viva a Unidade Nacional!
- Vivaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!
- Abaixo o enriquecimento ilícito!
- Abaixoooooooooooooooooooooooooooooo!
- Abaixo o nepotismo!
- Abaixoooooooooooooooooooooooooooooo!

Nos mastros que se erguem no lugar, só se vêem bandeiras nacionais. Não há símbolo de nenhum partido. Apesar de se reconhecerem figuras da Renamo, da Frelimo, do MDM e de tantos outros, rodeando a mulher que sorri com franqueza ao dirigir-se à multidão que continua a entoar as canções de liberdade, de revolta e de vitória.

- Moçambique hoje!
- Hojeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!
- Os tiranos, ziiiiiiiiiiii!
- Ziiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!
- Os ladrões, ziiiiiiiiiiii!
- Ziiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!

Moçambicanas, moçambicanos, hoje é o dia da nossa libertação. Viva a liberdade!

- Vivaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!
- A luta continua!
- Continuaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!
- Muito obrigada!

* Este texto é da pura imaginação do autor

Tchaka Ngonyama Ya Xithokozelo

Durante vários anos, António Joana Cuambe, jovem artista moçambicano multitalentoso (é escritor, declamador, cultor das línguas Bantu e cantor) identificou-se com o nome de um líder histórico africano: Tckaka Zulu. No entanto, ao compreender que a sua arte – pelo menos os poemas que declama nos eventos culturais da cidade de Maputo – possui uma mensagem forte, quase autoritária, focalizando-se na necessidade de transformar as precariedades em que os Homens vivem, o artista percebeu que a sua obra se impõe do modo semelhante ao do rei da selva: o leão. Por essa razão, o declamador concluiu que o seu nome artístico devia ser Tchaka Ngonyama Ya Xithokozelo. É assim que, em cada actuação, se identifica. No entanto, nessa narrativa, há muitos aspectos envolvidos.

Texto: Redacção Foto: Inocêncio Albino

Presentemente, o artista de 27 anos de idade afirma que é residente do bairro da Mafalala, o mesmo em que tiveram origem grandes personalidades da cultura moçambicana – Samora Machel, José Craveirinha, Eusébio da Silva, Noémia de Sousa, por exemplo. “Tenho muito orgulho de estar a viver num bairro histórico da dimensão da Mafalala e, ao mesmo tempo, ter uma ampla sensibilidade em relação às artes”.

A declamar ou a escrever, Mestre Tchaka faz o seu discurso como um verdadeiro leão no meio da selva. Ele não teme o “inimigo”. Luta com garra e determinação. É por isso que, como um verdadeiro rei, nos seus escritos, nos apresenta o grito de Homens que – apesar de estarem inconformados com a realidade em que vivem – não têm espaço para manifestar o seu desfavor. De todos os modos, suplicam pela paz e pela harmonia social.

Tchaka trava uma relação de aflição em relação ao seu sector de actividade – as artes. Diz que o mesmo está infestado de muita hipocrisia que o angustia. De todos os modos, e por porque onde há desvantagens também se produz a vantagem, o artista capitaliza esta realidade para dela sulcar alguma inspiração de que se fazem as suas obras.

É neste contexto de exclusão dos artistas que – pela primeira vez se querem revelar ao mundo – Tchaka expressa a sua insatisfação: “Há muito tráfico de influências”, diz explicando que os artistas são mais valorizados em função da amizade que têm com este ou aquele fulano, e não pela qualidade da sua produção. Ou seja, no campo do apoio à produção artística, por exemplo, os patrocinadores das actividades culturais nunca se aproximam para avaliar a qualidade dos trabalhos que se geram a fim de que os apoiem – ou não – em virtude do seu mérito ou demérito. Pura e simplesmente, “os empresários presumem que nós não temos nada por lhes oferecer e, não raras vezes, se não apoiam as mesmas pessoas, ignoram-nos”.

Atento e receoso em relação aos problemas que afligem o sector das letras em Moçambique, Tchaka afirma que muitos dos seus colegas acabaram por abandonar a arte por causa da rejeição de que foram vítimas e que é gerada por quem tem o direito de os apoiar. O que muito incomoda Mestre Tchaka – e os demais artistas da sua estirpe – é o suposto nepotismo que existe no sector das artes.

Um artista nato

Treinado pela sociedade que o viu nascer e crescer, An-



tónio Cuambe acredita que o facto de ter nascido numa comunidade cheia de intelectuais, pessoas cujo génio e trabalho glorificaram o nome de Moçambique, além-fronteiras, enche-o de muita força e determinação com vista a trilhar o caminho por si escolhido – o das artes.

Sobre o seu envolvimento com a literatura, é preciso ter em conta que “a minha paixão pelo mundo das letras emerge quando percebi que no meu ego se manifestava uma grande vontade de reagir em relação aos vários temas sociais. Compreendi que era urgente realizar uma reacção, em forma de arte, que tenha por objectivo promover uma intervenção social com impacto na realidade que se deve transformar”.

Além do mais, “foi nessa tentativa de querer falar em nome dos oprimidos que comecei a envolver-me com o Rap que é uma ferramenta essencial para a dissolução de problemas na sociedade”.

Alguns anos depois – entre 2002 e 2003 – Mestre Tchaka, sem abandonar o canto, o Rap, mas associando-o à nova forma de arte que descobria, começou a escrever com algum rigor nas (suas) línguas vernáculas e, ao mesmo tempo, a procurar materializar o seu objectivo: “Informar e ajudar o povo a ultrapassar as dificuldades com que se debate”.

Não obstante o facto de ser um artista em revelação, Mestre Tchaka expressa um grande orgulho da relação que trava com a arte – muito em particular quando considera que possui uma quantidade de admiradores que aumenta todos os dias – mas, acima de tudo, pelo facto de, no conjunto dos seus confrades, sobretudo aqueles com quem começou a jornada, se posicionar como um sobrevivente. Afinal, a maior parte dos seus amigos não suportou as adversidades que se enfrentam nas artes e desistiu.

“Eu faço parte do grupo de jovens que, durante o ano 2000, tentou entrar no mundo das letras e não foi bem-sucedido. No entanto, contrariamente a muitos deles, graças à minha teimosia, muita persistência e coragem de enfrentar a vida – como fazem os animais bravios – derrubando os obstáculos que se impunham, acabei por impor-me como artista. No entanto, para sublimar e valorizar a oratura, os nossos contos de tradição oral, acabei por me adoptar o nome artístico de Mestre Tchaka Ngonyama Ya Xithokozelo”, narra visivelmente orgulhoso.

O nome

Entretanto, mais do que um simples pseudónimo, de acordo com o artista, Mestre Tchaka Ngonyama Ya Xithokozelo revela e traduz o temor que se deve ter em relação a uma espécie de um rei que se sublima a dizer contos tradicionais.

Trata-se do rei dos contos.

Portanto, este nome resulta desta convicção de que o que o artista faz é algo peculiar a ele: “Por isso sou o leão da poesia”. Além de apreciador, Tchaka é também um conservador das línguas nacionais – as quais explora para fazer a sua literatura. O Copi, o Ronga e o Xichangana são alguns exemplos dos idiomas do sul de Moçambique que o declamador utiliza.

Mestre Tchaka possui uma grande familiaridade com as línguas do sul de Moçambique – facto que não somente enche de orgulho os seus próximos como também os seus fãs. A língua, na sua percepção, é um dos principais elementos que o tornam diferente dos demais artistas. Nesse sentido, a sua aposta é aprender o maior número possível de idiomas moçambicanos e empregá-los na sua produção artística.

E não lhe faltam argumentos: “Sinto que as pessoas se ‘esquivam’ dos idiomas nacionais”. Em contra-senso, “eu orgulho-me de usufruir das línguas Bantu na minha poesia”.

Projectos

Em relação ao campo dos projectos artísticos, Mestre Tchaka considera que sonha com a possibilidade de aprender a comunicar-se noutros idiomas bantus, a fim de utilizá-los na geração da sua literatura. No entanto, e mais importante, os outros planos (aqueles cuja materialização tem impacto efectivo na vida dos seus admiradores, pelo menos, sob o ponto de vista de consumo) como, por exemplo, a publicação de um livro ou a gravação de um trabalho discográfico, continuam reféns da boa vontade dos empresários e financiadores das actividades culturais.

“Ainda tenho muito que aprender. Enquanto isso, creio que só com um trabalho sério e com uma qualidade acentuada é que o empresariado pode sentir-se pressionado a apoiar a minha obra”.

De uma ou de outra forma, presentemente, Mestre Tchakah encontra-se a preparar o seu primeiro livro que – espera-se – será acompanhado de um trabalho discográfico de recital de poesia.

As referidas obras, disco e livro, em que se utiliza a língua Xichangana, com tradução em português, será intitulada “Mabolela Ya Nkhantxu”, o que nas palavras do artista significa o fim da sua história de luta pela preservação e promoção das línguas nacionais, bem como do seu activismo como criador.

Além de conter um conjunto de obras inéditas do autor, o livro de contos também irá revelar – em jeito de narrativa – as adversidades enfrentadas pelo artista ao longo do seu percurso.

“O povo africano não foi feito para sofrer”

Os casos relacionados com os governantes africanos que, depois de alcançarem o poder, se esquecem de criar condições para o bem-estar do seu povo inspiraram o músico Carlitos Namakoto, ou simplesmente Namakoto como é tratado pela população de Nampula. O autor da música “Ohawa wa África” entende que os gestores dos sectores públicos ignoram as necessidades das comunidades e limitam-se a satisfazer os seus interesses pessoais, deixando o povo à sua própria sorte.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Namakoto afirmou que, quando os líderes políticos pretendem ascender ao poder, imploram o voto da população, porém, mais tarde, ela é desprezada e humilhada. Na sua música intitulada “Ohawa wa África”, o artista dá o exemplo de uma pessoa que promete ao seu amigo boleia na sua viatura para conhecer a cidade de Angoche, em Nampula. Volvidas algumas horas, o proprietário do veículo ignora a promessa, a necessidade do companheiro e decide viajar sem dar explicações. Neste contexto, o músico define a situação nos seguintes termos: “athu khanrera olossowelana”, que na língua local significa “há pessoas que gostam de humilhar as outras”.

O teor desta curta frase não difere do que acontece no nosso país e em África em geral, no que respeita ao comportamento dos líderes. Segundo Namakoto, esta é, diga-se de passagem, a característica comum dos dirigentes africanos.

O artista diz ainda que, nos últimos tempos, dedica-se à criação de músicas que defendem o combate definitivo à pobreza, de modo a tirar a população do sofrimento em que vive há vários anos. E afirma que as acções em prol de um desenvolvimento do país e de África em geral deve ser a prioridade de todos.

Namakoto conta que isso só será possível através de uma acção coordenada, envolvendo todas as forças vivas da sociedade. “Ninguém pode enganar o outro. A planificação deve ser feita em conjunto, incluindo a sua implementação, facto que não se observa nos processos de governação devido à ignorância dos gestores públicos”, afirma, acrescentando que não se vislumbram sinais de desenvolvimento em África, pois as necessidades do povo são ignoradas e os cidadãos pacatos limitam-se a lamentar as condições de vida a que estão votadas. “Mas isso acontece por causa do nível de consciencialização sobre os direitos que a população tem como seres humanos e, ao mesmo tempo, contribuintes do Orçamento do Estado, através do imposto”, afirma.

A esperança é a última a morrer

Numa situação de desespero, a população não encontra alternativas para alterar o cenário, senão constatar que os dirigentes fazem e desfazem. Mas, o músico Namakoto defende que “a esperança é a última a morrer”, pois um dia Deus pode fazer valer a sua bondade e “libertar” aqueles que vivem na angústia e no sofrimento.

A título de exemplo, Carlitos Namakoto referiu-se à “independência do partido no poder” alcançada pelo povo de Nampula nas eleições autárquicas realizadas recentemente, em que a participação massiva dos jovens garantiu a vitória do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e do seu candidato, resultado que reflectiu a vontade dos eleitores expressa nas urnas.

Para Namakoto, o que aconteceu em Nampula devia ser exemplo para os dirigentes em relação à necessidade de respeitar os direitos do seu povo. Considera ainda que o povo não nasceu para sofrer e não pode continuar nessa condição. O desafio que, neste momento deve merecer prioridade, é o trabalho que garante a dignidade do ser humano, uma vez que as pessoas não devem permitir que alguns beneficiem de direitos resultantes do trabalho alheio.

Mesmo assim, o artista diz que as diferenças na estrutura social vão persistir. Tal situação deriva do facto de não haver uma distribuição equitativa dos recursos do país. Neste contexto, há quem trabalhe arduamente para ganhar pouco e, diga-se de passagem, há pessoas que trabalham pouco tempo, porém, os seus rendimentos são elevados. E, no refrão da música, Namakoto questiona: “Será que o povo africano nasceu para sofrer ou trata-se de uma situação que nunca terá fim?”. E, mais adiante, conclui que tudo depende das políticas e vontade dos governantes.

Desenvolvimento sem efeitos na vida do povo

Sem querer ser pessimista, Namakoto afirma que o país e África no geral estão a registar um desenvolvimento assinalável. Entretanto, o crescimento da economia não tem efeitos na vida da população, sendo que há ainda grande número de famílias que continua a passar fome, sem habitação condigna, entre outras necessidades. O músico salienta que, no caso de Moçambique e da província de Nampula em particular, a participação da população no processo de governação e gestão da coisa pública está muito aquém do desejado, facto que se deve à situação de falta de espaço para o efeito. O índice de analfabetismo é apontado pelo artista como principal entrave.

Namakoto refere que os problemas de natureza diversa que são vividos pelo povo estão, em parte, relacionados com a má aplicação dos planos de actividade e o respectivo orçamento.



Um referência em Nampula

Além de dançar e cantar, Namakoto diz-se apaixonado pela arte visual e pela escultura. Ele começou a envolver-se na música em 1987, altura em que integrou o grupo de dança do Museu Nacional de Etnologia de Nampula. Além de “Ohawa wa África”, Namakoto recorda-se de uma das suas composições que fez sucesso no passado, designadamente “Mwana Ammakhua”, que na língua local significa “O filho macua”.

O artista já passou por vários projectos, a maior parte deles ligada à arte. Em 1993, criou uma iniciativa de pesquisa cultural que, com o apoio financeiro dos governos dos Países Baixos e da Dinamarca, envolveu as províncias da região norte do país, nomeadamente Cabo delgado, Niassa e Nampula.

O projecto permitiu a descoberta de novas modalidades de arte. Na altura em que a Casa Velha, com sede em Maputo, teve a iniciativa de instalar uma delegação em Nampula, Namakoto foi indicado para coordenar a instituição, a nível provincial, que, primeiramente, funcionou no Museu Nacional de Etnologia.

Através de fundos disponibilizados por parceiros nacionais e internacionais, a Casa Velha de Nampula iniciou um processo de capacitação destinada ao associativismo e à aprendizagem de técnicas artísticas. Trabalhou em 1997 no projecto da UNESCO, designado “Iniciativa Jovem” que tinha como objectivo apoiar os jovens daquela cidade com vista a prosseguirem os seus estudos.

Publicidade



cutting through complexity

Cursos

Moçambique

KPMG Moçambique starts 2014 Training Calendar hosting one of the best IT Audit Training with Attendance Certificate



Enterprise Governance of IT



Stay Ahead of the Pack:

Unlock your world to a Sea of Opportunities



AN ISACA® FRAMEWORK

ACCREDITED TRAINERS



RISK BASED IT AUDITING MASTER CLASS

4, 5 and 6 March 2014
Place: KPMG Building in Maputo
Training Language: English

Price: 40 000.00 MT (IVA included)



Trainer: Tichaona Zororo, CIA, CRMA, CISA, CISM, CRISC, CGEIT

For Information and Booking: mtaverna@kpmg.com (82 317 6340)

Três perguntas ao Doutor Ngunga

O linguista moçambicano Armindo Ngunga dispensa qualquer apresentação. Recentemente, o @Verdade encontrou-o na Escola Superior de Jornalismo onde ia ministrar a aula inaugural sobre as línguas Bantu e aproveitou a ocasião para lhe formular três perguntas. Estimado leitor, convidámo-lo a acompanhar o seu raciocínio a seguir.

@Verdade: Que a importância possui a língua materna numa sociedade como a moçambicana, por exemplo?

Armindo Ngunga: A língua materna é a coisa mais importante que todos nós temos, em qualquer sociedade. Ela confunde-se com o que cada um de nós é. O que seria de mim sem a minha língua? O mundo estaria fechado e, em resultado disso, eu não poderia comunicar-me com ninguém. As pessoas não se abririam para mim – o sentido inverso é válido – o que seria um autêntico sufoco. A língua materna faz parte da identidade de cada cidadão e de cada sociedade. E como partilhamos a língua materna com os outros, ela mantém os nossos laços de relacionamento, daí que ela se reveste de grande importância.

@Verdade: Que contributo o uso da língua materna pode trazer nas repartições públicas como os hospitais, os tribunais e as academias, por exemplo?

Armindo Ngunga: Eu não sei como é que uma pessoa se sente quando é julgada numa língua que não percebe. De repente, sucede que ela se encontra numa cela sem saber as razões, porque o juiz o julgou utilizando um idioma estranho e, nesse caso, ele nem percebeu o que aconteceu. Portanto, a língua é um instrumento muito importante na nossa vida como pessoas que vivem numa sociedade. Penso que cada pessoa devia respeitar a língua materna do outro, enquanto direito humano de se comunicar e de se defender, porque é a partir dela que isso se faz da melhor forma.

Em Moçambique, a língua materna de determinadas pessoas – 10 por cento – é o português. No entanto, há pessoas que, não falando o português, é-lhes recusada a possibilidade de sobreviver porque os médicos, por exemplo, não se comunicam com elas nas suas línguas.

Texto: **Redacção**
Por essa razão, invariavelmente, os doentes não explicam devidamente de que padecem.

Quando o paciente e o médico não partilham a mesma língua, o doente corre sérios riscos de vida. A língua é um meio importante que, se bem utilizado, pode salvar a nossa vida, mas também nos pode matar.

@Verdade: Que contributo a língua materna pode trazer no acesso às fontes de informação, em Moçambique, tendo em conta as várias áreas do saber?

Armindo Ngunga: Se a comunicação social, por exemplo, usasse as línguas maternas moçambicanas nós teríamos uma vasta área de conhecimento a gerar algum tipo de interacção no nosso seio.

Qualquer língua é sempre um meio activo para o acesso ao intelecto. Por isso, acredito que se nós utilizássemos as nossas línguas maternas nos estabelecimentos de ensino, como meio de acesso à informação universal – e porque ao longo do tempo, os seres humanos aperfeiçoaram os conhecimentos veiculados em determinadas línguas pré-seleccionadas – resolveríamos facilmente e melhor os nossos problemas, na academia, do que agora que utilizamos as línguas estrangeiras.

As línguas maternas permitem que as crianças se sintam confortáveis na escola. A sua não utilização provoca um sufoco aos petizes, porque eles não compreendem o que o professor diz e nem podem reagir porque não têm como fazê-lo. Até podem reprovar nos exames porque não conseguem dizer aquilo que sabem na língua que a norma lhes obriga a fazê-lo.

CÃO DESAPARECIDO

O Pluto desapareceu de casa no dia 31 de Janeiro na Av. Ho Chi Min (zona da Migração). O Pluto é um cão de tamanho médio e pêlo curto, preto com manchas brancas na barriga, patas e focinho.

Se o vir por favor contacte

82 399 8792 ou
84 900 1050.

Ofereço recompensa!



Kerygma

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

Sou a escória da humanidade

Amigos, hoje é um daqueles dias em que acordei sem nada para dizer. Gostava de ser mais prestativo, mais lúcido e mais amigável. Adorava ser o melhor pai, o melhor filho, o melhor colega de trabalho e o amigo de todos os que acreditam que a amizade é um dos frutos que se deve deliciar nas primaveras. Contudo, percebo que o dia de hoje não devia existir para mim. Estou desolado comigo mesmo. “Colérico comigo mesmo e com o mundo” é a frase que me caracteriza.

Saio de casa e enfrento a chuva que se derrama na cidade de Maputo. Ando bem devagar como se estivesse a ser forçado a viver. Entro no “chapa-cem” e não comprimento ninguém, mesmo os que me conhecem. Depois de uma luta para entrar no “chapa” sento-me num lugar podre onde se vê a esponja e alguns ferrinhos que vacinam o meu traseiro. Olho para as minhas calças e vejo alguns barços de sujidade que se colaram a mim enquanto lutava para entrar no referido meio de transporte. Apesar do barulho, fecho os olhos. Com o serrar dos olhos decido sonhar. Decido sonhar com um outro sonho.

No sonho, decido trocar a sequência, supostamente, nata das coisas e reinvento o meu mundo. No sonho o meu nome é Ashanti Hendrix Pastorius. Nasci no século XXVI e tenho a idade da pedra de Sísifo. Não sou vegetariano porque como elefantes.

O meu mundo é azul e, na minha terra, a pedra chama-se sapato e a mesa chama-se lua. Todas as mulheres foram registadas com o nome de Katawe e os homens com o nome de Toko. Na minha terra não temos uma moeda nem possuímos a consciência da existência do Metical que tira o sono de muita gente. Não temos engarrafamentos, porque usamos camelos para nos deslocarmos. Não detemos Governo, nem queremos ter a ideia de paridade. Não sabemos o que são raptos, porque cada um trabalha para ter os seus objectos e respeitamos a coisa do outro. Um dia, na minha terra, aceitaremos pessoas de outras nacionalidades para que possam espertear e aprender de nós como se faz e se alicerça a ideia da unidade nacional. Cada criança tem direito a um computador, logo que inicia o ensino básico.

As mulheres não passam pelos ritos de iniciação porque já nascem preparadas para a vida. Na Kelesalândia, a minha terra, todos os kelesianos têm direito a um metro de superfície. Outro facto que me deixa alegre é que na minha terra as mulheres não usam “tissagens” ou outro tipo de cabelo postico em detrimento do natural. Os homens consomem, apenas, a quantidade de 340 mililitros de cerveja por mês. Não comemos carne de porco, nunca temos “babalaze” e não oferecemos refrescos a nenhuma autoridade porque obedecemos às regras de condução. Nunca temos congestionamento de automóveis nas nossas estradas, porque cada família tem direito a um helicóptero.

Cada quintal do meu país é um pólo de desenvolvimento, e não precisamos de ninguém que nos obrigue a lutar pela revolução verde porque já percebemos que dependemos de plantas para viver. Neste meu país, um dia, aceitaremos que alguns moçambicanos venham viver para que percebam que a ideia de alteridade deve ser vivida com grandeza e não ser chutada como eles fazem com as leis que regem aquela sociedade que tem o Zumbo como destino.

O meu país é um sonho onde vivem “divos” que acreditam que todos somos verdes, porque somos a esperança.

De repente, desperto por causa do barulho do cobrador que grita comigo: “Senhor, já chegámos. Pague!”. Eu, distraído, tiro da algibeira algumas moedas e pago por me terem levado do Dreve-In até ao Museu. Desço e passo pelas barracas do Museu para tomar aí uma sopinha na cantina da dona Eugénia. É assim mesmo, às segundas-feiras. Os homens resolvem os assuntos do fim-de-semana com alguns petiscos e uns tragos, aproveitando aquela promoção em que três unidades custam cem meticais. Depois de terminar a minha sopa, percebo que estou solitário neste mundo. E aquela angústia inicial invade-me. Sinto-me isolado e percebo, agora, que eu sou o único culpado disso.

Já não chove e eu continuo a andar. Ao caminhar, percebo que sou um eremítico e misantrópico porque descobri que sou a escória da humanidade. Sou um pecador em ascensão e não vejo formas de contornar isso. Eu devia ser extirpado da humanidade.

Na verdade, descobri que tenho uma doença – a autoflagelação. O que conquistei com muito suor e trabalho árduo destruo em fracções de segundos com o meu espírito que é assaltado, vezes sem conta, pela melancolia. Nunca pensei que fosse possuído pelo abatimento. Invoco todos os deuses, curandeiros, profetas, pastores – nada de me cobrar dízimo – para que, em unísono, façam uma reza para eu melhorar o meu estado latente. Até penso em cometer suicídio, sim, como fazem os cansados da vida e da sociedade. Ou eu é que não compreendo os outros e a minha sociedade?

Aproximo-me do meu destino e a certeza de um dia mal começado quase que se concretiza. Já na porta do meu local de faina acontece o insulto: passa um carro a uma grande velocidade, esbarra com a água da chuva que está nas bermas da estrada e molha a minha roupa. Tento gritar para tirar um insulto, mas não consigo. As pessoas que estão ao redor olham para mim. Algumas sentem pena outras ficam felizes.

Dou razão aos que ficam felizes pelo desastre que tive: “Talvez estou a pagar pela minha arrogância”. Começo a pensar no seguinte: “Porque existem os dias de azar? Porque tenho mais momentos de tristeza e não de alegria? Acho que o que há-de acontecer connosco amanhã, devíamos prever como fazemos com a temperatura”.

Enfim, não desejo a ninguém o meu estado de espírito. Não quero que nenhuma pessoa se sinta a escória da humanidade como eu estou a sentir-me hoje. Quero apenas que a humanidade se sinta mais prestativa e que o sentimento que, hoje, me invade não chegue a nenhum ser igual a mim. Que todos nós busquemos sempre o melhor como sucede na Kelesalândia.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Imagine estar sentado em frente do seu televisor e ver o Cristiano Ronaldo a correr na sua sala atrás da bola num jogo do Real ou da selecção. Pois é isso mesmo que nos promete a televisão holográfica que está a ser desenvolvida em instituições como a Universidade do Arizona. Estes aparelhos serão construídos como ecrãs planos numa parede. Também se poderão criar painéis horizontais numa mesa, capazes de gerar imagens similares àquela do xadrez que aparecia no Star Wars. O Governo japonês está a investir grandes somas de dinheiro e recursos técnicos no desenvolvimento de sistemas virtuais e holográficos para a televisão, pelo que espera ter a tecnologia disponível em 2020.

A visão e a audição são imprescindíveis a um condutor na altura de determinar se um outro veículo está muito perto ou se tem espaço suficiente para estacionar. Mas este panorama está a mudar graças ao projecto IntelliDrive, a ser desenvolvido nos USA. Já estão em prova vários protótipos dotados de sensores que detectam os sinais ambientais. Graças a estes, o veículo pode alertar o condutor, informando-lhe se o pavimento está molhado, se há um banco de neve no caminho, se o carro que o antecede se move de forma errada ou se respeita os semáforos. Um passo à frente é o que dará a General Motors. O seu modelo Boss dispõe de tecnologia GPS, radar e sistemas de guia laser para reconhecer uma rota: o condutor pode dormir enquanto o carro se move sozinho.

Substituindo os traços por letras achará

o Gentílico (que indica a nacionalidade ou a nacionalidade) dos seguintes países:

- BENIN - - - - -
- BURKINA FASO - - - - -
- CHADE - - - - -
- COMORES - - - - -
- CURDISTÃO - - - - -
- ERITREIA - - - - -
- GÂMBIA - - - - -
- GRANADA - - - - -
- GRÉCIA - - - - -
- MADAGÁSCAR - - - - -

RIR É SAÚDE

Na noite de núpcias, ela foi despir-se na casa de banho. Como se demorasse, o marido grita-lhe:
- Ó Maria, anda daí, vem-te deitar.
- Espera um bocadinho que eu já vou.
- Mas anda daí.
- Sabes?... É que eu tenho vergonha.
- Tens vergonha de quê?
- Sabes? É que eu já não sou virgem...
- Deixa lá, amor. Eu também não quero fazer nenhum presépio.

Dois divorciados em conversa:
Ele - O bem não se conhece senão depois de se ter perdido.
Ele - É assim mesmo. Só depois de te ter perdido é que eu aprendi a conhecer o bem. O bem de ter perdido.

Uma senhora pergunta a um rapaz porque é que não trabalha.
- Porque não encontro trabalho.
- E por que razão acha que ninguém lhe dá trabalho?
- Por sorte, minha senhora. É por sorte.

No consultório da vidente.
- Sinto dizer-lhe, mas dentro de pouco tempo vai usar o véu das viúvas. O seu marido morrerá de morte violenta.
- E serei absolvida? - Pergunta a senhora.

Uma senhora mal-educada numa loja:
- Vai levar o insecticida? - Pergunta o merceeiro.
- Pois claro. Ou queria que mandasse cá os insectos?
- Não, minha senhora - diz ele atrapalhado -. A minha mãe é muito boa cozinheira.

PENSAMENTOS...

- A pequena fonte que está à frente mata a sede.
- Entre pai e irmão não metas a mão.
- O mel é doce por si mesmo.
- Só o tolo cai duas vezes no mesmo buraco.
- A tartaruga não atira fora a sua carapaça.
- A desgraça não traz o remédio consigo.
- Não mostres má cara ao receberes um presente.

SAIBA QUE...

A Camorra é uma sociedade secreta italiana formada por criminosos nas masmorras de Nápoles, por volta de 1820, e que prosseguiu a sua existência mesmo depois de estes terem sido libertados. Dominou a política a partir de 1848, participando nas campanhas de unificação da Itália, e foi oficialmente suprimida em 1911, mas muitos dos seus membros acabaram por voltar a surgir como elementos da Máfia americana. A Camorra continua a operar na área de Nápoles.

O ultimato ou ultimatum de 11 de 1890 é um memorando apresentado pelo Governo inglês ao Governo português, referindo-se aos territórios africanos entre Angola e Moçambique. Os ingleses ameaçaram o corte de relações com Portugal e o eventual uso da força caso não fossem evacuadas as tropas portuguesas estacionadas na região do Chire e do actual Zimbabwe. Sem poder para reagir aos britânicos, o Governo português acatou a exigência. Assim se resolveu a questão do chamado "Mapa Cor-de-Rosa", pon-do fim às pretensões portuguesas de unir as suas colónias da África ocidental e oriental. Num contexto de grave crise financeira, acentuaram-se as dificuldades políticas da monarquia e iniciou-se o caminho que conduziria, duas décadas depois, à revolução de 5 de Outubro de 1910.

HORÓSCOPO - Previsão de 28.02 a 06.03



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Nas finanças, tudo o que envolva transações, aplicações de capital, salários e solução de problemas anteriores, será beneficiado por um clima, extremamente, favorável. Aproveite este aspe-to, durante toda a semana, para retirar dele o máximo rendimento.

Sentimental: A vida senti-mental atravessa um bom momento e será evidente durante toda a semana. O entendimento com o seu par será bastante intenso. Aque-les que se encontram, ainda, numa fase inicial da relação, verão os seus sentimentos consolidar-se.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: A semana deverá decorrer sem sobressaltos e poderá proceder a algumas aquisições, para decorar a sua casa; será muito salutar, sempre que se possa renovar o ambiente de forma a que nos sintamos mais confortáveis.

Sentimental: Algumas ques-tões deverão ser colocadas de uma forma frontal, para evitar problemas origina-dos por falta de diálogo. Caso esclareça este aspeto, a união poderá ser bastante agradável.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: A alternarem entre a estabilidade e a preocupa-ção, com algumas despesas, inesperadas. Não faça inves-timentos, nem aplicações de capital, durante toda a se-mana. Mantenha um grande rigor nas suas despesas.

Sentimental: No aspe-to amoroso, esta semana, apresenta-se um pouco tur-bulenta, tanto pela positiva, como pela negativa. Um bom relacionamento, com base na confiança e no diálogo, criará momentos muito agradáveis



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: No referente ao aspeto financeiro, poderá considerar-se uma semana, francamente, animadora. Como resultado de traba-lhos efetuados, anterior-mente, começará a benefi-ciar de entradas de dinheiro que lhe permitirão resolver algumas situações e estabele-zar a sua vida económica.

Sentimental: As relações sentimentais dos nativos do Capricórnio serão caracte-rizadas por uma situação de impasse e indecisão. Liber-te-se de algumas preocupa-ções que só lhe dificultam a relação.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças deverão caracterizar-se pelo equilíbrio e, até um certo de-safogo, que lhe irá permitir algumas despesas em ob-jetos para decoração da sua casa; no entanto, será de sa-lientar que os investimentos financeiros não serão aconselháveis.

Sentimental: Existirá um relacionamento amoroso in-tenso, com provas dadas por ambas as partes do casal, de que amar não é difícil. Os que não estão comprometi-dos, durante este período, poderão iniciar uma relação que poderá ser marcante para as suas vidas.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Não se poderá di-zer que este aspeto o favo-reça. Despesas necessárias irão alterar o seu orçamen-to, sendo aconselhável que proceda com a maior pre-caução

Sentimental: No amor, a tendência será para manter um certo distanciamento do seu par, durante todo este período; esse afastamento, só a si lhe compete alterar, tendo presente que situa-ções deste género, na maio-ria das vezes, acabam mal.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Evite as despe-sas desnecessárias, tente ultrapassar este momento com espírito positivo; será a melhor forma de abrir novas e mais favorecidas perspectivas.

Sentimental: Os aspetos de ordem sentimental poderão ser um suporte para ultrapassar este pe-ríodo, menos bom. Para que tal suceda, aproxi-me-se do seu par, abra o seu coração e liberte as suas preocupações.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Questões de or-dem financeira não deverão ser motivo para preocupa-ção e poderão ser alvo de grande melhoria. Compromissos por regularizar en-contrarão, neste período, o momento certo para serem resolvidos.

Sentimental: O aspeto amo-roso recomenda que seja ca-rinhoso com o seu par. Esta-rão beneficiados os diálogos que tenham como objetivo um melhor entendimento. Esta será uma semana muito favorecida para os que não têm compromisso poderem iniciar uma relação.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: As questões que envolvam dinheiro não deverão ser motivo para grande preocupação; po-derá, até, verificar-se uma melhoria, substancial, que permitirá a compra de equi-pamentos necessários para a sua casa.

Sentimental: No amor, será um período um pouco tur-bulento com dúvidas e des-confianças a poderem criar situações de algum melin-dre. Não se deixe influenciar por terceiros.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Não deverão ve-rificar-se grandes alterações; no entanto, poderão suceder algumas entradas de dinhei-ro. Mantenha-se atento a oportunidades que poderão ter contornos duvidosos.

Sentimental: No amor, ten-te não ser tão dominador e conheça também o prazer de se deixar conduzir. Ana-lise, de uma forma lúcida, as suas reações e abra caminho a novos horizontes. Alguém poderá tentar destabilizar a sua ligação; fique atento.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: O dinheiro consti-tuirá um problema que, por não ter uma solução imedia-ta, aconselha a que se man-tenha atento a tudo o que envolva finanças e os seus respectivos movimentos.

Sentimental: Este aspeto conhecerá um período de grande aproximação; no entanto, algumas dificul-dades em matéria de en-tendimento poderão levar a situações que, caso não sejam bem esclarecidas, causaram desencantos.

Cartoon



Uma análise “em voo rasante” da actuação do G40

A génese

Este título é um misto de citações e o artigo que se segue é motivado pela carta de Alexandre Chivale, publicada no Jornal Notícias, de 12 de Fevereiro de 2014, página 33, sobre a carta de impugnação da decisão da Comissão Política relativa à indicação dos três pré-candidatos.

O G-40 surge em oposição aos comentadores “independentes” que pulula(va)m ao nível da Imprensa privada e que alguns deles se revelaram pertencer a partidos políticos, tendo sido candidatos por esses partidos nas últimas eleições autárquicas. Se, por um lado, os comentadores “independentes” criticam veementemente a actuação do Governo, os seus órgãos e dirigentes, por outro, o G-40 caminha no sentido oposto, enaltecendo os feitos do Governo, personificadas na figura do Presidente Armando Guebuza.

O modus operandis

O G-40 começou por ser um grupo relativamente pequeno e composto por pessoas com relativo reconhecimento público, mas cedo o grupo cresceu, para dar a ideia de que muitos moçambicanos entendem que o país caminha no caminho da prosperidade. Com efeito, os membros do G-40 enchem a Imprensa de tentativas de transformar o quadro de sangue em que o país se encontra mergulhado em rosa, contribuindo para a contestação e descrédito do objecto defendido. O mesmo grupo veio a terreiro defender que não se pode direccionar as críticas ao Presidente, mas quando se fala de feitos é tudo obra do filho mais querido, o imaculado, o miraculoso e endeusado Guebuza, sem o qual até o camponês de Mapinhane não produziria os seus alimentos.

A ser verdade que este grupo é pago para dizer o que diz, arrisco-me a dizer que as pessoas que o constituem só pensam em si e não no partido ou no futuro do país. Eles desmentem o indesejável e defendem o indefensável. Defenderam que as eleições tinham sido justas, livres e transparentes e mais tarde vieram a terreiro dizer que o maior vencedor era a Frelimo, esquecendo-se que a mesma perdeu os municípios de Nampula e Gurúè e cerca de 1/3 dos seus membros nas assembleias municipais em todo o país, sendo oposição em alguns deles, facto sem registo no solo pátrio. Qualquer cidadão que se preocupa com o seu país não tem dificuldade em apontar os erros de governação, no intuito de ver as coisas a melhorar. Aliás, afinal o que é governação participativa? Quem elegeu os governantes que dirigem os destinos deste país?

Alguns membros do G-40 são pessoas de reconhecido mérito académico, mas os seus pronunciamentos, a que eles convencionam chamar de “opinões”, não dignificam os seus *status quo*. Patrício José deveria explicar-nos como é que a teoria de conflitos pode fortalecer ou enfraquecer o Partido depois da sessão do Comité Central e não o que tem estado a dizer.

Filimão Suazi chegou a propor ao Governo o bloqueamento do Facebook no território nacional. Curiosamente, ele tem uma conta nesta rede social, através da qual se comunica com os amigos e emite as suas opiniões. O mesmo não acredita nas pessoas que estão por detrás da tela, chegando ao ponto de dizer que os mais de 50.000 seguidores da página de Eneas Comiche poderiam ser a mesma pessoa. Uma pessoa em sã consciência não pode imaginar que alguém possa criar cerca de mil contas no

Facebook, por meio de emails ou números telefónicos! Aliás, ele ignora um segmento do eleitorado significativo e volátil, constituído por jovens. A bem da verdade, Eneas Comiche é actualmente o político moçambicano mais popular nas redes sociais, apesar de a sua página ter sido criada há menos de quatro meses.

A carta de Alexandre Chivale

Definitivamente e parafraseando o camarada Edson Macuácuá, Alexandre Chivale perdeu uma rara e soberana oportunidade de se manter calado. Segundo ele, “escasseiam as razões de facto e de direito para dar provimento à impugnação” que um grupo dos membros da Frelimo solicitou ao Comité de Verificação do Comité Central. Eu concluo que Chivale substituiu o Comité de Verificação e usurpou-lhe as competências, emitindo juízo de valor num assunto que não lhe diz respeito, apesar de ter declarado não pretender influenciar a decisão daquele órgão.

Ele que é jurista e sabe interpretar melhor as normas jurídicas do que a maioria dos moçambicanos não reconhece a autonomia do Comité Central para apreciar, propor e, acima de tudo, eleger o candidato da Frelimo às eleições gerais. O que pedem os subscritores da petição e que eu também apoio não é a recusa dos três pré-candidatos apresentados pela Comissão Política, mas sim a possibilidade de o Comité Central poder vir a apresentar outros pré-candidatos, caso assim o deseje. Chivale não explicou porque a impugnação não vai dar provimento.

Chivale avança no seu artigo que esperava mais dos subscritores, devido à sua maturidade política. É precisamente por causa dessa maturidade política, do conhecimento dos processos internos da Frelimo e da sua responsabilidade para com o país e o Povo que eles tomaram aquela atitude, de forma a evitar o colapso do partido, que resultaria no colapso do próprio Estado. O mais grave é a sua convicção de que os subscritores só assinaram uma carta feita por outros. Lembro-me de que o mesmo posicionamento foi tomado em relação à carta dos médicos mais antigos do Sistema Nacional de Saúde. Como académico e investigador, ele deveria, em benefício da dúvida, contactar os signatários porque, pela descrição que faz de alguns deles, tem total domínio das suas vidas públicas e privadas.

Alexandre Chivale diz que lutaria pela inocência de Jorge Rebelo, como se subscrever uma carta fosse um crime. Acusa-o ainda, de ter dirimido um assunto interno na Imprensa, tendo-se esquecido de que a carta foi dirigida ao Comité de Verificação e que não foram os subscritores que a mandaram publicar na Imprensa. Seria interessante que, usando do mesmo espaço, ele mesmo dissesse como teve acesso à carta e à respectiva lista de subscritores.

Basílio Muhate está a defender os Estatutos que ele domina, ajudou a aprovar e conhece o papel do Comité Central enquanto membro. O General Hama Thai é da e pela Frelimo e faria tudo o que estivesse ao seu alcance para salvá-la, incluindo a impugnação das decisões erróneas dos órgãos do partido.

Se Chivale está frustrado com a mamã Graça Machel, imagine-se quantos moçambicanos estarão frustrados com ele! Indirectamente, ele acusa os subscritores de se-

rem “ex” e frustrados. Seria interessante saber que frustração pode ter um indivíduo que vendeu um banco por si criado e arrecadou a *módica* quantia de 30 milhões de dólares; ou alguém que herdou 50% da fortuna de Mandela, avaliada em 46 milhões de dólares. Frustrados eles devem estar, isso sim, por verem um grupo de interesseiros a destruírem um partido que eles fundaram e/ou ajudaram a construir, coadjuvados pelos discípulos do G-40.

Só quem não é da Frelimo ou não está interessado nela pode dizer que esta não é a mesma de 1962. Ele perde-se na confusão de quotas em dia, participação regular nas reuniões do partido e militância efectiva numa célula. Isso equivale a um prelado questionar ao Papa sobre o cumprimento das orações do Terço. Empréstando o pensamento de Alvarito de Carvalho, ele quer provar-nos que é mais militante do que os próprios fundadores da gesta libertadora. O tempo dirá quem vai achar-se em parte incerta, considerando que Chivale não pertence a nenhum órgão relevante do Partido.

Por fim, Chivale aconselha o partido a responder aos subscritores via Imprensa e ele mesmo emprestou-se a esse papel, só não se sabe se a mandou ou não dos órgãos executivos do partido. Eu até duvido que ele seja membro do Partido Frelimo e, se for, deveria ser sancionado, à luz dos Estatutos por: i) ter faltado ao respeito aos históricos e reservas morais do partido, e ii) ter comentado publicamente e sem mandato um assunto que compete a um órgão específico do Partido.

Concluindo

O que os políticos devem entender é que o Povo é que os coloca no poder e, não vendo as suas expectativas satisfeitas, pode tirá-los. Os membros do G-40 não diferem de Göring, Himler, Hess, entre outros seguidores do *Führer* e que com ele caíram, por isso outra sorte não lhes espera senão desmoronarem-se com o castelo de neve que tentam edificar.

Samora já dizia que “temos que fazer da escola a base para o Povo tomar o poder”. O sistema colonial não permitia que os moçambicanos estudassem para continuarem na “cegueira intelectual”. Hoje, a Frelimo trouxe-nos a independência e somos livres de pensamento. Os jovens são o presente deste país e são eles que decidem o que vai acontecer nos próximos tempos, por serem a maioria. O outro engraxador, Francisco Rodolfo, diz que “agora os jovens são ensinados por professores anti-patriotas, que vendem o país em troca de dólares”, negando a estes o reconhecimento de uma geração com pensamento próprio.

A Frelimo precisa de fazer uma introspecção e repelir estes lambe-botas que só contribuem para denegrir a imagem do partido e dos seus dirigentes.

PS: Seria interessante que o camarada Marcelino dos Santos, fundador da FRELIMO, autor desse nome e dos primeiros Estatutos, reserva moral do Partido e outrora apoiante acérrimo do Presidente Guebuza, se pronunciasse a respeito da actual situação política no seio da Frelimo e da forma de actuação dos seus órgãos e membros.

Mahadulane

Caros leitores este espaço é para a sua opinião. Escreva-nos para o endereço Av. Mártires da Machava 905, Maputo; para o email averdademz@gmail.com ou para os números de SMS 90440. Pode também enviar-nos a sua opinião para o nosso Facebook <https://www.facebook.com/JornalVerdade>.

Aceitamos que nos contactem usando pseudónimos ou sob anonimato - mediante solicitação expressa - porém, sempre indicando o nome completo do remetente, documento de identificação e o seu endereço de contacto.

A redacção reserva-se o direito de publicar ou editar as cartas, sms ou email ou mensagens recebidas.

Cidadania

f

goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

O Mundo perdeu um dos mais exímios praticantes da modalidade mais popular: o futebol. Foram 18 anos a espalhar grandes emoções pelos maiores estádios do Mundo, numa vida para celebrar e cuja morte não põe fim à glória de um Monstro ComSagrado. Coluna morreu aos 78 anos, deixando viúva e três filhas.

<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/44327>



Jacinto Martinho Taua Grande monstro sa-grado.há cerca de uma hora

Agostinho Mutendez Que que a sua alma va cm Deus Rip há 2 horas

Pedro Fernando K Deus acolhe.Amen!paz asua allma. há 3 horas ·

Aido Carlos Rip my sentdas condolencias e Deus lhe conceda janat. há 3 horas

Sergio Duarte Alberto Rip. Mnhas sentidas condolencias a familia enlutada. K DEUS o te-nha.há 3 horas

Ronildo Paulo Coluna, o seu nome estara sempre cravado em maiusculo, MARIO COLUNA, por merito proprio, pois levaste avante o nome duma Patria k sequer tinha parido. Por ti ja o mundo salientava alegria, esperanxxonsos sao akeis k cm Orgulho de COLUNA, vejam um dia o privilegio por um mocambicano privilegiado. Mario Coluna. Sua Alma tenha um JAZZ ETERNO. há 3 horas

Helio Fernando Paunde Paunde Rip king co-lunahá 3 horas

Ivanswagger Welcome paz asua alma dixcan-xa em paz monstro comsagrado...mas permaneceras vivo nux nossos coracoes... há 4 horas

Alidey Sumaila Sumaila Descansa em paz, meu sentimentos afamilia enlutadahá 4 horas

Fred Goenha Descance em Paz Monstro Sa-grado.há 4 horas

Milagre Galileu Taunde A vida tem dessax k a sua alma descanxe em paz.há 4 horas

Herminio Fanheiro Que o GRANDE SENHOR o tenha e o guarde. Descanse em Paz Mário Co-luna aka Monstro Sagrado.há 5 horas

Ruth Manhica Paz a sua alma grande futebo-lista. há 7 horas

Nacir Samuel Matsimbe Importa referir que todos temos mesmo fim: voltar ao Pai Celestial! E também, na natureza nada se perde e nada se ganha, tudo se transforma. Humula hiku rhula Coluna (nehna ya tinehna) há 8 horas

Jorge Antonio Calane Kito Pese embora ter mamado tako q teria ate nos ajudado a construir um eatadio maior que o zimpeto e com combertura com s tinha falado na altura. qe gosta e acompanha noticias d desporto sb do q tou falando. há 9 horas

Macknolins Junior lasi foi o monstro qui des-canse em paz a sus alma há 11 horas

Castéla Zacarias Nhacale Que deus estaja consigo e descanse em paz... há 11 horas

Evaristo Munambo Vence quem luta e des-cansa quem trabalha,descanse em paz e res-sucite em glória há 11 horas

July Hova Carter Mukoka TU FOSTE LEGEND REST IN PEACE NAO FOSTE COMO O EUSEBUO PRETO TUGA tu reconheceste o seu povo voltas aca-sa deus -protege sua alma mereces monstro sagra-do · há 11 horas

Jonas Assunção Chau Esse sim Dignificou o Mocambique, diferente de Eusebio da Silva!! mas epah os dois se foram!! R.I.P há 11 horas

Ismael Malo Os meus sentimentos, descanse em paz Monstro Sagradohá 11 horas

Romao Da Domingas Uatocha vamos por DESLIKE todos akeles k puseram like,voces vao gostar da morte dele? K DIABOHá 11 horas

Joaquim Fortunato Jorge k Allah lhe contem-ple no grupo dos Martires , Amin !há 11 horas

Antonio Muzanha Mbebe descanse em paz campeao.há 11 horas

f

goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade · 155.985 gostam disto
24/2 às 12:16 ·

Forças governamentais estão a criar pânico na Vila de Gorongosa, desde as 19h40 estão a disparar me-tralhadoras. Os alunos da Escola Secundaria local chegaram mesmo a abandonar as aulas devido os disparos.

[http://www.verdade.co.mz/tema-de-fun-do/35/4306563](http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/4306563)

Francis Simão Paulo Os líderes Africanos têm todos os mesmos instintos de selvagens. Aqui em Angola o compadre do Guebuza, Eduardo dos Santos faz as mesmas merdas. · 24/2 às 12:29

Jacob De Araujo Mozava Sr ratifo,s for verdad k dlakama ta n serra d gorongosa, será est motvo d matar centenas d innocents? S tu co-nheceses gorongosa, teria vergonha xcrever bujardas. os dsparos d hje foi n meio rural e ñ na serra. Quanto tu ganhas pela mort d 1moçambcano? 24/2 às 13:15

Fidalgo Salomao Mauai Este so pode ser filho de um deles qu querem nos acabar e ficarem com tud, despotas... 24/2 às 19:21

Patrao Makwera O nosso mozambique vai podreecer d novo. Com esse dinheiro d com-prar balas pork e k nao aumentam o venciment dx professorex? · 24/2 às 12:45

Cristiano Manejo O qui se passa? Nao conse-guem superar a Serra pra defrontarem com os + + xtao intimidar criando desordem na populacao, vao atras do alvo ao enves de disparar aliatoriamente gastando municoes envao. · 24/2 às 12:23

Mungoi Jr Ozias So destraidos podem pensar os as FADM fizeram isso por mero capricho. Informem-se jornalistas · 24/2 às 21:40

Emidio Bucuane So vao agradecer gubuza quando ele sair do poder. Para vcx o unico precidente k foi bom so foi Mondlane. na era do Sa-mora nao gostavam dele, Chissano idem agora é gue-buza mas depois da saida de poder sempre serao bons para vcx. para aquele k vai entrar vai ser a mxma coisa.povo mcmbcno vamos ser serio em o k quermox · 24/2 às 12:43

Gilberto Guiboane Agradecer e pouco, o povo k sente na pele ira festejar a sua saida. Ja pre-paramos champagne. Espero k a comissao politica abra espaco pa outros candidatos da Frelimo. n kere-mos os 3/100 k nos sao impostos pelo Gueba pa continuar a manipular o país. · 24/2 às 20:20

Messias Jonatás Isso xta mal, viram que n podem com Dlhaka's, agora xtao a intimidar a populaxao?, onde ek vamx parar km isso, se xao tao homenx assim pk n sobem no ringue, Guebaz e Dlhakas, quem perder k seja banido d moz, xo axim havera paz aki3 · 24/2 às 12:37

Tarcísio Azevedo essa coisa de treinar/formar putos sem agenda clara e concreta...3 · 24/2 às 12:27

Calovio Calo Nao ha guerra no pais mas sim existem bandidagem. Essas forças governa-mentais extao a bater o Rhinocerontx ai nesse parke · 24/2 às 21:49

Crizalda Djamo Infelizmente quando as ne-gociacoes comecam a dar certo ainda ha ho-mens armados a a serem os justicei · 24/2 às 14:07

Oliveira Ernesto So querem matar ao Dlaka? E o povo k vive ai nao contam so disparam pork nao mao a mao e nao arma ao inocente? Ele esta na ponta vermelha sosegado e nossos irmaos enganados a matar inocentes. Pork ele nao pega na arma e va lutar com o homologo.1 · 24/2 às 13:53

Júlio Cism esse jornal podemos considerar jarnal mentira ou uma babugem que vem ten-tando babujar o povo mocambicano, o povo mocam-bicano sabe que o governo daFRELIMO é um governo visionario, acabou com o sequestro em Mocambique, e tenho a serteza que vai acabar com esses bandidos armados, é por isso que o povo vai votar mas uma vez a FRELIMO e o seu candidato nas eleicoes de 15 de outubro... FRELIMO YOHHHE · 24/2 às 13:56

Patrao Makwera A coisa k pica o meu cora-cao: as poucas coisas k temos sao dos nossos planos. + a vossa guerra vai destruir tudo e o resto vao saltar v6 mesmo! · 24/2 às 13:01

Jose Augusto Frederico Namizinga Estao a manifestar porque entrou salario deles onde, estao em priagados nao sabem o que estao a fazer1 · 24/2 às 12:25

Carlos Evaristo Vicente tamos apedir paz se-nhor guebuza a nossa vida vale muito mais k o vosso poder · 24/2 às 12:21

f

goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade



Jornal @Verdade

CIDADÃOS REPORTAM: desde sábado falta água po-tável nas torneiras dos bairros de Mavalane, Aero-porto, Ferroviario, zona da Costa do Sol #Maputo

Orlando Luis Nuvunga Em casa do nosso presidente Guebaza esta a sair água – homens peguem bidões mulheres latas, vamos pedir água!!! Que tal???? · 23/2 às 6:49

Jorge Novela imaginemos o cenário do ano passado,quando o governo andou em deba-mdada e estava pra acabar com os fornecedores pri-vados!!! o que seria do povo de Maputo? 24/2 às 2:42

Dino Banda Resolvam água é um liquido muito precioso e sem água nao ha vida.24/2 às 0:05

Daudo Aly Faque E exi governo faz ok nada e exi municipio ok faz24/2 às 0:04

Meirelles Rumen Rumen alto mae tam-bem23/2 às 23:16

Silverio Massango E triste quando vejo agua a ser desperdicada, ha sitios onde esta jora durante 24h 23/2 às 21:51

Berta Ancha Ancha Nós todos sabemos k Guebuza nao passa d um pato corrupto e mais alguma coisa k nem adianta citar, mas nem tudo k acontece d mal é culpa dele... 23/2 às 21:44

Helio Augusto Chirindza Manou tens certeza k Guebuza e ele que manda os homens da fipang? Ou ele k mandou fechar agua pra te castygar hum vem bem ysso pa! 23/2 às 23:24

Berta Ancha Ancha olha kuantto a esse as-sunto fomos avisados em quase todos bairros na cidade de Maputo n saia agua, nao acham que xtamos a exagerar ao culpar o governo ou algum partido por essas questoes? por que nao culpamos a instituicao fornecedora. eu creio que nem todos k trabalham nessa instituicao sao d mesmo partido. e tambem n existe algo feito pelo homem k dura p sempre, acredito k tenha avariado alguma coisa e xtavam a concertar, foram dois dias e ja temos agua. todos nós sabemos oki Guebuza é... · 23/2 às 21:38

Rui Jorge Faraç Sim e agora pergunto porquê que no tempo colonial isso não acontecia???? 23/2 às 22:09

Gil Gune O municipio d maputo e matola, es-ses dois municipios sao uma merda. Por varios pontos! Existem cortes de energia, nao abastece di-vidamente a agua que axams ser potavel e para estes dois pontos a que sitados eles e so decidir contaoo o abastecimento sem um pre-viso! 23/2 às 20:48

Octávio Ramos Cardoso Isto é das coisas que não deviam acontecer! Onde está a preocupa-ção em manter fiável e constante este bem publico? NÃO existe! Mas, obras de fachada, não faltam. É triste.23/2 às 18:55

Cabral Guilima Vamos aguentar, e a vida do nosso pais23/2 às 14:20

Rui Jorge Faraç a vida que o povo escolheu com partidos leninistas com independencia do país mal feita23/2 às 22:11

Nelson Da Christina Joaquim Bambo Aqui em Quissico nem digo, a agua nao chega pra todos e pra esses poucos nestes dias nao sai! grande desafio pra o edil k tomou posse!23/2 às 12:15

Pedro Manabe Mas o governo é insuportável, qeriam pra a agua privada nao funcionasse mais, oqe seria agora sem agua privada, o governo penxa algo erado, tinha razao Samora qando dizia qe um ambicioso é kapaz d tdo e d vender a patria. Vamos tirar agua na ponta vermelha lá nao tem falta d agua. Mesmo em kasa do Guebas tem agua. · 23/2 às 11:50

Cnelly Cossey gente espera o presidente do municipio primeiro quer instalar o comboio electrico do sul ao norte portanto esperem pacien-cia 23/2 às 11:02 · Editado

1ª edição do Concurso de Fotografia Para Amadores

Tema: "A saúde das mulheres"



Concurso
válido também
para o cidadão
repórter



Envia uma foto sobre a saúde da mulher para **averdade@gmail.com** até o dia **8 de Março** e habilita-te a ganhar **1 máquina fotográfica digital**.

REGULAMENTO

1 - O Concurso de Fotografia é realizado por uma parceria entre o Jornal @ Verdade e a WLSA Moçambique.

2 - Para fins deste concurso, somente poderão participar fotógrafos não-profissionais, cuja imagem não possua características comerciais.

3 - São impedidos de participar: fotógrafos profissionais, membros d'@ Verdade e da WLSA Moçambique.

4 - A participação no Concurso é voluntária e gratuita.

5 - O tema deste ano é **"A saúde das mulheres"**. O objectivo é registar uma imagem que, na opinião da/o fotógrafa/o, represente a situação da saúde das mulheres em Moçambique e a sua importância para o desenvolvimento. As fotos poderão mostrar vários aspectos relacionados com a temática, que podem ir desde a maternidade, à nutrição, aos cuidados de higiene, às condições de trabalho, e outros.

6 - As fotos não poderão ser manipuladas e alteradas, como por exemplo, montagens e correcções feitas em programas de edição. As mesmas serão analisadas por profissionais da área.

7 - A responsabilidade de utilização de todo ou qualquer bem de titularidade de terceiros, protegido pela legislação de direitos autorais, cabe inteira e exclusivamente aos fotógrafos participantes.

8 - Cada fotógrafo amador poderá **inscrever até 3 (três) fotos**. As fotos deverão ser enviadas para o email **averdademz@gmail.com** juntamente com as seguintes informações: Nome completo do fotógrafo, título da fotografia, data e local onde foi feita a fotografia, endereço do fotógrafo, telefone(s) para contacto, e-mail e endereço nas redes sociais (facebook e twitter).

9 - O prazo de envio das fotos é **até 8 de Março**.

10 - Uma comissão de avaliação indicada pel'@ Verdade e pela WLSA, irá seleccionar **3 fotos vencedoras na 1ª edição do concurso**.

Estas fotos serão postadas no site e FaceBook das organizações promotoras do concurso, para além de serem divulgadas na edição em papel d'@ Verdade em datas previamente fixadas, que serão comunicadas a todas/os as/os participantes.

11 - Os promotores reservam para si o direito de utilização das imagens para fins promocionais ou institucionais, por tempo indeterminado, concedendo ao fotógrafo o crédito da obra.

12 - A participação neste concurso cultural implica na autorização irrestrita da utilização de nome, som de voz e/ou imagem dos vencedores, na divulgação, em qualquer espécie de mídia, do resultado do mesmo, sem que isso gere qualquer encargo para os promotores.

13 - Aos **três primeiros vencedores em cada edição do concurso será oferecida 1 (uma) câmara fotográfica digital** escolhida pelos organizadores do evento.

14 - O prémio é pessoal e intransferível.

15 - O prémio não poderá, em hipótese alguma, ser trocado por dinheiro ou por qualquer outro produto.

16 - A divulgação do resultado oficial do vencedor acontecerá no dia **12 de Março** e serão divulgados no jornal @ Verdade e nos meios multimédia dos promotores. O prémio poderá ser levantado n'@ Verdade no máximo de **60 dias** após o anúncio do resultado do concurso.

17 - O não cumprimento de quaisquer das regras deste regulamento poderá causar, a critério dos organizadores, a desclassificação da fotografia e do participante.

18 - Ao inscrever-se no Concurso o participante automaticamente aceita todos os termos deste regulamento.

19 - As dúvidas sobre o presente concurso poderão ser esclarecidas através do email **averdademz@gmail.com**, Whatsapp **843998634** ou ainda através da página do facebook do jornal <https://www.facebook.com/JornalVerdade>.

Patrocínio:



WLSA Moçambique

Apoio:

